



ARTE DESPERTAR: PRIMEIRA DÉCADA



ARTE DESPERTAR: PRIMEIRA DÉCADA

São Paulo, 2010
Associação Arte Despertar





NOSSA ARTE É
DESPERTAR O MELHOR
DO SER HUMANO



0

IMPRESCINDÍVEIS UTÓPICOS

EDUARDO MONTECHI VALLADARES

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você

PAULO LEMINSKI
Contranarciso (1980)

IMPRESINDÍVEIS UTÓPICOS

Este texto é um convite. Caro leitor, leia atentamente o livro que está em suas mãos. Ele conta, em capítulos escritos por diferentes autores, os dez anos de trajetória da Associação Arte Despertar. Essa é, com certeza, uma história que merece ser conhecida.

Sabemos que décadas são marcações arbitrárias, embora possuam uma representação simbólica bastante grande para a maioria das pessoas. Na história da humanidade a predileção pelo número dez não foi um acontecimento fortuito. Na Antiguidade alguns povos primitivos adotaram a divisão em dez porque simbolizava a ideia de fim, de consumação. Essa noção provavelmente está ligada ao fato de, com o auxílio dos dedos, só podermos contar até dez. Mesmo hoje, quando fingimos que já somos civilizados, ainda continuamos presos às antigas crenças de nossos ancestrais. Mas, de qualquer forma, a publicação de um livro que relata os dez anos de atuação de uma entidade que cotidianamente nos mostra que a solidariedade é possível e que as perspectivas propostas são realizáveis é sempre uma notícia alvissareira.

A razão da existência da Associação Arte Despertar é despertar pessoas, procurando assegurar que cada indivíduo tenha possibilidade de acesso ao seu potencial criativo. Talvez o seu papel mais importante seja nos lembrar o tempo todo de algo do qual os homens já deveriam estar suficientemente persuadidos: o Outro não deve jamais ser tratado como um objeto inanimado, que pode ser manipulado impunemente. É necessário sempre levar em consideração seus desejos e suas vontades, suas características e suas singularidades.

Existe uma questão ética fundamental para cada um de nós: como devo viver? Em uma de suas últimas entrevistas, o filósofo francês Michel Foucault observou: “O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte se tornou algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida. (...) Mas a vida de cada indivíduo não poderia se tornar uma obra

de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas não as nossas vidas?” As respostas às perguntas feitas por Foucault talvez sejam um bom caminho a ser trilhado por todos aqueles que se indagam “sobre” como devem encaminhar sua vida.

O que Foucault chamou de “estética da existência” é um convite a que nos tornemos responsáveis pela beleza de nossa própria vida. Isso pode ser alcançado por todos aqueles que forem capazes de promover um questionamento ético e construir um estilo de vida pautado por valores generosos, solidários e ousados. A ideia de que devemos nos ver como um objeto em constante processo de autoelaboração também exige o uso de grandes doses de criatividade. A aceitação dessa abertura para as novidades significa não reconhecer qualquer tipo de enquadramento, rejeitando toda tentativa de normalização.

O cuidado de si (aquele que pretende tomar a si mesmo como objeto de cuidado) não significa que não se possa olhar os Outros. Pelo contrário, é a partir do, e com o Outro, que nos tornamos, no início e ao longo de toda a nossa vida, aquilo que somos: seres humanos sociais.

Para o filósofo Jean-Paul Sartre, o homem está condenado a ser livre, o que significa que so-

mos os únicos responsáveis pela escolha de objetivos e dos caminhos para atingi-los. Por termos a absoluta liberdade de fazer as nossas opções, a modificação do projeto inicial é, a todo o momento, possível. Nós somos aquilo que decidimos ser.

Todos estamos continuamente vivenciando situações problemáticas ou absurdas. Em função da nossa finitude é importante termos cuidado na escolha de nossos caminhos. A descoberta de que somos livres traz inevitavelmente a angústia, pois somos responsáveis por todas as consequências advindas de escolhas. Fugir à liberdade significa aceitar a presença de alguém que se responsabilize por nossa vida. O fato de nossos sucessos ou fracassos poderem ser atribuídos a Outro pode até trazer uma sensação de tranquilidade e segurança, mas sinaliza que escolhemos viver na condição de servos. Ao optar pela liberdade, encarando a angústia de frente, assumimos o risco de viver uma aventura que não tem roteiro traçado. Em suma, risco é sinônimo de liberdade. Talvez nada seja mais desprezível do que aquele que é “sempre um cauteloso pouco a pouco”. Podemos, portanto, escolher fazer de nossa vida uma obra de arte. Basta ousar.

No ato de produzir arte está presente o uso do real e do imaginário, do subjetivo e do objetivo,

do não utilitário e do prático. As obras de arte, assim como aqueles que ousam romper com a mesmice, sempre possuem diversas camadas de significações. Elas permitem não apenas retratar um mundo, mas também uma variedade de leituras tão grande quanto a imaginação de quem as produz. É justamente essa possibilidade de emergência de tão imensa diversidade de olhares que pode fazer da arte um agente facilitador da relação entre os homens.

Outro dado importante é que a arte possibilita momentos de catarse (do grego *katharsis*; traduzido por purgação, purificação), ou seja, uma poderosa descarga de emoções que faz com que as tensões individuais sejam aliviadas pelo fato de as pessoas poderem vivenciar uma comunhão. Também é importante recordar que, para Aristóteles, filósofo ateniense do século IV a.C., a catarse possuía uma clara conotação moral e política. Ela era significativa para o aperfeiçoamento moral da pólis (Cidade-Estado na Grécia Antiga), permitindo que os cidadãos encontrassem soluções para seus conflitos de interesse e de opinião. Uma cidadania ativa é aquela em que os cidadãos efetivamente participam das decisões políticas que os afetam. Para que isso ocorra, são necessárias duas condições: a existência de isonomia (igualdade perante a lei) e a presença efetiva da isegoria (igualdade

de no direito de expor e discutir em público opiniões sobre ações que a cidade deve ou não realizar).

No século XXI, após uma série de conquistas que ampliaram os direitos individuais, ainda persistem flagrantes desigualdades. A situação de todos aqueles que vivem em condição de fragilidade é de relativo, mas perceptível, esvaziamento de sua condição de cidadania. Parece que foram condenados ao reino dos sem-memória, dos sem-razão, dos sem-voz. A tutela que é exercida sobre essas pessoas, mesmo que haja a intenção de protegê-las, pode levar ao enfraquecimento de suas subjetividades. Por isso, é necessária uma postura sempre atenta dos profissionais que atuam em programas voltados a elas.

É preciso assegurar que os silenciados de todos os tipos possam falar. Silenciados são todos aqueles que, ainda que estejam urrando suas dores e seus sofrimentos, não são escutados. Isso ocorre porque muitas vezes os gritos encontram apenas ouvidos moucos, incapazes de despertar para ouvir a voz do Outro. Tratados como marionetes, cujos cordéis podem ser manipulados arbitrariamente, não são vistos como seres humanos, mas como simples objetos animados no processo produtivo. É tarefa de todos restituir-lhes a voz.

Muitas vezes, nossa identidade pode ficar diminuída pela realização de trabalhos repetitivos e monótonos. As atividades em que não há espaço para expressão de desejos e de individualidade acabam corroendo nosso amor-próprio e nos embrutecendo.

O cotidiano tanto pode ser um espaço e um tempo de repetições enfadonhas como uma condição essencial para que se criem os laços de solidariedade para uma vida mais prazerosa. Cabe a cada um fazer a escolha que quer para si, entendendo que esta pode contribuir para a criação de empreendimentos coletivos.

A luta pelo reconhecimento da unicidade de cada pessoa é marca da Associação Arte Despertar. Em dez anos de existência, inúmeros projetos foram desenvolvidos em várias comunidades de baixa renda. As dezenas de milhares de pessoas (crianças, jovens e adultos) atendidas ao longo desse período foram tratadas sempre como seres dotados de qualidades originais, que possuíam necessidades diferenciadas. Este talvez seja o seu grande mérito: trabalhar a inclusão cultural de populações desfavorecidas, respeitando cada indivíduo.

Isso significa que, ao mesmo tempo em que procura transformar um ambiente marcado por diversas carências, reconhece e valoriza a identidade, as raízes e o meio sociocultural de cada um dos beneficiários.

No transcorrer dos projetos são desenvolvidas diversas atividades artístico-educativas – em artes visuais, artes cênicas, música ou literatura. Contadores de histórias incentivam a paixão pela leitura, além de encantarem e ampliarem o repertório cultural de todos os que participam dessa atividade.

Com o objetivo de ampliar a visão de mundo e experimentar novas formas de olhar e pensar, são organizadas visitas a exposições e museus, idas a espetáculos, shows e palestras.

Outro ponto que merece destaque é a capacitação de jovens que vivem nas comunidades em que os programas são desenvolvidos. Não se trata apenas de assegurar a formação de pessoas para difundir propostas, mas também habilitá-las a ampliar espaços de cidadania. Nos encontros são discutidas questões que envolvem relação interpessoal, limites, autodisciplina, trabalho em grupo, noções de pertencimento, identidade, inclusão-exclusão, aspectos que motivam a elaboração de projetos de vida.

Essa preocupação com a capacitação contínua não se limita às pessoas atingidas pelos programas. Ela também está presente, de maneira obsessiva, entre os participantes das equipes técnicas e do Conselho Diretor.

A Associação Arte Despertar também tem se dedicado à promoção de ações em hospitais. A ideia é utilizar a arte como um dos componentes do processo terapêutico, o que pode beneficiar não apenas o paciente, mas todos os profissionais das equipes de saúde. Nessas intervenções procura despertar, por meio de atividades artísticas, a capacidade de reflexão humanizada, influenciando as pessoas a vivenciarem experiências que as afastem do estresse geralmente enfrentado no cotidiano de um hospital, que as façam afastar-se da dor, do sofrimento, da relação estritamente profissional e as motivem a voltar sua atenção para o estabelecimento da dignidade humana.

Ao valorizar o caráter único de cada paciente por meio da arte é possível revitalizar um exercício de imaginação e de liberdade negado por uma cultura hospitalar marcada pela superespecialização. A arte, especialmente nesse contexto, é uma forma de percepção e de expressão humana capaz de desvelar a realidade interior e exterior. Ela proporciona outras leituras do mundo, abre possibilidades para questionamentos e pode contribuir para humanizar as relações, fazendo com que todos percebam que a doença não privou o paciente de seus direitos e ele é uma pessoa, não mais um caso que precisa ser rapidamente resolvido. O diálogo possível

de se estabelecer a propósito da vivência artística tem ainda a potencialidade de contribuir com o tratamento das doenças.

As moléstias não são apenas um dado biológico. Às vezes, a dor mais dilacerante pode ser aquela que mesmo os sedativos mais poderosos não podem atenuar. No cotidiano das internações não é raro que um paciente deixe de ser visto como ser dotado de desejos, inquietações e incertezas. Ele é apontado como um observador passivo de sua própria vida. Nessas situações o estímulo à arte pode ajudar na construção de um novo modo de existir no mundo que abarca as manifestações de solicitude como forma de buscar compreender o ser doente em sua existência plena.

Algumas palavras, de tão usadas, perderam sua força, viraram jargões esvaziados de significado. Isso é lastimável, já que muitos desses termos hoje rotos representam os melhores projetos que homens e mulheres foram capazes de sonhar. O programa da Modernidade, inaugurado com a busca da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, ainda não se completou, mas sua implantação continua sendo uma exigência premente.

Quantas vezes aqueles que tentaram organizar atividades em que o cuidado de si também envolve o cuidado do Outro foram tratados

como utópicos, sonhadores? Os denominados realistas adoram chamar de utópicos àqueles que não abdicaram da possibilidade de sonhar e de implantar projetos transformadores. Os que dizem “ter os pés no chão” afirmam que devemos nos ater apenas àquilo que é possível. O problema é que o possível deles é muito pouco. Os apologistas de uma sociedade racionalizada e organizada em torno do consumo e do mais egoísta dos individualismos renunciam às pulsões de vida e se acreditam modernos. Não passam de conservadores.

É bom lembrar que a palavra utopia significa lugar nenhum, ou “lugar que não existe”. Ora, o fato de algo não existir não significa impossível de vir a ser construído. Por isso, ela também pode ser entendida como relacionada a todo sonho generoso de renovação social.

Denominar as pessoas que trabalham na Associação Arte Despertar de sonhadoras ou utópicas não significa, de modo algum, acusá-las de terem uma visão ingênua sobre o papel da arte. Não se trata de confundir o incentivo ao processo criativo com a procura tresloucada da descoberta da tão almejada panaceia.

A cura para todas as moléstias não está obviamente na arte. Além disso, não podemos nos esquecer da visão utilitarista e manipuladora em relação à arte adotada pelos regimes tota-

litários do século XX. No totalitarismo a lei se confundia com a vontade do Führer (nazismo) ou do Guia Genial dos Povos (stalinismo), que se identificava com a vontade do partido e do Estado. O objetivo final era a abolição completa das vontades individuais, o fim da distinção entre a vida pública e a vida privada. Como todo pensamento dogmático, nazismo e stalinismo eram essencialmente maniqueístas. O Bem e o Mal eram definidos de maneira nítida. As nuances não eram levadas em consideração e eles não toleravam qualquer tipo de crítica ou questionamento. Os dois regimes tinham suas listas de artistas que deviam ser política e ideologicamente execrados. A arte, nesse caso, era a arte do regime. O artista oficial era apenas panfletário de uma ideologia estabelecida pelos líderes. Ao impedir qualquer tipo de debate, ao impor rígidas receitas a serem seguidas por todos, instituíam uma tutela revoltante sobre a criação literária e artística.

O que a Associação Arte Despertar propõe é bastante diferente disso. Eu arriscaria dizer que as pessoas que lá trabalham são, em vários sentidos, herdeiras de várias gerações de generosos idealistas.

No agitado ano de 1968, Paris foi tomada por sonhadores que encheram as ruas e praças da cidade com seus *slogans* carregados de desejos. Mesmo passados tantos anos, algumas

dessas reivindicações continuam mantendo o seu frescor, como, por exemplo: “A imaginação no poder” e “Sejamos realistas, exijamos o impossível”. De certo modo, ser utópico é ser o realista que almeja o impossível, pois intui que não existe uma solução verdadeira ou definitiva. Essa é meta inalcançável, visto que a humanidade se desloca sem parar, criando constantemente novas necessidades. Mas esse utópico, ou o realista que sonha com o impossível, também sabe que conspirar é respirar junto e que a felicidade só é possível se for um projeto coletivo.

A Fraternidade, a Liberdade e a Igualdade não foram até agora conquistadas, mas buscá-las se mostra atual e vital. Se a utopia não foi alcançada, ela pode, pelo menos, ser vislumbrada. E é espantosamente linda.

Por sua vez, os sisudos realistas, os eternos “pés no chão”, perderam a elegância que acreditavam ter, tornaram-se burocratas que se escondem atrás de suas escrivadinhas (reais ou metafóricas). Com supostos discursos pragmáticos, não passam de disseminadores do cinismo.

Quanto mais cinza vai ficando o céu, mais importante se torna a existência de sonhadores. Mudanças fundamentais só podem ser originárias de corações e mentes apaixonados. Afinal, apenas pessoas embebidas pela paixão são ca-

pazes de modificar radicalmente sua vida, desistir de projetos há muito consolidados e arriscar tudo pelo novo e desconhecido. Somente eles, os utópicos sonhadores, podem nos tirar da dormência e nos proporcionar um efetivo despertar. Por tudo isso, eles são cada vez mais imprescindíveis.

O senso comum afirma que só é útil o que pode gerar riqueza, prestígio, poder. Caso fiquemos presos apenas a esse sentido da palavra, de fato, a atuação da Associação Arte Despertar não tem nenhuma utilidade. Porém, se traduzirmos utilidade como tudo que é capaz de trazer benefícios aos seres humanos, esses “inúteis” homens e mulheres que nela trabalham são imprescindíveis.

Não há garantias de final feliz. Nunca há. Mas existe a aposta na razoabilidade humana, na possibilidade de elaboração conjunta de uma responsabilidade ética que objetive a construção de um mundo pessoal e comunitário menos sofrido e, portanto, mais feliz. Talvez iniciativas como a da Associação Arte Despertar não tenham força suficiente para mudar o curso da história. Mas se elas conseguirem, pelo menos, fazer com que um número cada vez maior de pessoas perceba que é fundamental olhar o Outro, por si só isso já é um fato relevante, que merece comemorações.

Por isso, reitero o convite à leitura cuidadosa deste livro. Espero que ele contribua para que um número maior de pessoas conheça o trabalho desses sonhadores e perceba que ainda é possível fazer com que algumas utopias se tornem realidade. Que essa realidade inspire novos sonhos, outras utopias. E que, nesse compartilhamento de sonhos, cada um de nós, leitores, venha a se tornar mais um comparsa dessa empreitada. Afinal, quem disse que a palavra cúmplice significa apenas reunião de pessoas para promover atos maldosos ou ilícitos? A Associação Arte Despertar, formada por um bando de idealistas incorrigíveis, nos mostra exatamente o contrário.



1

A NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL
EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: DO INÍCIO
DA MODERNIDADE AO CONTEXTO QUE GEROU
A ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR

RUI LUIS RODRIGUES

UM LENTO DESPERTAR

O homem reinventa constantemente seu modo de viver em sociedade. Num processo sempre complexo, porque inclui negociar não apenas com os dados concretos da realidade, mas também com as estruturas mentais e os imaginários de cada época, o ser humano encontra caminhos pelos quais concede significado ao mundo que o rodeia. Nada mais inadequado, portanto, do que julgarmos ações e procedimentos de outra época à luz da nossa própria. Quando pensamos em responsabilidade social encontramos uma ilustração perfeita desse fato.

A expressão “responsabilidade social” diz respeito à valorização e busca da dignidade humana, ao cuidado integral do homem, com atenção para as múltiplas dimensões que o constituem. Isso é realizado a partir da consciência de que o equacionamento das questões sociais é responsabilidade de toda a coletividade.

Eliminação da desigualdade, humanização das relações sociais, valorização do indivíduo e de sua autonomia – todas essas preocupações são recentes, típicas de nossa época e encontram-se expressas num vocabulário que não faria sentido cem anos atrás. Isso não significa, contudo, que outros períodos históricos tenham desconhecido a preocupação com o ser humano. De uma forma ou de outra, o cuidado com o semelhante tem nos acompanhado ao longo de nossa história; mudaram, todavia, as formas de elaboração desse cuidado, bem como os pontos de vista a partir dos quais a sociedade, teatro dessas preocupações, era pensada.

Por muito tempo, a preocupação com o bem-estar de outros seres humanos, especialmente daqueles em situação de fragilidade, caminhou ao lado de uma noção estática de sociedade. Para permanecer apenas nos limites da civilização ocidental, a atitude típica do pensamento medieval diante do que hoje chamamos de “problemas sociais” serve-nos de exemplo. Sem uma compreensão mais acurada das causas reais da pobreza, restava ao homem medieval apenas o recurso de entendê-la como expressão da

vontade de Deus; por meio da pobreza a graça divina salvava o pobre, assim como salvava o rico pelo exercício da caridade. Essa perspectiva mostra-se mais ou menos constante ao longo do primeiro milênio de civilização cristã; para João Calvino, em pleno século XVI, a pobreza não era mais caminho de salvação, mas continuava a ser expressão da soberania divina. Já na mística franciscana, por outro lado, o pobre era imagem de Cristo e a pobreza ganhou um novo valor teológico e moral, tornando-se modelo e fonte de inspiração.

Em grande medida, a perspectiva da sociedade como realidade dinâmica é uma das características da Modernidade. O século XVI assistiu a uma mudança decisiva na maneira de se pensar a questão dos que se encontravam em situação de fragilidade social. Tomada em si mesma, a pobreza já não representava virtude evangélica; o humanista espanhol Juan Luis Vives (1492-1540) chegou a sugerir em seu “De subventionem pauperum” (“Sobre a ajuda aos pobres”, 1526) que Cristo não reconheceria como pertencentes a si pobres tão afastados dos costumes e da santidade de vida que ele ensinou. Tanto em ambientes católicos quanto em contextos protestantes, medidas severas começaram a ser tomadas para a repressão da mendicância: procurava-se suprimir, assim, aquilo que antes era visto como necessário exercício da piedade cristã.

Esse foi o momento, contudo, em que novas formas de tratar as questões ligadas à pobreza foram encontradas. O grande êxodo rural verificado nas duas primeiras décadas do século XVI nos Países Baixos e nos territórios alemães levou à implementação de medidas visando otimizar o cuidado dos que se encontravam em situação de miséria. A obra de Vives é fruto desse período, representando de forma emblemática as soluções então encontradas. Para ele, o homem torna-se efetivamente humano pelo aprendizado; assim, a capacitação técnica era vista por Vives como fundamental para a eliminação da miséria. Em seu trabalho, Vives demonstrou um grande conhecimento da manufatura têxtil de seu tempo, chegando a fazer considerações sobre o necessário equilíbrio entre a oferta e a demanda de mão de obra.

Todavia, mais do que nos detalhes práticos de seu programa de ajuda aos pobres, é num aporte que hoje chamaríamos de ideológico que a contribuição de Vives se revelou decisiva. Ele demonstrou como a atitude tradicional interpretava erroneamente as palavras de Cristo em Marcos 14:7 (“Na verdade, sempre tereis os pobres convosco”), tomando-as na forma de uma aceitação resignada, como se a pobreza fizesse naturalmente parte da ordem social. Vives também desprezou o hábito, arraigado, de se considerar os pobres

como entidades sagradas, os *sancti pauperes*, agentes, pela pobreza, da sua própria salvação e da salvação dos demais membros do corpo social. Ao mesmo tempo, Vives se mostrou bastante compassivo em relação aos que se encontravam realmente em situação de necessidade.

Podemos sumariar a posição de Vives afirmando que ela representa um reconhecimento, ainda que embrionário, do caráter complexo das relações sociais. A miséria possui causas efetivas, não atreladas à vontade de Deus mas a dinâmicas sociais bastante concretas. Evidentemente, essa análise não foi conduzida de forma objetiva por Vives; suas recomendações para a eliminação da miséria, contudo, refletem uma percepção acurada de suas causas. O ócio, por exemplo, é visto como um dos principais fatores de fomento da pobreza; para corrigi-lo não bastam leis impostas pela autoridade civil. Eventualmente, torna-se necessária a capacitação profissional do indivíduo ou sua realocação em regiões onde exista demanda para suas atividades. Ao refletir sobre os benefícios de se combater em tais termos a pobreza, Vives também dá conta de uma refinada compreensão das dinâmicas sociais: ele intui, por exemplo, que um dos resultados positivos de se aliviar a miséria seria a diminuição dos crimes.

O ser humano tem mais facilidade para viabilizar novas tecnologias do que para mudar as antigas e arraigadas concepções que constituem seu universo mental. A lenta passagem de uma noção estática de sociedade para outra, dinâmica, que responde a causas materiais e que, portanto, comporta a possibilidade da mudança, exemplifica bem esse trabalho complexo que é a transformação do imaginário. No que diz respeito à ideia de responsabilidade social os inícios da Modernidade marcaram um decisivo ponto de inflexão.

DA FILANTROPIA À AÇÃO TRANSFORMADORA

O limiar da Modernidade assinalou, também, a emergência de dois fatores importantíssimos para as transformações que geraram a perspectiva de responsabilidade social. Trata-se do Estado moderno e das modernas relações de mercado.

O Estado moderno caracterizou-se pela centralização política e administrativa, que obrigou à criação de um aparelho burocrático capaz de absorver as múltiplas funções que o Estado passou a concentrar (arrecadações, monopólio da violência através dos exércitos nacionais, subordinação dos mais diversos foros à autoridade central). Esse processo, grosso modo, estabeleceu-se de modo irreversível na passagem do século XVI para o XVII e desenvolveu-se até chegar, no século XIX, aos Estados-nação plenamente consolidados.

Por outro lado, a expansão europeia para outros continentes, possibilitada pelos desenvolvimentos tecnológicos do século XV, permitiu a configuração de uma economia-mundo marcada pelas relações de centro e periferia. No bojo desse processo, o capitalismo se estabeleceu produzindo novos sentidos para a noção de “mercado” ao longo de uma história complexa, assinalada por fases (comercial, industrial, financeira) e por crises. Mas é significativo observar que todos os principais embates ideológicos da época moderna giraram em torno dessas duas grandezas, desde o liberalismo econômico clássico, com Adam Smith (para quem o Estado deveria ser colocado à sombra pela “mão invisível” do mercado), até o socialismo, com sua perspectiva de controle e eliminação do mercado que, ao fim e ao cabo, deveria conduzir à própria superação do Estado.

No século XIX, o triunfo da ideologia liberal assentou como “fato” a noção ideológica de separação absoluta entre três esferas distintas: a esfera política, a esfera econômica e aquela considerada como de natureza sociocultural. Não é difícil enxergar nessa divisão tripartite a presença das esferas do Estado e das relações de mercado, acrescidas de outra que

passava a se delinear, a esfera da sociedade civil. A moderna departamentalização dos estudos universitários, consagrada em fins do século XIX, representou a oficialização dessa perspectiva, à medida que incorporou a noção de que tais realidades (a social, a política, a econômica) poderiam ser estudadas isoladamente.

Tanto essa departamentalização quanto sua matriz, a divisão tripartite, mereceram críticas severas que lhes foram endereçadas pelas ciências humanas ao longo do século XX. Essas esferas não são, e nunca foram, autônomas. Desde seu início, as relações capitalistas de mercado estiveram mescladas com o poder político; a vida social, por seu lado, não se realiza à parte da economia ou da política. No entanto, o que nos interessa é reconhecer o quanto essas grandezas (especialmente Estado e mercado) tornaram-se decisivas para a autocompreensão da sociedade ocidental e para sua maneira de pensar o problema da responsabilidade social.

Em pleno florescimento do capitalismo industrial, no século XIX, as questões sociais eram ou negligenciadas ou tratadas em termos de filantropia; neste segmento, começaram a notabilizar-se alguns grandes detentores do capital, ao lado de instituições já tradicionais nesse tipo de atividade, como as igrejas. A participação do Estado existia, mas era mínima, em consonância com a ideologia liberal. A principal mu-

dança nesse quadro se deu por conta da grande crise mundial do capitalismo financeiro, no decorrer da década de 1920. O caos social decorrente dessa crise teve que ser enfrentado com ferramentas estatais. Do ponto de vista teórico, os subsídios para essa ação estatal haviam sido lançados, pouco antes, pelo economista inglês John Maynard Keynes. Para este economista, o Estado possuía, entre as suas funções, também a de estabelecer políticas sociais públicas cuja criação legitimava, inclusive, a atuação direta do Estado na economia. Tais políticas, como a adoção de medidas visando o pleno emprego e a criação de garantias sociais – previdência, salário-mínimo etc. –, tinham como finalidade, na lógica de Keynes, estimular o consumo ao fomentar o poder aquisitivo da população.

A doutrina do “Estado de bem-estar social” (*welfare state*), como ficou conhecida, respondia tanto à necessidade específica do capitalismo de superar uma crise cíclica, mas que atingira proporções gigantescas, quanto às pressões por mudanças sociais estimuladas pela pregação socialista. Enquanto no contexto norteamericano a motivação principal, ao menos em termos do discurso ideológico, continuou sendo a revitalização do capitalismo, na Europa a social-democracia serviu-se do conceito para estimular a distribuição de renda e atingir uma situação de equilíbrio frente às demandas sociais. É importante assinalar que o “Estado de

bem-estar social” representou uma mudança significativa no tratamento das questões sociais, em relação às posturas filantrópicas prévias: sua principal inovação era o reconhecimento da responsabilidade do Estado na equalização desses problemas.

A crise do “Estado de bem-estar social” é um fenômeno complexo cuja análise as paixões ideológicas tornam ainda mais difícil. Pode-se afirmar, no entanto, que a crise financeira da década de 1970, somada ao peso excessivo das estruturas burocráticas do Estado, comprometeram profundamente a viabilidade das ações estatais reguladoras no campo social. Deve-se acrescentar a esse quadro, ainda, as diferenças flagrantes entre centro econômico e periferia, tão características da economia-mundo moderna; nesse sentido, é lícito perguntar se e em que medida países periféricos, como o Brasil, tiveram alguma experiência efetiva com o *welfare state*.

Todavia, a segunda metade do século XX preparou as condições necessárias para algumas mudanças importantes no tratamento dos problemas sociais e, em especial, na noção de responsabilidade social. A disseminação de um ideário de justiça social amplamente compartilhado; os desenvolvimentos do pensamento filosófico no século XX, com sua valorização da liberdade e autonomia humanas; a percepção não apenas do caráter predatório do capitalismo, mas prin-

cipalmente dos estragos causados à natureza e às relações sociais pela aplicação indiscriminada da “razão instrumental”, ou seja, da razão entendida tão somente como ferramenta para o progresso técnico; a emergência de movimentos sociais na periferia da economia-mundo, especialmente no contexto da descolonização da África e da Ásia e do irrompimento de revoltas na América Latina: esses fatores obrigaram a uma reconfiguração dos termos do debate, que se centrara de forma demasiado simplista nos papéis do Estado e do mercado.

Enquanto a atividade filantrópica sempre se pautara por princípios assistencialistas, a consciência emergente na segunda metade do século XX encaminhava-se para o reconhecimento da necessidade de ações transformadoras no âmbito das questões sociais. Não bastava minorar os males da desigualdade; era preciso trabalhar pela superação desses problemas em diversas frentes. Por outro lado, mesmo a atuação do Estado nas questões estruturais não era mais vista como suficiente. De objeto passivo da ação, fosse das iniciativas filantrópicas mais ou menos regidas pelo capital, fosse do Estado em sua tentativa de promover o bem-estar da sociedade, o ser humano precisava passar a sujeito ativo, a agente das transformações do seu próprio mundo. Foi a partir desse denso caldo de cultura que surgiu, nas últimas décadas do século XX, o conceito de Terceiro Setor.

O TERCEIRO SETOR: GÊNESE DE UM CONCEITO

Em fins do século XX, o processo de formação da economia-mundo, cujo início pode ser emblematizado pelas grandes navegações do século XV, alcançou seu ápice com uma configuração absolutamente mundializada e ocidentalizada do planeta. Ao mesmo tempo, nossas sociedades tornaram-se especialmente complexas, a tal ponto que passou a ser difícil explicar essa nova realidade social em termos das duas grandezas típicas da época moderna, o Estado e o mercado, ou mesmo em termos da velha estrutura tripartite proposta pelo liberalismo. Por outro lado, a reflexão crítica de boa parte da intelectualidade ocidental parecia buscar um caminho alternativo, para longe das respostas tradicionais oferecidas pelo *laissez-faire* liberal e das soluções estatizantes propostas tanto pelo socialismo quanto pelo *welfare state*.

Ao propor sua “teoria crítica da sociedade”, a Escola de Frankfurt, formada por intelectuais que, a partir da década de 1920, procuraram repensar o marxismo com o auxílio de aportes oriundos de outras ciências humanas, foi decisiva para encaminhar a reflexão ocidental para além das polarizações nas quais ela se encerrara (especialmente as polarizações Estado/mercado e capital/trabalho). Um de seus méritos foi demonstrar como a razão instrumental, o conceito iluminista de razão aplicado aos objetivos técnicos da civilização industrial, encontrou guarida mesmo no âmbito do marxismo ortodoxo. Os resultados negativos dessa aplicação da razão instrumental, como o descaso ecológico patente nas sociedades industriais e a banalização do ser humano, que alcançou seu auge nos totalitarismos, poderiam ser encontrados, portanto, em todas as sociedades e não apenas naquelas alinhadas a um dos polos ideológicos característicos do século XX.

Eficientíssima e inspiradora em sua análise da sociedade dominada pela razão técnica, a teoria crítica, exemplificada pela “Dialética do Esclarecimento” de Theodor Adorno e Max Horkheimer, não ofereceu todavia uma perspectiva de escape do quadro sufocante de uma sociedade que

atingiu seus limites e, portanto, beirava a autodestruição. Esse trabalho de redimensionar alternativas para o futuro seria conduzido posteriormente, por pensadores que podem ser considerados como herdeiros da teoria crítica proposta pela Escola de Frankfurt. Dentre eles, o mais relevante para uma compreensão do surgimento do conceito de Terceiro Setor é, sem dúvida, Jürgen Habermas.

Habermas não formulou o conceito de Terceiro Setor, cuja origem será detalhada a seguir. Mas é quase consensual a percepção de que a teoria de Habermas pode ser invocada como matriz desse conceito, sobretudo em dois pontos fundamentais: a identificação de uma terceira esfera na sociedade, com uma lógica diferente tanto em relação ao mercado quanto ao Estado; e a perspectiva de que as sociedades contemporâneas, em sua complexidade, não admitem mais soluções oriundas das antigas polarizações.

Para Habermas, Estado e mercado constituem o “mundo sistêmico”, fundamentado pela razão instrumental e marcado pelas relações típicas do capitalismo, sobretudo pelo controle do indivíduo a partir das exigências do capital. Em oposição ao mundo sistêmico situa-se o “mundo da vida”, a esfera da sociedade e da cultura, fundado na linguagem e marcado pela busca do consenso entre os in-

divíduos através do diálogo; trata-se de uma esfera de autonomia, sempre em luta contra a colonização imposta pelo mundo sistêmico. A disputa política fundamental das sociedades contemporâneas se dá, segundo Habermas, nesse confronto entre mundo sistêmico e mundo da vida. Ao mesmo tempo, as sociedades contemporâneas são de tal complexidade que não podem mais ser explicadas pelo recurso ao materialismo histórico proposto por Marx, com sua noção de um determinado grupo social como porta-voz dos anseios dos segmentos oprimidos da sociedade. O mundo da vida representaria o mundo da interação, marcado pelo diálogo entre indivíduos heterogêneos em termos da antiga noção de classe, mas tornados autônomos e capazes de se opor, a partir de valores solidários, ao Estado e ao mercado. Trata-se, portanto, de uma esfera pública, mas que procura superar os limites colocados pela polarização entre política e economia, entre Estado e mercado.

De forma concomitante ao desenvolvimento desse ideário, nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial surgiram diversos organismos cujas características de atuação e objetivos, como a preservação e ampliação dos direitos humanos, a difusão cultural, a luta contra a fome, a preocupação com a educação, não se enquadravam nas configurações típicas dos partidos políticos ou das organi-

zações sindicais e patronais. Desvinculadas também de estruturas governamentais, essas entidades principiaram como órgãos de cooperação internacional que, nos quadros da luta pela descolonização na década de 1960, representavam uma oposição alternativa a grupos ditatoriais ou afinados com políticas colonialistas. O grande mérito dessas primeiras organizações não governamentais está justamente no fato de oferecerem um caminho pelo qual a sociedade civil pôde começar a refletir sobre as questões sociais mais prementes e a intervir nelas, sem a mediação tradicional das estruturas de governo, dos partidos políticos e dos sindicatos.

Essas formas tradicionais de intervenção nas questões sociais encontravam-se hipertrofiadas, incapazes de permitir a participação de segmentos mais amplos da sociedade na transformação da realidade. Por outro lado, inúmeros agentes sociais despontavam, comprometidos com perspectivas humanitárias e imbuídos de uma forte consciência da necessidade de cimentar solidariamente as relações sociais. Tais agentes, oriundos de segmentos sociais diferentes, refletiam na prática o conceito de Habermas da necessária autonomia dos indivíduos e de sua capacidade de articular-se pelo diálogo. Aglutinados em grupos e organizações criados para dar forma às suas preocupações sociais, esses agentes são os responsáveis pelo surgimento do Terceiro Setor.

A denominação Terceiro Setor, de origem norte-americana, sintetiza a visão específica de sociedade cuja formação procuramos acompanhar: enquanto o “Primeiro Setor” diz respeito às atividades públicas de responsabilidade do governo e o “Segundo Setor” refere-se às atividades de natureza privada voltadas para fins lucrativos, o “Terceiro Setor” se coloca como relativo a uma esfera pública, mas que não se confunde nem com o governo, nem com as finalidades particularistas geralmente identificadas com os interesses privados. Para o antropólogo Rubem César Fernandes, o Terceiro Setor aparece como um arranjo complexo e instável de oposição e complementaridade que age num espaço público não estatal. Ele faz contraponto, assim, tanto às ações do governo como às do mercado; ao fazê-lo, recupera o aspecto trinário, permitindo escapar à dicotomia público-estatal/privado-mercado. Com isso, o Terceiro Setor pensa a vida pública numa perspectiva integradora, visto entender que ela não se esgota no âmbito do Estado e que agentes privados não estão necessariamente atrelados aos interesses particularistas do mercado.

Nesse sentido, é possível traçar um paralelo entre a concepção de vida pública sustentada pelo Terceiro Setor e a noção de *vita activa* defendida pelos humanistas cívicos italianos de princípios do século XV. Para estes, a participação pública era entendida como a única

maneira pela qual a tirania, grande mal das cidades-estado italianas nos séculos XIV e XV, poderia ser evitada; daí a preocupação desses pensadores em não mais se dirigirem, nos seus escritos, apenas aos governantes e magistrados, mas à massa dos cidadãos, procurando impeli-la à preocupação com os negócios públicos. Nesses humanistas, portanto, pode ser encontrada uma noção de vida pública que não se restringe ao Estado e ao seu aparelhamento, elementos que, efetivamente, ainda não se encontravam de todo formados. É inegável que na Modernidade as forças sociais que possibilitaram a consolidação do Estado centralizado limitaram fortemente essa noção ao produzirem a identificação entre “público” e “estatal”, que foi decisiva para tornar viável esse novo projeto de Estado. Tal identificação passou a ser contestada nos últimos anos, a partir não apenas da consciência de uma hipertrofia óbvia do Estado, mas também da percepção do quanto semelhante limitação representou em termos de perda da participação de estratos mais amplos da sociedade na vida pública.

Dentre as principais críticas que a noção de Terceiro Setor tem recebido, duas são de especial relevância. A primeira contesta a própria existência de uma terceira esfera social autônoma em relação ao Estado e ao capital. Para esses críticos, tal esfera seria uma construção ideológica destinada a esvaziar a

participação política efetiva; seu aspecto daninho residiria justamente na suposição de que agentes sociais poderiam operar livres de quaisquer condicionamentos de classe. A outra sugere que a noção de Terceiro Setor é resultado direto da ideologia neoliberal e que procura, em consonância com essa ideologia, sucatear as estruturas do Estado, desresponsabilizá-lo em relação às questões sociais e enfraquecer as conquistas obtidas no passado pelo conjunto da sociedade, ao convertê-las, de direitos adquiridos, em simples serviços prestados por iniciativas privadas.

Essas críticas merecem consideração. Será abordado, mais adiante, o problema do ideário neoliberal e do que ele representou no contexto de surgimento e consolidação do Terceiro Setor. A questão da desresponsabilização do Estado frente aos problemas sociais é séria e não pode ser tratada como mera argumentação ideológica. Todavia, é necessário, aqui, efetuar uma constatação importante: o que se busca efetivamente no Terceiro Setor é um novo paradigma de ação pública, um paradigma mais condizente com a organização complexa das sociedades atuais e menos comprometido com estruturas formadas no âmbito da Modernidade. As críticas que o Terceiro Setor recebe, por seu turno, ainda se concentram nessas estruturas e ignoram a multiplicidade de atores que passaram a integrar as dinâmicas sociais.

O CONTEXTO DE SURGIMENTO DA ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR

Quando a Associação Arte Despertar iniciou suas atividades, em 1997, o Brasil inseria-se numa conjuntura singularmente complexa. O contexto externo era o da já mencionada mundialização, com as relações econômicas tornando ainda mais tênues os limites entre o nacional e o transnacional. Em termos negativos, essa situação provocou crises em segmentos da indústria nacional, incapazes de resistir sem protecionismos estatais à concorrência típica de uma economia mundializada; essas crises, por sua vez, tiveram efeitos sociais graves, com a preocupante elevação dos índices de desemprego. A estabilização monetária que vinha sendo conquistada desde meados da década tinha como contrapartida, portanto, uma situação de desestabilização social.

Esses foram anos de grande expansão da ideologia neoliberal em amplos segmentos da sociedade brasileira. Essa ideologia parecia corroborada pela falência do Estado nacional, asfixiado por uma máquina que crescera monstruosamente ao longo da ditadura militar, durante a qual se praticara um arremedo de *welfare state* sustentado por empréstimos externos; essa situação era, ainda, intensificada pela corrupção sistêmica. Os resultados dessa falência se faziam sentir especialmente no campo social, com a severa queda de qualidade dos serviços públicos fundamentais (sobretudo saúde e educação), a crise no setor previdenciário, a proliferação da violência e os reflexos sociais das diversas deficiências de infraestrutura.

O surgimento de grande número de iniciativas alinhadas com o Terceiro Setor nesse período, bem como o crescimento de organizações não governamentais cujas atividades eram de uma forma ou de outra sustentadas por empresas privadas, dentro do conceito que viria a ser conhecido como “Responsabilidade Social Empresarial” ou RSE, deram oportunidade a que muitos críticos julgassem as atividades do Terceiro Setor como resultado da aplicação pura e simples do ideário neoliberal. Para esses críticos, o pensamento neoliberal visava uma reestruturação produtiva cujo objetivo era precarizar as relações de trabalho de forma

a maximizar o lucro; pretendia também reformar o Estado, de maneira a excluí-lo do tratamento das questões sociais, tendo em vista seu alto custo. O Terceiro Setor serviria como elemento que, através de atividades pontuais de ajuda direta ou de projetos destinados a despertar a criatividade social dos atingidos, se encarregaria de suprir as necessidades abandonadas pelo Estado. Em última análise, a atuação do Terceiro Setor cooperaria, segundo esses críticos, para a desresponsabilização social do Estado e para a despolitização da sociedade.

É preciso observar que essas críticas, conquanto possuam elementos válidos que indicam potenciais riscos de instrumentalização ideológica, não refletem todavia nem as intenções efetivas dos movimentos que integram o Terceiro Setor, nem a noção democrática de sociedade que informa essa perspectiva. Não se pretende o desmonte do Estado, sua desresponsabilização frente às necessidades sociais ou a fragilização dos direitos adquiridos pela população. Ao contrário, o que se vislumbra é a criação de múltiplos foros de participação política e a disseminação de iniciativas que, ao congregar indivíduos autônomos e conscientes em projetos de natureza social, viabilizem o diálogo, a interação e uma atuação muito mais ampla da sociedade no enfrentamento de suas próprias mazelas.

Tais iniciativas nascem da crescente consciência de responsabilidade social manifesta em múltiplos segmentos da sociedade, desde instituições familia-

lizadas de longa data com a filantropia, passando por grupos tradicionalmente ligados a militâncias humanitárias e incluindo empresas cada vez mais conscientes da impossibilidade de se continuar pensando unicamente em termos de lucros. Suas atividades são desenvolvidas a partir das competências individuais, com a valorização, extremamente benéfica, do sujeito que aprende a enxergar o valor social de um talento ou de uma paixão pessoal. O trabalho de organizações como a Associação Arte Despertar seria, efetivamente, impossível sem esse aproveitamento dos talentos individuais, formados ao longo do tempo em cada história de vida específica. O ingrediente da “paixão” também é fundamental, à medida que determina o envolvimento do sujeito com os objetivos da organização. Ao mesmo tempo em que aumenta a eficiência do trabalho oferecido, esse emprego do talento individual impede a formação, nas pessoas envolvidas com o trabalho, daquela atitude burocrática tão frequente nas iniciativas de natureza estatal, nas quais o indivíduo virtualmente desaparece atrás de normas e procedimentos.

O trabalho em rede, através de parcerias e alianças, permite a obtenção de resultados mais satisfatórios; evita-se, ao mesmo tempo, o desperdício de recursos. Nos últimos anos, a experiência tem mostrado a essas organizações a importância do desenvolvimento de “tecnologias sociais”, caracterizadas por simplicidade, baixo custo, fácil entendimento e caráter disseminável, como ferramentas importantes para a consecução dos seus objetivos.

A Associação Arte Despertar veio a existir e completou sua primeira década, portanto, num contexto de crescente valorização do diálogo entre as diferentes forças sociais tendo em vista a humanização das relações dentro da sociedade. Enquanto a aplicação indiscriminada da razão instrumental levou a uma profunda desvalorização dos seres humanos, fenômeno que se manifestou tanto no sistema capitalista quanto nas tentativas de construção do socialismo, o início do novo milênio assistiu ao aprofundamento da consciência de que era preciso reagir a isso, reafirmando a dignidade do ser humano e investindo em sua autonomização. A economia de mercado, percebe-se hoje, precisa ser domesticada social e ecologicamente: a subordinação dos valores econômicos e político-partidários ao interesse comum deve incluir não somente o respeito ilimitado ao ser humano mas, também, o respeito por sua casa, o ambiente onde ele vive.

A tentação das análises demasiadamente simplistas é afastada quando considera-se que, ao longo da primeira década do século XXI, o próprio paradigma neoliberal deu sinais de exaustão. Algumas de suas limitações já haviam sido expostas por Habermas, para quem o capitalismo tardio é objeto de intervenções estatais frequentes com vistas a melhorar as condições de realização do capital, não obstante pregar, do ponto de vista ideológico, a total ausência do Estado. Esse caráter ideológico do paradigma neoliberal (ou seja, o fato de ele existir mais como discurso legitimador do que como rea-

lidade prática) ficou patente através de duas crises marcantes: a emergência da violência fundamentalista assinalada pelo 11 de setembro de 2001, que reforçou o papel do Estado na segurança, revertendo a tendência característica da década anterior no sentido da lenta eliminação das fronteiras e, com elas, do próprio caráter nacional dos Estados modernos; e a crise financeira de 2008, que trouxe à memória a necessidade de uma atenção periódica do Estado às realidades econômicas.

O conjunto da análise deixa claro que o futuro imediato não comporta a eliminação da figura do Estado, essa soberba construção que nos foi legada pela Modernidade. Tampouco comporta a superação do capital nos moldes previstos pelo marxismo ortodoxo. Todavia, a realidade atual em nada reflete os arranjos do antigo liberalismo. A conjuntura é radicalmente nova e sugere a necessidade de novos mecanismos de intervenção política, de novas formas de participação cívica e de objetivação da cidadania.

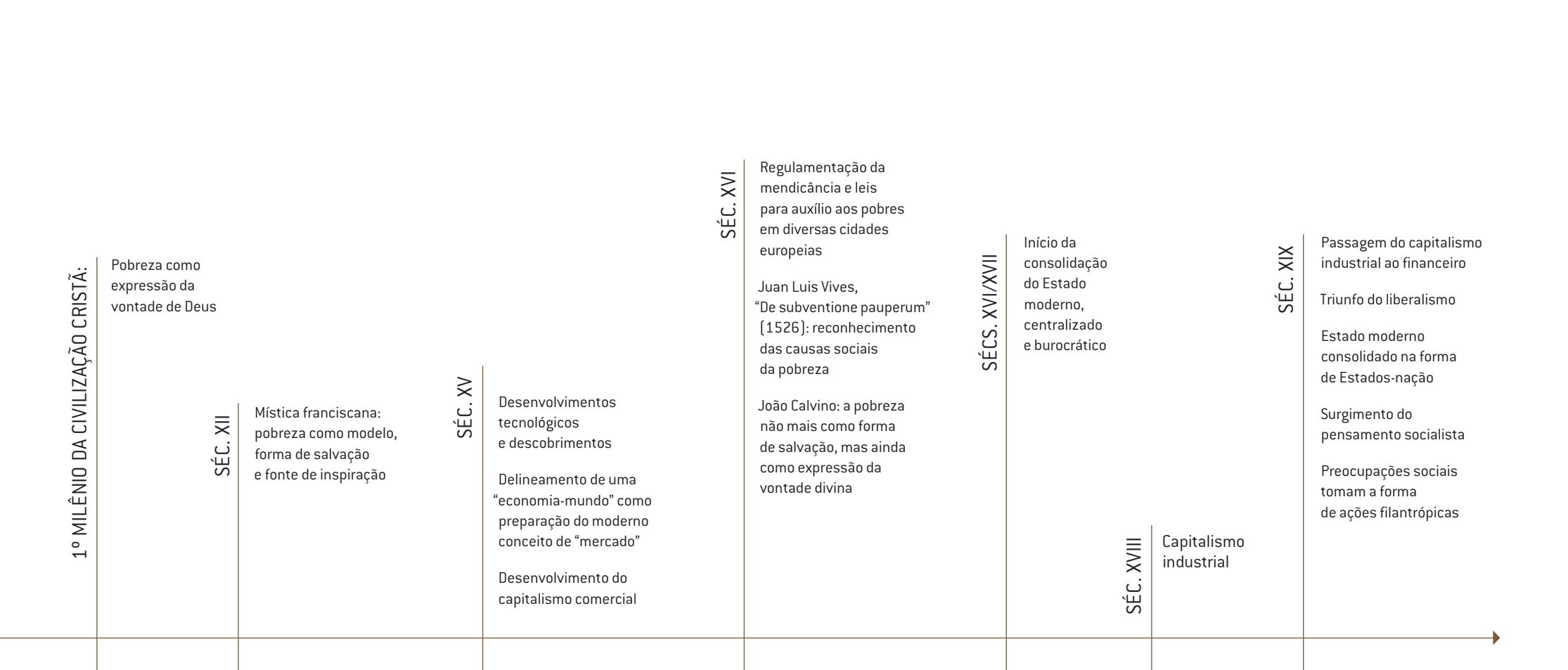
Num contexto como este, organizações como a Associação Arte Despertar têm um papel fundamental a desempenhar, que ultrapassa mesmo os resultados obtidos por suas atividades diretas. Trata-se de um papel na formação e autonomização de indivíduos que, através de iniciativas como essas, descobrirão sua própria maneira de exercer o mais antigo e humano dos direitos: o direito de intervir positivamente no mundo em que vivem.

O QUE OCORRER COM A TERRA, RE

CAIRÁ SOBRE OS FILHOS DA TERRA.

Manifesto do Chefe Seattle ao Presidente dos EUA

LINHA DO TEMPO



SÉC. XX	Década de 1920: grande crise do capitalismo financeiro	1982	1988	1989	1990	1991	1992	1993	
	Doutrina do “Estado de bem-estar social” (welfare state)								
	Cenário pós II Guerra Mundial: criação da ONU e desenvolvimento das primeiras Organizações não Governamentais								
	Escola de Frankfurt: crítica da razão instrumental presente tanto no capitalismo quanto no socialismo								
	Década de 1960: descolonização e emergência de movimentos sociais na periferia da “economia-mundo”								
	Década de 1970: Crise do “Estado de bem-estar social”								
	Desenvolvimento da ideologia neoliberal								
	Emergência da noção de Terceiro Setor								
	Nos EUA, eclosão dos movimentos de luta por direitos civis dos negros com Martin Luther King Jr.								
	Décadas 1980/1990: multiplicação de ONGs e de iniciativas ligadas ao Terceiro Setor								
Consciência do Terceiro Setor como espaço de diálogo visando a transformação da realidade									
	Promulgação da Lei de Utilidade Pública Federal nº 91/35								
	Criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA)								
	Organizações não Governamentais comprometidas com a luta de redemocratização								
				</					

1994

SÉC. XXI - 2000		2001		2002		2003		2004		2005	
Crescimento da consciência ecológica ONU estabelece as metas do milênio Eleição de George W. Bush, presidente dos EUA		11/09/2001: ataques terroristas inauguram preocupação com o Terror e assinalam fraquezas do paradigma neoliberal Invasão do Afeganistão pelos EUA Implantação do Euro em parte dos países membros da União Europeia Início da Segunda Intifada		Eleição de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil		EUA e aliados invadem o Iraque Criação da Política Nacional de Humanização (PNH)		Reeleição de George W. Bush, presidente dos EUA			
Início do Programa de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH) pelo Ministério da Saúde Início de projeto aprovado na Lei Rouanet, ampliando as atividades em 40%		Multiplicação de projetos ligados ao Terceiro Setor devido à estabilidade monetária e crescimento econômico Obtenção do Certificado de Utilidade Pública Federal Inscrição no Conselho Estadual de Assistência Social de São Paulo Aprovação de projeto na Secretaria Municipal de Cultura/Lei Mendonça		Obtenção do Certificado de Utilidade Pública Estadual Início da parceria com o Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas (IOT) e Instituto de Infectologia do Hospital Emílio Ribas Realização de projeto de capacitação para estudantes voluntários Início de projeto de voluntariado empresarial		Criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) Criação do Programa Fome Zero, em substituição ao Programa Comunidade Solidária Inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social (COMAS) Inscrição no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) Obtenção do Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS) Aprovação do primeiro projeto em seleção pública do Programa Petrobras Social Início da parceria com o Hospital da Criança do Grupo Hospitalar Nossa Senhora de Lourdes		Criação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) Início do trabalho pro bono jurídico pelo escritório De Goeye - Advogados Associados Início da produção de material de apoio arte-educativo Contratação do Instituto Fonte, para consultoria em sustentabilidade Criação do slogan: “nossa arte é despertar o melhor de ser humano/de você”		Início de auditoria externa da PricewaterhouseCoopers Aprovação do primeiro projeto em seleção pública do Programa Petrobras Fome Zero Início dos projetos de formação para educadores Início da parceria com o Projeto Viver na Comunidade do Jardim Colombo	

2006	Nova filantropia nos EUA: doações bilionárias por Bill Gates e Warren Buffett	2007	2008	2009	2010
	Reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil				
	Gravação de CD pelas crianças e jovens de projeto na Comunidade de Paraísoópolis	Associação Arte Despertar completa sua primeira década	Crise financeira mundial reforça percepção da exaustão do paradigma neoliberal		Retirada das tropas norte-americanas do Iraque
		Início da parceria com a Santa Casa de São Paulo	Eleição de Barack Obama, como presidente dos EUA		Terceiro Setor entendido como locus viável para a participação do indivíduo na transformação da sociedade
		Início da parceria com a Secretaria da Saúde da Prefeitura Municipal de Guarulhos, com atuação em cinco hospitais			Eleição de Dilma Rousseff, como presidente do Brasil
		Elaboração do primeiro material multimídia para hospitais	Conscientização da necessidade de sustentabilidade para projetos do Terceiro Setor	Promulgação da nova Lei da Filantropia, nº 12.101/09	
		Aprovação do primeiro projeto no Programa de Ação Cultural (ProAC) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo	Realização das atividades nas UTIs da Santa Casa de São Paulo	Implantação de tecnologia social: Tecnologia Arte Despertar	Sistematização da Tecnologia Arte Despertar
		Aprovação do primeiro projeto no Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD), da Prefeitura Municipal de São Paulo	Início da parceria com Núcleos Socioeducativos na Comunidade de Paraísoópolis	Recebimento do Prêmio Cultura e Saúde, promovido pelos Ministérios da Cultura e Saúde	Renovação da parceria com a Secretaria da Saúde da Prefeitura Municipal de Guarulhos
				Início da parceria com o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP)	Implantação da Tecnologia Arte Despertar para profissionais da saúde nos Hospitais Municipais da Criança e de Urgências em Guarulhos
				Início da parceria com o Núcleo Educacional da Santa Casa de Diadema	Implantação da Tecnologia Arte Despertar para profissionais da saúde no Hospital Nossa Senhora de Lourdes
				Início do trabalho pro bono em propriedade intelectual pelo escritório Gusmão & Labrunie	Início de atividades formativas em cursos técnicos de enfermagem na Escola Nossa Senhora de Lourdes
					Início da parceria com o Hospital e Maternidade São Lucas, em Diadema

A NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA



A CIÊNCIA DESCREVE AS COISAS COMO SÃO; A ART

E COMO SÃO SENTIDAS, COMO SE SENTE QUE SÃO.

Fernando Pessoa

2

O INDIVÍDUO E A ARTE DE RECRIAR-SE

FELIPE DE SOUZA TARÁBOLA

O que me surpreende
é o fato de que, em
nossa sociedade, a arte
tenha se transformado
em algo relacionado
apenas a objetos e não
a indivíduos ou à vida;
que a arte seja algo
especializado ou feito
por especialistas que
são artistas.

Entretanto, não poderia
a vida de todos se
transformar numa obra
de arte?

Por que deveria uma
lâmpada ou uma casa
ser um objeto de arte, e
não a nossa vida?

[FOUCAULT, 1995, P. 261]

O INDIVÍDUO E A ARTE DE RECRIAR-SE

À primeira vista haveria algo mais distante da imagem de um cientista do que a de um artista? Comparar a ordem relacionada ao trabalhoso uso do pensamento lógico e do rigor do método científico aplicados na busca da verdade com uma atividade centrada na criatividade e na expressão de sentimentos pode parecer algo inusitado. E realmente é; embora não tenha sido sempre assim; afinal, o que dizer de alguém voltado com a mesma intensidade tanto à arte quanto à ciência, como Leonardo da Vinci? O que dizer da importância que a pesquisa metódica sobre as dimensões e leis de proporções do corpo humano e arte desempenhou em suas criações?

Atualmente não raro encontra-se disseminado um ensino de ciências como a repetição de uma fórmula pronta e mais frequentemente ainda depara-se com interpretações ligeiras da criação artística como atividade livremente inspirada na emotividade do autor.

Para além desses estereótipos construídos a partir do século XIX e do contínuo processo de especialização do trabalho, pode-se afirmar que ambas as atividades, entretanto, tratam de percepções de mundo singulares, de formas de expressão da realidade que, ao mesmo tempo, não descartam nem a beleza, por um lado, nem tampouco o esforço, por outro.

No célebre artigo “A sociologia como uma forma de arte” (2000), o sociólogo norte-americano Robert Nisbet afirma que é a imaginação o elemento responsável por este estreitamento dos laços entre ciência e arte, esferas da vida humana igualmente mobilizadas pelo desejo de compreender, interpretar e comunicar este entendimento aos semelhantes. Se a neutralidade na ciência é uma meta sempre pretendida, considera-se atualmente que ela nunca é possível, uma vez que o cientista também é subjetivamente guiado, no mínimo, pelas condições de sua época, pelos problemas de sua sociedade, chegando até mesmo a nortear-se pelos valores do grupo em que se situa. De forma equivalente, percebe-se

algo semelhante no outro polo desta relação: independentemente da linguagem e do suporte, teatro, poesia, pintura, música ou qualquer outra forma de arte são meios de, a partir de um determinado ponto de vista, jogar luz sobre a realidade. Ou será que a obra de Machado de Assis não é fonte inesgotável de leituras sobre a realidade social brasileira do século XIX?

Ciência e arte são, portanto, formas autorais de dizer o mundo, de comunicação. Esta é, indubitavelmente, a ação necessária à subsistência psíquica e social dos seres humanos, desde a afirmação aristotélica de que o “homem é um animal político”, ou seja, de que não seríamos plenos, não desenvolveríamos totalmente nossas capacidades, caso não vivêssemos coletivamente, o que somente é possível graças a outra característica humana: o domínio da linguagem e do raciocínio lógico. Abundam casos na literatura, na psicologia e na linguística, de pessoas que teriam sido encontradas sem contato humano, supostamente criadas por animais, ou que simplesmente teriam conseguido sobreviver e crescer isolados. Estas pessoas não tiveram a oportunidade de aprender a falar e, nas tentativas de adaptação à vida coletiva, não se ajustaram aos padrões de civilização, ao tipo de pensamento abstrato constantemente requerido pelo nosso estilo de vida repleto de operações simbólicas.

Esta comunicação se tornou cada vez mais necessária à medida que aumentaram as chances de “falar outras línguas”, de ser diferente das demais pessoas dos próprios grupos. A partir de uma determinada época da história da humanidade, ampliaram-se as possibilidades de divergências na construção pessoal de valores e visões de mundo distintos do restante do grupo de pertença. A reflexão sobre esta questão de coexistência de diferentes estilos de vida por parte de membros de uma mesma coletividade é caro à Sociologia, uma vez que, ela mesma, justamente, surge como uma ciência que se propõe a problematizar sobre a sensação de crise causada pelos eventos constituintes do período conhecido como Modernidade. Neste momento, marcado sobretudo por revoluções (Revolução Industrial, Revolução Francesa, por exemplo) e pelas consequências da perda da capacidade da ética religiosa influenciar outras áreas da vida coletiva, que, a partir de então, puderam ter funcionamentos próprios. A linhagem familiar de origem, o gênero e a posição social deixaram de ser atributos decisivos na constituição identitária das pessoas, que, a partir da Modernidade, ganharam maior autonomia e mobilidade para jogar com as influências coletivamente herdadas.

A necessidade de formação especializada para produção industrializada e o aumento de trocas com diferentes grupos propiciados

pela vida urbana permitiram que aflorassem outros modelos constitutivos, que se quebrassem com o monopólio de padrão de ser humano existente nas comunidades tradicionais. A própria noção de indivíduo, membro da espécie dotado de particularidades únicas a ponto de ser uno e insubstituível só emergiu a partir mesmo da Modernidade, quando se abalou a importância do coletivo sobre as pessoas, quando se rompeu o molde a partir do qual eram todos (con)formados.

Cabe, portanto, perguntar se não seria justamente a diferença entre os indivíduos a base do atual modo de vida? Afinal, a especialização que exige formação distinta e que acarreta uma interdependência mútua favorece, em grande medida, o desenvolvimento científico e tecnológico tão valorizado contemporaneamente.

Se a vida moderna foi marcada pela perda de significado dos antigos modos de pensar, sentir e agir, isto se deve à crise (termo que, aqui, não deve ser tomado de forma negativa) dos valores, crenças, hábitos e costumes que marcaram a história humana durante a sociedade feudal, quando o ser humano, durante quinze séculos, viveu sob forte influência dos dogmas religiosos e em pequenos agrupamentos abrigados em lotes de terras dotados de valores, leis, idiomas, moedas, exército, unidades de peso e medidas próprios, consequência da baixa troca

comercial e moral entre os feudos. A vontade do novo que alimenta a chamada “autodestruição inovadora” característica da economia capitalista relegaria as pessoas a constantes e sucessivas pequenas revoluções cotidianas.

Este mundo instaurou não só uma nova sensibilidade, outros valores e sistemas políticos e econômicos até então inimagináveis, como também gerou novas formas de sociabilidade e interação entre indivíduos abertos e plurais, ansiosos pelo que é efêmero, fragmentário e fugidio. A invenção dos indivíduos, inaugurada na Modernidade, aprofundada no século XIX, conheceu seu ápice na década de 1960, quando chegou ao fim a crença no progresso, ocorreu desestabilização das instituições e cresceu sobremaneira a importância atribuída à singularidade individual (graças ao acúmulo de fatos como: desastre da Guerra do Vietnã, terrorismo internacional, crise econômica, escassez de matéria-prima, o medo de desastres nucleares). Tal fato só foi ainda mais agravado com o fim das utopias coletivas proporcionado pelas consequências das experiências socialistas. Com o Muro de Berlim caíram também crenças em projetos de transformação da vida social pela participação em movimentos políticos. Por aqui, o final da ditadura militar leva a uma democracia em que partidos não têm representatividade, políticos representam a si mesmos e as campanhas são alvo de espetacularização tal

que famosos e celebridades rapidamente são alçados como alternativas para o enfadonho processo de debate de posições idênticas. Todos em favor da educação, da melhoria do sistema público de saúde, de melhores condições de vida para aposentados.

Os dados que indicam a rejeição dos jovens em participarem da vida coletiva por meio de filiação partidária não contradizem, no entanto, a forte adesão a novas formas de participação coletiva: se entre as décadas de 1970 e 1980 as ações coletivas foram, no Brasil, predominantemente impulsionadas pelos anseios de redemocratização do país e de implementação de um novo projeto político, sobretudo via participação popular organizada por entidades político-partidárias, sindicais e religiosas, os anos 90 foram marcados por lutas contra discriminações, exclusões e segmentações. Desta década até meados dos anos 2000, decênio que marca os primeiros dez anos de existência da Arte Despertar, tivemos em nosso país a aglutinação de pessoas em torno de projetos comuns que não necessariamente estão ligados às reivindicações de alterações macroestruturais.

O crescimento da chamada classe média teve como pano de fundo a democratização dos órgãos, “coisas” e causas públicas, somada à estabilidade financeira e à sucessão presidencial, mudou o foco das causas coletivas ao direito a ter direitos. A garantia de acesso aos serviços públicos existentes e à igualdade formal perante o Estado ocorre em relação a direitos previamente existentes, mas neste período ocorreu no Brasil uma ampliação da ideia de cidadania, permitindo a grupos e setores anteriormente alijados de direitos organizarem-se para reivindicarem também o direito de ter a própria diferença reconhecida. A criação de direitos sobre o próprio corpo, direito à proteção ambiental e à moradia são exemplos de inovações que passam pela aquisição formal de um novo patamar jurídico, mas que levam em consideração um novo modelo de relações sociais mais democráticas, que requer sujeitos sociais ativos e conscientes,

aptos a reivindicar não apenas pertença a um sistema sociopolítico, mas também a requerer o direito de participar da definição deste próprio sistema. Autonomia e identidade são as tônicas dessas reivindicações. Além da organização e formalização de movimentos sociais de “minorias”, a participação na vida coletiva se dá, em grande medida, pela atuação em instituições do Terceiro Setor (este é o momento de consolidação das organizações não governamentais no país) que suprem carências de atuação do Estado, que no referido decênio esteve mais próximo da adoção de postura gerencial-reguladora do que indutora de bem-estar social.

Organizações e redes são formadas então por aqueles que acreditam partilhar identidades semelhantes. Esta comunidade de comuns – que agrupa iguais, mas, concomitantemente, separa dos demais – não é sentida como algo sufocante para o indivíduo, ao menor transtorno, basta desplugar-se. A racionalidade e as ações estratégicas superam a emotividade e a paixão, fazendo com que estas organizações adotem a profissionalização de seus integrantes.

Neste contexto, a vida humana tornou-se um processo de constituição sempre aberto. Sem projetos para o futuro, sem vontade de participação na esfera pública, com interesses cada vez mais voltados aos ganhos individuais, valorizando a exposição da vida privada, da intimidade (própria e alheia), os indivíduos deste nosso momento histórico não têm sentido da continuidade histórica: o modo de vida passado não informa mais a vida presente, que muda com cada vez mais rapidez; e o futuro é incerto, quando não soa como uma ameaçadora trombeta apocalíptica (aquecimento global, atentados terroristas, bombas nucleares, desastres ecológicos, novas doenças são somados e resultam em um sentimento de iminência de riscos). Protege-se, resguarda-se, vela-se e recicla-se o presente; aprisionados, assim, em uma juventude sem fim, os indivíduos deste tempo encontram-se submetidos a uma conexão com a vida e com o mundo.

Escolhe-se o mais fácil, momentaneamente mais prazeroso, desiste-se facilmente da ética do dever, do investimento a longo prazo. No mundo, mas alheio a ele, submetidos à avalanche de dados, imagens, informações produzidas nesta Era Informacional, nada se retém, nada é guardado, não há preocupação com a memorização. O novo sempre vem. Hedonistas, as pessoas investem tempo, energia, dinheiro em tentar conhecer melhor “o próprio eu”, buscando sua essência na/pela ioga, psicanálise, meditação, acupuntura e terapias zen. Até mesmo religiões que prometem formas coletivas de salvação declinam; é a prática individual que liberta o indivíduo.

As pessoas estariam neste contexto de tal modo libertas das amarras da coletividade que poderiam, inclusive, imaginar e inventar para si uma nova identidade. Fato é que nunca se falou tanto da própria vida, declarou-se e publicou-se a própria intimidade, assim como nunca se fez tanto relato biográfico. Blog-se é o imperativo da vez. A moda é se abrir, contar tudo sem demora aos amigos das redes sociais, aos desconhecidos seguidores de todos os passos.

Cabe lembrar que este estado de coisas – a existência de indivíduos livres, racionais, desejosos de satisfazerem-se ao máximo – é resultado de um processo social. Se o “eu” já não é mais encarado de forma passiva, como gesso a ser modelado pelas determinações dadas em sua origem, atribui-se à sua capacidade de reflexividade, de se colocar em questão, de ponderar a respeito de si e do mundo a partir das condições existentes em seu próprio cotidiano.

Partindo da concepção de indivíduo não apenas como um membro de certa espécie, mas também como aquele ser “indiviso”, não dividido, pode-se pensar que, a despeito das mudanças ocorridas ao longo da vida do sujeito, há algo de permanente: a identidade. Para além de conceber o papel de outras instâncias na formação individual, também é de cru-

cial importância levar em consideração a capacidade do indivíduo em se transformar ao longo da vida. Os indivíduos são capazes de refletir sobre o próprio processo de formação; com isso, abre-se caminho à intervenção pessoal da própria identidade.

Esta identidade, aliás, deve ser pensada como estando sempre inacabada, sempre em vias de constituição. Assim como é salutar não concebê-la como uniforme, ela também não é necessariamente coerente.

Atualmente, portanto, estariam todos, a princípio, mais dispostos a tomar parte na reflexão e construção das próprias trajetórias, de serem co-autores da própria biografia, do que a participar de uma proposta de transformação da realidade coletiva pensada por outros e decidida para além do alcance das vistas. Tomar a arte, em seus mais variados matizes, como instrumento de promoção do pleno desenvolvimento humano pode também significar conceber a criação de si como um passo além na conquista de uma liberdade mais responsável sobre a própria vida; esta transcendência permitiria ainda uma ultrapassagem de um desígnio individual para um comprometimento coletivo: entender qual a função das influências externas sobre si pode ser o início multiplicador de uma responsabilização – humanizadora – sobre a formação daqueles que ainda virão, uma chance de recriar o coletivo a partir da recriação do indivíduo.



A ARTE NÃO REPRODUZ O QU

E VEMOS. ELA NOS FAZ VER.

Paul Klee

3

DESPERTAR COM E PARA A ARTE

MARIA CHRISTINA DE SOUZA LIMA RIZZI

Não mais limitada à
tarefa de análise da
beleza, nos tempos
contemporâneos,
a Estética amplia
seu campo de
questionamento
acerca da natureza
do objeto de Arte e
do caráter de sua
criação, apreciação,
interpretação,
avaliação, assim
como acerca das
relações da Arte
com a sociedade,
tudo isto podendo
ser examinado em
diferentes níveis
de complexidade

DONALD CRAWFORD ¹

¹ Donald Crawford. The Questions of Aesthetics. In: Tópicos Utópicos, Ana Mae Barbosa, p. 41

DESPERTAR COM E PARA A ARTE

Quando Regina Vidigal Guarita me convidou a colaborar, com reflexões a respeito da Arte e seu Ensino, para desenhar o que viria a ser a Associação Arte Despertar, o país vivia uma efervescência epistemológica em relação ao ensino de Arte, ocasionada pelo processo de concepção e maturação da Abordagem Triangular, elaborada por Ana Mae Barbosa, então Diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Foram muitas as conversas e encontros voltados para o desafio de fundamentar teoricamente as ações da futura Associação Arte Despertar. Algumas questões constituíram nosso ponto de partida:

1. Como as pessoas se relacionam com a Arte?
2. Como elas aprendem Arte?
3. O que é importante ser ensinado em Arte?
4. Como os conteúdos de aprendizagem em Arte podem ser organizados?
5. As situações de trabalho com Arte a serem oferecidas pela Associação Arte Despertar se configurarão como Ensino e Aprendizagem da Arte?
6. Qual a especificidade da ação da Associação Arte Despertar?
Haverá a intenção de impactar sobre a realidade da Arte-educação?

Nessa ocasião, os subsídios teóricos e metodológicos que caracterizam a Abordagem Triangular do Ensino da Arte deram suporte ao aprofundamento dessas questões, em decorrência da atualidade e pertinência da investigação desenvolvida por Ana Mae, com base nos movimentos educacionais Escuelas al Aire Libre, do México, Critical Studies, da Inglaterra, e Discipline Based Art Education, dos Estados Unidos.

Conforme Ana Mae, a construção do conhecimento em Arte acontece quando há a intersecção da experiência com a codificação e a informação. Nesse contexto, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre Arte e Público tornam-se objeto de conhecimento. Graças a isso, a composição de um Programa do Ensino de Arte precisa considerar três ações básicas executadas no contato com Arte: Fazer Arte, Ler Obras de Arte e Contextualizar as informações e o conhecimento a respeito de Arte em diálogo com outras áreas do conhecimento humano. Logo, são viáveis as seguintes possibilidades de articulação de ações:

SEQUÊNCIA 1	LER	FAZER	CONTEXTUALIZAR
SEQUÊNCIA 2	FAZER	LER	CONTEXTUALIZAR
SEQUÊNCIA 3	CONTEXTUALIZAR	FAZER	LER
SEQUÊNCIA 4	LER	CONTEXTUALIZAR	FAZER
SEQUÊNCIA 5	CONTEXTUALIZAR	LER	FAZER
SEQUÊNCIA 6	FAZER	CONTEXTUALIZAR	LER

Não há um procedimento dominante ou hierárquico na combinação dessas ações e seus conteúdos. Ao contrário, vale mais o conceito de pertinência na escolha, enfatizando sempre a coerência entre os objetivos e os métodos. Em vista disso a organicidade e flexibilidade no arranjo da proposta pedagógica também são importantes.

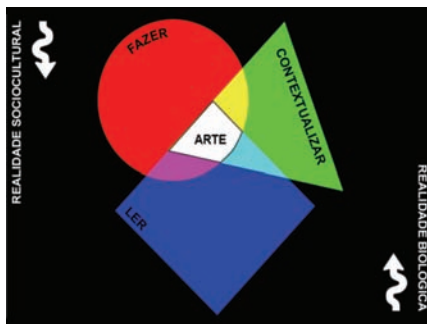


Figura 1 A Construção do Conhecimento em Arte

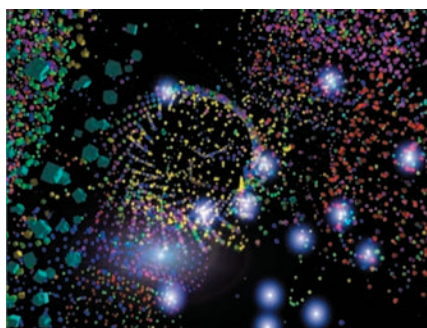


Figura 2 Aproximação visual à dinâmica da realidade bio/socio/cultural

Esse procedimento pode ser melhor explicitado a partir da observação da série de figuras, apresentadas a seguir:

Na Figura 1, a Construção do Conhecimento em Arte se dá na intersecção do Fazer, do Ler e do Contextualizar. Decorre da interação dinâmica dos sujeitos que agem na realidade, composta, por sua vez, da realidade biológica e da realidade sociocultural. Nas palavras de Ana Mae:

“O intercruzamento de padrões estéticos e o discernimento de valores devia ser o princípio dialético a presidir os conteúdos dos currículos da escola, através da magia do fazer, da leitura deste fazer e dos fazeres de artistas populares e eruditos, e da contextualização destes artistas no seu tempo e no seu espaço”. (BARBOSA, 1994, p.34).

A Figura 2 representa em cores as três grandes formas de pensamento humano que interagem na realidade bio/socio/cultural: ARTE (vermelho), FILOSOFIA (verde) e CIÊNCIA (azul). As cores que surgem do encontro destas derivadas representam a multiplicidade de áreas mobilizadas em um mesmo ato de conhecimento.

Os pontos luminosos aqui correspondem ao momento em que se interseccionam o Fazer Arte, o Ler Obras de Arte e o Contextualizar o conhecimento de Arte/a respeito de Arte a partir das escolhas feitas pelos sujeitos envolvidos em processos artísticos. Nas palavras de Deleuze e Guattari:

“O que define o pensamento, as três grandes formas de pensamento, a Arte, a Ciência e Filosofia, é sempre enfrentar o caos [...] Mas a Filosofia quer salvar o infinito, dando-lhe consistência [...] A Ciência, ao contrário, renuncia ao infinito para ganhar a referência. A Arte quer criar um finito que restitua o infinito [...]” (Deleuze e Guattari, 1992).

A Figura 3 atribui cores às três grandes formas de pensamento. A Figura 4 representa por formas as ações constitutivas da Construção de Conhecimento em Arte.

A Figura 5, por sua vez, mostra a articulação dupla que se configura: ações (Fazer, Ler e Contextualizar) são relacionadas às áreas de conhecimento (Arte, Ciência e Filosofia).

Já a Figura 6 apresenta o processo de intersecção mais explicitado: ações e áreas de conhecimento em determinada realidade bio/socio/cultural.

A aproximação visual a cada uma das formas, como ilustra a Figura 7, possibilita perceber que o conhecimento de determinada área é composto por colaboração e subsídios de outras, pois a divisão disciplinar dos saberes em áreas distintas, que fez parte da construção social do conhecimento no Ocidente, já não responde à compreensão de realidade e conhecimento característicos do início do XXI. A Figura 8, então, reproduz a dinâmica das ações e conhecimentos em afastamento, aproximação e fusão. Quando fundidas de determinada maneira passam a constituir a Arte e/ou o conhecimento sobre Arte, realimentando a dinâmica socio-cultural da realidade:

“O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. Complexus significa o que foi tecido junto: de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade”. (MORIN, 2000, p.38)



Figura 3

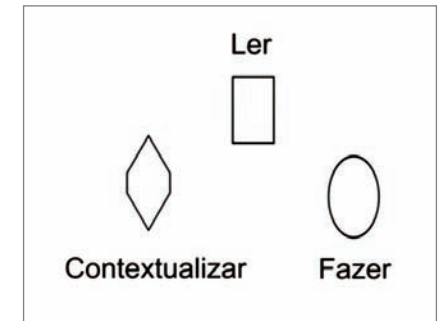


Figura 4

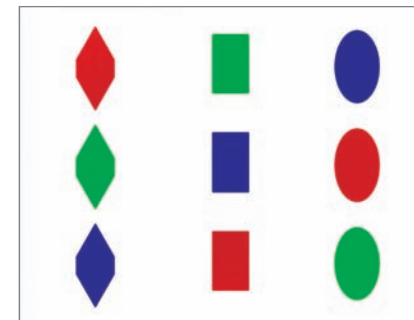


Figura 5



Figura 6

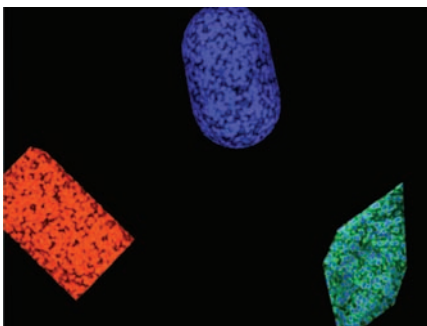


Figura 7

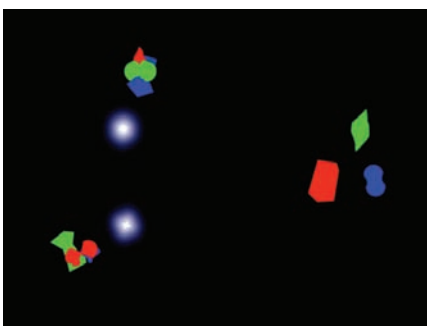


Figura 8

Esses fundamentos teóricos deram sustentabilidade para as ações da Associação Arte Despertar.

Nos anos seguintes, a ação e a reflexão a respeito da prática deram consistência metodológica ao seu fazer, daí derivando-se a qualidade que poderá ser apreciada ao longo desta publicação comemorativa dos 10 anos de sua existência.

Quanto à Abordagem Triangular, tornou-se o paradigma do ensino contemporâneo de Arte, já que permite estreita inter-relação entre os sujeitos e a Arte, atualizando também sua dinâmica e importância sociocultural.

Por isso, para realizar um balanço das ações desenvolvidas pela Associação Arte Despertar, é possível propor algumas questões decorrentes da escolha teórico-metodológica:

Qual a compreensão que a Associação Arte Despertar desenvolveu a respeito desta abordagem de ensino de Arte e como ela foi operacionalizada nas várias ações realizadas desde o início?

Tal compreensão está presente em todas as linguagens artísticas?

Houve mudanças ao longo do tempo? Quais?

Houve dificuldades? Houve acertos? Quais? Que soluções foram encontradas?

Qual o impacto desta concepção de Construção de Conhecimento em Arte no processo constitutivo da Associação Arte Despertar?



FELIZ AQUELE QUE TRANSFERE O Q

QUE SABE E APRENDE O QUE ENSINA.

Cora Coralina

4

UM POUCO DE NÓS

MARIA ANGELA DE SOUZA LIMA RIZZI

MARIA HELENA DA CRUZ SPONTON

Despertar a
potencialidade de
indivíduos por meio
da arte e da cultura,
possibilitando o
exercício de ações
transformadoras

MISSÃO

ARTE DESPERTAR E GOVERNANÇA

PRIMEIRAS AÇÕES

À medida que nós, filhos, fomos crescendo, ela foi se estruturando para o encontro do “lá fora”, com o que era, de fato, o DNA dela, a arte. Quando surgiu esse encontro, lembro dela saindo com uma mesinha que ela possuía em casa. Tinha uma mesinha, uma cadeira. Daí perguntávamos “o que você vai fazer lá?”. E ela respondia “ah, não sei”.

DARIO FERREIRA GUARITA NETO

Lembro-me do primeiro livro que minha mãe trouxe para casa sobre a Arte Despertar. Ela fazia isso de um jeito muito natural. Ela buscou coisas que estavam dentro dela, sempre com muita paixão e muito brilho nos olhos. Acho que isso foi o início da Associação, e é o que possibilitou a riqueza desse trabalho.

HELOISA GUARITA PADILHA

São raras as ideias que nascem prontas e acabadas, e este não foi o caso da Arte Despertar. Pelo contrário, do impulso criador desta instituição até os dias atuais, muita coisa mudou, desafios surgiram e foram superados, outros tantos se avizinham. A exigência de se adaptar às mais diversas situações e a permanente vontade de transformar fazem parte do DNA da Associação.

No início, o Núcleo Arte Despertar, como foi chamado, correspondeu à intenção de consolidar um trabalho de educação e arte com crianças que fizesse diferença em relação às propostas educativas dispensadas à população em situação de vulnerabilidade social. A ideia de privilegiar ações de inclusão partiu de sua diretora-presidente que, em contato com diferentes consultores, debateu conceitos, definiu áreas de abrangência e, favorecendo o acesso à arte, à cultura e à educação, gestou as primeiras ações institucionais.

Ao mesmo tempo em que as reflexões desenvolvidas no Núcleo iam se definindo, foram tomadas medidas para constituir a Associação como sujeito jurídico, tornando-a apta para atuar. Possibilitava-se, assim, que as práticas executadas se desenvolvessem com mobilidade e segurança.

Uma equipe multidisciplinar, formada por profissionais especializados, desenvolveu os primeiros projetos, oportunizando que crianças se manifestassem por meio da arte.

As atividades que, através dos tempos, vieram a constituir uma metodologia própria, sempre se concretizaram mediante a construção de parcerias.

Os parceiros são instituições identificadas com os objetivos e a missão da Arte Despertar e compartilham o mesmo compromisso ético, pois consideram o outro e o acolhem em suas diferenças, já que trazem para as relações cotidianas dos seus espaços de ação o respeito e o diálogo, competências próprias da natureza humana.

Duas atividades deram início à Associação: um trabalho em hospital, em parceria com o Instituto do Coração/InCor do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo(HCFMUSP), e um projeto na Aldeia SOS em Rio Bonito, São Paulo, realizados em agosto de 1997.

Seis meses mais tarde, em 15 de janeiro de 1998, constituída juridicamente, criou-se a Associação Arte Despertar, organização sem fins lucrativos, cuja missão é despertar a potencialidade de indivíduos por meio da arte e da cultura, possibilitando o exercício de ações transformadoras. Ao adotar a arte, a educação e a cultura como pilares de sustentação do seu fazer, a Arte Despertar passou a difundir valores que explicitam suas principais convicções:

- o equacionamento das questões sociais é de responsabilidade de toda a coletividade (organizações sociais, governos, setor privado e comunidade em geral) e de cada indivíduo em particular;
- o desenvolvimento de competências e habilidades humanas torna cada indivíduo mais apto a interagir com o seu contexto, favorecendo que realize ações viabilizadoras de transformações positivas;
- a vivência com arte não exige conhecimentos prévios ou habilidades específicas, mas sensibilidade e motivação para um envolvimento em que todos são iguais perante o que é proposto;

Eu, particularmente, não gosto da palavra Terceiro Setor, eu prefiro chamar de organizações da sociedade civil. Ela tem uma conotação muito importante, porque é usada pelo lado afirmativo que ela tem pela sociedade, e não pela negação, de organizações que não são do governo.

MARCOS KISIL

- uma atuação eficaz, a partir das diferentes linguagens da arte, sempre deve estar comprometida com princípios da ética, solidariedade, cidadania, respeito, autonomia e valorização humana.

Esses aspectos, presentes desde os primeiros trabalhos da Associação, quando era constituída por uma pequena equipe, continuam a nutrir os atuais projetos, mais complexos e abrangentes, mas que apostam na possibilidade de dar sentido à vida e projetar o futuro por meio da arte e da cultura.

GOVERNANÇA INSTITUCIONAL

Para adquirir a forma de Associação, foi necessário produzir um Estatuto, que determinou as diretrizes reguladoras da ação da Arte Despertar; constituir conselhos e diretoria; além de investir na probidade e isenção de seu sistema de governança.

Inicialmente participaram da instituição pessoas que, de alguma forma, haviam contribuído para a sua criação. Estes, conforme o Estatuto, constituíram os Associados Fundadores. Também se criaram as categorias Associados Beneméritos e Associados Contribuintes, e foram definidas as competências dos Associados: respeitar, observar ou alterar o Estatuto Social, eleger conselheiros, destituir dirigentes, verificar as contas, deliberar sobre as demonstrações financeiras e transações patrimoniais importantes e extinguir a Associação.

Da mesma forma, instituiu-se o Conselho Consultivo e o Conselho Fiscal, compostos por membros voluntários, dispostos a aceitar a responsabilidade de assegurar a realização do compromisso social da Associação Arte Despertar e de zelar por sua integridade moral e ética.

Desde então, para viabilizar uma governança saudável e garantir a sustentabilidade da instituição, todos os conselheiros disponibilizam tempo, ex-

periência e competência, de modo a manter a visão estratégica institucional, analisar relatórios, avaliar questões jurídicas, financeiras ou contábeis.

A tarefa do Conselho Consultivo é cuidar do desenvolvimento da Associação, aconselhar, orientar e indicar os melhores meios de manutenção das políticas e da missão institucional. Já o Conselho Fiscal é responsável por verificar a administração contábil, fiscal e financeira, mediante análise de informações ou documentações e emissão de pareceres.

As ferramentas usadas para o desenvolvimento das ações de governança são assembleias e reuniões. Dada a relevância dessas ações para a gestão institucional, são preparadas pela equipe administrativa e validadas pela direção.

Os assuntos operacionais são delegados à Diretoria e à Equipe Administrativa da Arte Despertar. A Diretoria é composta por três membros: um diretor-presidente e dois diretores. A ela compete interagir com os Conselhos e a Equipe Administrativa, além de responsabilizar-se por elaborar e implementar todos os processos operacionais e financeiros da Associação. A Equipe Administrativa, composta por três gerências (financeira, de projetos e de produto) e estagiário, é responsável pela execução dos projetos.

Ainda, para assegurar a credibilidade e transparência da Arte Despertar, desde o ano de 2004, realiza-se uma auditoria externa, com o intuito de submeter os controles internos da organização a uma validação.

Todos os atos de governança têm como finalidade, desde a origem, favorecer o cumprimento do papel social da Arte Despertar, cujo objetivo é levar seus participantes a despertarem para si próprios e para o universo cultural em que estão inseridos e a que têm direito. Com base nisso, a Associação desenvolve iniciativas de inserção social em espaços educativos não formais e de saúde.



ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR



arte despertar

Redesenhamos essa marca, brincando com os pesos, com a tipografia. Deixamos em caixa baixa, antes era caixa alta, e também colocamos essa célula um pouco mais para a direita, deixando ela mais solta. O logo vai crescendo, é como se fosse uma rede social.

TERESA GUARITA GRYNBERG

Um momento simbolicamente importante do processo de criação institucional foi a escolha de uma logomarca capaz de sintetizar as propostas da Arte Despertar. Inicialmente, a forma de uma célula bem definida e orgânica se colocava acima do nome da Associação, escrito por extenso, em destaque. Mais tarde, a logomarca foi modificada, subtraiu-se a palavra Associação para demonstrar a consolidação da instituição e, mantendo a organicidade, deu-se destaque à célula. Esta passou a sugerir movimento, traduzindo a evolução institucional como um caminho que aponta, simultaneamente, para a continuidade e a mudança.

As páginas que seguem mostram que, desde as primeiras iniciativas, desenvolvidas por uma pequena equipe, até os atuais projetos, mais complexos e abrangentes, houve sempre compromisso com o desenvolvimento humano, a valorização do indivíduo por meio da arte e cultura e o favorecimento de acesso a bens culturais. Os avanços, conquistas, enfrentamento de dificuldades e superação de obstáculos empreendidos durante uma década colaboraram para a construção de saberes que estão aqui registrados.

Decorridos dez anos de atividades, é hora de realizar um balanço do trabalho executado, o qual transformou ambientes e pessoas, colaborou para a solidificação de relações interpessoais e incentivou o florescimento de potencialidades e habilidades em espaços por onde, tradicionalmente, a arte não costumava transitar.

Arte Despertar é até hoje uma grande representação de muita sabedoria. Já aprendi muitas coisas e já ensinei muitas coisas para as minhas amigas. Eu já tenho 4 anos que estudo na Arte Despertar, imagine quanta coisa já me ensinaram. Se não fossem vocês eu não saberia nada.

Faz 5 anos que entrei, e nunca mais quis sair. A Arte Despertar começou em outubro de 1998 e eu entrei em novembro de 1998. Fiquei até hoje no mesmo curso de Artes e pretendo continuar. Quero que a Arte Despertar permaneça aqui, porque ela mudou a vida de muita gente como fez comigo.

Eu, E., estou no curso há 5 anos e não me arrependo de fazê-lo. Eu sei que está acabando, mas só no ano de 2003, e já vai começar em 2004 mais um ano novo de artes plásticas. Vai ser tudo de bom outra vez.

A Arte Despertar me fez virar outra pessoa, antigamente eu não gostava nem de ouvir a palavra curso. Agora eu estou em artes plásticas, agora sim é o que eu quero.

PARTICIPANTES DOS PROJETOS



Reconhecemos que
a arte representa a
apoteose cultural de
uma sociedade, mas
reservamos um espaço
bem pequeno para a
sua aprendizagem nas
instituições culturais.
Por quê?

ANA MAE BARBOSA

ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA: PRESSUPOSTOS

O tempo modifica as pessoas, a sociedade, o planeta. A tônica da existência humana, na contemporaneidade, é a mudança. Entretanto, na perspectiva institucional, alguns princípios sempre serviram de base para a ação da Arte Despertar: a consciência ética, a solidariedade, a cidadania, o respeito, a autonomia e a valorização humana. Por se constituir como instituição do Terceiro Setor, a Associação compartilha com as demais a ideia de que o desenvolvimento das questões sociais e culturais é tarefa de toda a coletividade e de cada indivíduo, já que é ferramenta de transformação. Em decorrência, procura integrar segmentos diversos, constituindo uma rede de parcerias comprometidas com ações de responsabilidade social.

Nas escolhas institucionais, arte e cultura têm um papel importante no processo de acolhimento, reinserção e reestruturação da sociedade. Desde as primeiras ações, houve interesse em possibilitar interação entre pessoas, envolvendo-as em processos arte-educativos e culturais capazes de fortalecer diferentes formas de humanização, inclusão social, reflexão, comunicação, expressão e construção de conhecimento.

A Arte Despertar entende que, em contato com a arte, se desenvolvem a percepção, a imaginação, a memória, a atenção, o raciocínio, o juízo, o pensamento e a linguagem, elementos do processo de cognição de si, do outro e do entorno. Ao interagir com seu público, o trabalho institucional busca aliar o perceptível ao inteligível. Pelo respeito e adequação às singularidades dos públicos com os quais se relacionam, os arte-educadores, aos poucos, vão descobrindo seu potencial perceptivo, mnemônico e intelectual, o que torna possível vivenciar o encontro com a arte como experiência que propicia conhecimento e autorealização.

Relacionada ao contexto específico em que ocorre, essa prática, juntamente com a reflexão e a interação que oportuniza, abre-se para uma multiplicidade de pontos de vista, de modos de expressar a criatividade e de favorecer trocas interpessoais.

Por isso, ao atuar nesse campo, a Associação contribui para avanços significativos em ações de responsabilidade social, uma vez que amplia espaços de criação e diálogo através da arte e da cultura, favorecendo, por meio delas, o estreitamento das relações humanas.

Entre as características dos projetos que desenvolve e que os torna singulares, está o deslocamento da equipe de arte-educadores para os espaços de ação: comunidades e hospitais nos quais a arte e a cultura fazem diferença. Também é relevante destacar que as relações interpessoais oportunizadas pela ação institucional favorecem a aprendizagem pela experiência, a descoberta dos talentos de cada um, e investem na experimentação e na expressão da sensibilidade por meio das linguagens da arte.

Os conceitos e escolhas subsidiárias das ações da Arte Despertar se apoiam em pressupostos que situam a arte como atividade criativa que demanda experimentação, apreciação e interpretação de diferentes códigos, por meio dos quais os seres humanos buscam se comunicar e atribuir sentidos ao mundo. Em vista disso, princípios organizadores da ação institucional, apresentados a seguir, foram desenvolvidos por suas equipes arte-educativas e orientam suas práticas.

ARTE É TRANSFORMAÇÃO

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita para compreender a realidade e ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito de pedir-lhe que ele seja consciente de sua função social. Mesmo o mais subjetivo dos artistas trabalha em favor da sociedade. Pelo simples fato de descrever sentimentos, relações e condições que não haviam sido descritos anteriormente [...], representa um impulso na direção de uma nova comunidade cheia de diferenças e tensões, na qual a voz individual não se perde em uma vasta unissonância.

ERNST FISCHER

Fundamento das ações institucionais, a arte tem papel importante na vida das pessoas, sobretudo em uma sociedade estruturada de forma desigual. O acesso a ela pode significar soluções criativas aos desafios do cotidiano, entre os quais, a inclusão.

O racionalismo do século XIX determinou que a sociedade valorizasse a linguagem científica e discursiva, fato que relegou a um segundo plano, em boa parte do século XX, a importância da alfabetização visual para compreender outras linguagens. Entretanto, já na virada do século, a imagem se destaca como a linguagem característica do século XXI, presente em *outdoors*, na comunicação televisiva, no computador. Em consequência, para dar conta da vida cotidiana, é importante conhecer diferentes linguagens e interagir com variadas manifestações artísticas, como modos de expressão, vivência interpessoal e forma de acesso à cultura contemporânea.

Por reconhecer a necessidade da arte e sua capacidade transformadora, a ação da Arte Despertar difunde a ideia de que o fazer artístico contribui para o desenvolvimento humano, amplia seu potencial cognitivo de conceber e olhar o mundo de modos diferentes, intimamente ligados aos interesses de quem aprende a atribuir sentidos. Esta maneira de propor experimentações com arte pode romper barreiras de exclusão, visto que a prática arte-educativa está embasada não no talento ou no dom pessoal, mas na capacidade de experimentar de cada um.

Os beneficiados pela ação da Arte Despertar são estimulados a se arriscar, a se expor, a desenhar, pintar, representar, tocar, escrever, ler, considerados, não como competição, mas sim, como vivências (pessoal ou coletiva). Partindo desse princípio, todos se reconhecem como participantes e construtores de seus próprios percursos, descoberta assegurada pelo objeto artístico que passa a ter sentido e deixa de ser visto como incompreensível ou elitista distante da realidade.

Assim concebida, a arte leva em consideração diferentes formas de produzir, de compreender e organizar a vida social. A cultura, por sua vez, aparece em permanente transformação, amplia-se e possibilita ações que põem em destaque a construção de conhecimento. Nesse sentido, não há divisão entre teoria e prática, entre razão e percepção, mas investimento em uma postura integradora, que valoriza competências e habilita quem cria ou aprecia a lidar com a complexidade.

A arte ultrapassa o sentido imediatista da vida. Apresenta-se como forma de construção de conhecimento, desenvolve a percepção, a imaginação, a memória, a atenção, o raciocínio, o juízo, o pensamento e a linguagem, elementos que compõem o processo cognitivo. Por meio deles, conforme o educador Paulo Freire (1982), a humanização se configura em ponto de chegada, portadora de capacidades que desenvolvem a consciência e habilitam a agir e a pensar de modo autoral.

Ao abordar as linguagens da arte como áreas de construção, conhecimento e expressão, a Arte Despertar se coloca em sintonia com os recentes achados no campo do ensino de arte. Ao refletir a respeito do próprio percurso da área, colabora para consolidar uma postura pedagógica e fortalece a concepção de arte como conhecimento específico, uma vez que a entende

como processo de cognição em que, segundo Rudolf Arnheim (2002), perceber é uma forma de conhecer, o que possibilita refletir, compreender o mundo e adquirir ferramentas que podem viabilizar sua transformação.

As ações da Arte Despertar partem do entendimento de que o ser humano é um animal simbólico. Ele inventa e cria símbolos para interpretar o mundo, recorre à capacidade de simbolizar para se reportar à razão, mas também à linguagem, à arte, à religião e ao mito, como assevera Ernest Cassirer (1994). Sem isso, a vida humana resumir-se-ia à satisfação de necessidades biológicas e interesses práticos, sem qualquer projeto.

Cada indivíduo, ao combinar percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reapresenta à sua maneira, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmos, cenários. Esses e outros elementos da arte constituem as linguagens a que recorre a Arte Despertar, tendo em vista sua intenção de humanizar, resgatar a autoestima, formar e incluir socialmente.

A grande diferença foi essa, porque a maioria dos trabalhos que se faz hoje é “para”, e o nosso envolveu o “com”.

LÍGIA CORTEZ

Você sabe que eu não queria participar, pois estou triste e nervosa com o problema de J. Agora até eu me espantei como eu sou boa nisso, sei desenhar, e contar história. Eu mesma dou parabéns para você, dona Maria! Quero voltar para minha casa e ser voluntária em algum hospital que me queira, pois já sei o que é arte e também fazer arte! Foram vocês meus professores. (...) E estão me ajudando a entender o problema de J. Obrigada!

M. FATIMA, MÃE DE PACIENTE

ARTE É CIDADANIA

O movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

PAULO FREIRE

Os estudos de quatro educadores contribuem e fundamentam as práticas da Arte Despertar: Paulo Freire, Jean Piaget, Lev Vygotski e Elliot Eisner.

O conceito de educação popular, apresentado pela teoria freireana, é orientador das práticas da Arte Despertar, propondo-se a transformar a realidade a partir do protagonismo dos sujeitos. Ao desenvolver ações conjuntas em diferentes espaços públicos, a Associação amplia as possibilidades de vivência e forma comunidades de cultura que recriam permanentemente o legado de Paulo Freire em oficinas, jornadas, grupos de estudos e de trabalho. Estes, comprometidos com processos de ensino e aprendizagem, investem na emancipação de populações socialmente vulneráveis. A valorização do cotidiano, do conhecimento, de saberes e tradições populares vivenciados abrem perspectiva para reconhecer a criatividade individual.

Em “A importância do ato de ler” (1982), Freire apresenta o quanto a leitura pode instigar e subsidiar o estudo do cotidiano vivido. Para uma experiência se concretizar como educação, são necessários diálogo, troca, interação. Ao dialogar, sujeitos pensam juntos e recriam a realidade, desde que tenham como fundamento a verdade. Já em “Pedagogia do oprimido” (2005, p.90), Freire declara: “(...) a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo: dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens”. Nessa perspectiva, torna-se possível uma dialética entre a ação e a reflexão, essencial para uma educação problematizadora do real.

Ao formular os pressupostos da pedagogia libertadora, Freire apresenta a tecnologia como instrumento para possibilitar ao educando a ação sobre o objeto de estudo, bem como a concepção de novas visões de mundo, pois julga que não se assimila passivamente um conteúdo, mas trabalha-se com ele de diversos modos. Por isso, Moacir Gadotti (1979, p.107) caracteriza Freire como um construtivista crítico:

“Aprende-se quando se quer aprender e só se aprende o que é significativo, dizem os construtivistas. Paulo Freire também foi um dos criadores do construtivismo, mas do construtivismo crítico. Desde suas primeiras experiências no nordeste brasileiro, no início dos anos 60, buscava fundamentar o ensino-aprendizagem em ambientes interativos, através do uso de recursos audiovisuais. Mais tarde reforçou o uso de novas tecnologias, principalmente o vídeo, a televisão e a informática. Mas não aceitava a sua utilização de forma acrítica.”

Para Jean Piaget (1974), através de ações, o sujeito extrai o conhecimento. O pesquisador suíço apregoa uma educação inovadora, ativa, que motive aquele que aprende a realizar descobertas e se ver como parcela relevante no processo de ensino-aprendizagem.

A ênfase na natureza social humana, atribuída ao russo Lev Vygotski (1991), completa a concepção sociointeracionista e construtivista adotada pela Arte Despertar. Embora, em linhas gerais, haja mais divergências que convergências entre Piaget e Vygotski, ambos entendem o conhecimento como adaptação e como construção individual, concordando que a aprendizagem e o desenvolvimento são autorregulados. Enquanto Piaget se interessa pela forma como o conhecimento é construído – daí sua teoria se debruçar sobre a construção mental do indivíduo –, Vygotski destaca a maneira como os fatores sociais e culturais influenciam o desenvolvimento intelectual de quem aprende.

Piaget destaca os aspectos biológicos no processo de educação. Para ele, os estágios do desenvolvimento da inteligência estão apoiados na biologia e são idênticos em todos os seres humanos. Do mesmo modo, a aquisição do conhecimento ocorre por meio de trocas e interações com o objeto a conhecer. O indivíduo reconstrói o objeto, para se apropriar dele e dar-lhe significados, primeiramente pela ação, depois, pela representação.

Cada vez fica mais evidente para todos a importância desse trabalho e como conseguimos atingir cada ser humano no que ele tem de mais precioso na vida: sua identidade. Por meio da música, da literatura e das artes plásticas, a equipe com extrema competência acessou esse lado saudável, ou melhor, o ser humano saudável que todos podem ser, e assim resgataram-se as lembranças, as alegrias, as histórias, as potencialidades e habilidades, as risadas, as lágrimas [...] de todos que tiveram a oportunidade de ter um contato com a arte da Arte Despertar. [...]

O encerramento não podia ser melhor, a árvore da vida trouxe aos hospitais esperança, desejo de renovação e pode abarcar os sonhos, os desejos de todos. Acredito que foi a síntese do semestre, do trabalho, já que a cada dia que estamos lá procuramos resgatar todas essas coisas de cada paciente, acompanhante, enfermeira, médico, etc. [...]

CAMILA BIGIO GRYNSPAN, PSICÓLOGA

Vygotski, por outro lado, valoriza questões do âmbito da cultura. Para ele, o desenvolvimento do indivíduo é sempre ligado ao aspecto cultural, incorporado à história dos sujeitos. Na cultura, cada um passa a simbolizar e a criar elementos significativos que dão sentido à vida. Por estarem, indivíduo e cultura, intimamente ligados, a arte atua na organização e construção de mundo, possibilitando a reflexão sobre as práticas sociais à luz de instrumentos criados pela mente para interpretar o mundo.

Outros conceitos importantes para a prática da Associação devem tributo a este estudioso, como o resgate da zona real dos participantes (seus saberes efetivos), para ampliar, em seguida, a zona proximal (os saberes possíveis), os quais podem ser ativados pelo trabalho educativo com arte e cultura e aumentam a capacidade de resolução de problemas.

O pensamento de Elliot Eisner (1987) também dá suporte para a ação da Arte Despertar. Segundo ele, na relação com a arte, as pessoas fazem principalmente quatro coisas: “Elas veem arte. Elas entendem o lugar da arte na cultura, através dos tempos. Elas fazem julgamentos sobre suas qualidades. Elas fazem arte.” Esses movimentos baseiam-se na especificidade de cada obra e em detalhes da relação obra/público. Podem ser mediados por ações capazes de apontar novos significados para diferentes públicos, atualizando-as ou contextualizando-as a partir de motivações individuais ou coletivas.

Nesse sentido, Eisner e Freire se aproximam. Enquanto o primeiro enfatiza a imaginação, o outro sugere a prevalência do diálogo para consolidar a consciência social. Em ambos a educação é mediada pelo mundo, formatada pela cultura e influenciada por linguagens. Há também forte impacto de crenças, necessidades e valores, moderados pela individualidade. Se, para Freire, ter consciência da experiência gera conhecimento, para Eisner, experimentar o mundo empírico, dependente do sistema sensorial biológico, refina os sentidos e alarga a imaginação. Realiza-se

então, por meio da arte, um trabalho que potencializa o conhecimento e amplia a consciência do contexto em que cada sujeito se insere. Por isso a arte é importante: ela estimula a tolerância à ambiguidade, explora múltiplos sentidos e significações. Nela não há certo e errado: tudo é mais ou menos adequado, mais ou menos significativo, mais ou menos inventivo ou terapêutico.

A obra de arte possui qualidades emocionais e cognitivas que contêm informações de ordem social e cultural. Para compreendê-la, é preciso contextualizar o conhecimento sociocultural que está sendo comunicado, pois a arte está sempre relacionada a valores específicos, a sintomas psicológicos e a visões de mundo que a concretizam como fato social. Essa perspectiva é apresentada por Fayga Ostrower (1987), para quem é possível reconhecer que o potencial consciente e sensível de cada um se realiza sempre dentro de formas culturais. Por compartilhar dessa ideia, a Arte Despertar preocupa-se com o resgate cultural e histórico dos grupos com os quais interage.

Por isso, é também importante considerar o conceito de multiculturalidade, apresentado no Brasil por Ana Mae Barbosa (1998). Graças ao multiculturalismo, todos podem ter acesso aos conhecimentos propostos pela arte, desde que sejam sensíveis a diferentes formas de cultura e de saber e desenvolvam competência para integrar diversidades e singularidades características dos agrupamentos sociais. Na sociedade brasileira contemporânea, frequentemente, indivíduos de variados grupos culturais interagem com outros de culturas e subculturas diferentes. Embora todos se liguem estreitamente, podem ser identificados por raça, gênero, orientação sexual, idade, situação geográfica, renda, classe social, ocupação, educação, religião. Uma atitude multiculturalista frente à arte, portanto, deve estar atenta às formas como cada grupo a situa em suas vidas, procurando entender que, embora todos necessitem de

ARTE É EDUCAÇÃO

Somente uma educação que fortalece a diversidade cultural pode ser entendida como democrática. A multiculturalidade é o denominador comum dos movimentos atuais em direção à democratização da educação em todo o mundo. [...]
A preocupação com o pluralismo cultural, a multiculturalidade, o interculturalismo leva necessariamente a considerar e respeitar as diferenças, evitando uma pasteurização homogeneizante.

ANA MAE BARBOSA

Eu achei legal porque tinha o bumba-meu-boi, o cabeção, a Catirina, e no meio da festa eu vi minha mãe e ela tirou foto de mim. Gostei do feitiço e gostei muito da música e da história do vaqueiro que corta a língua do boi e dá para a mulher grávida. E também porque é uma lenda muito bonita. Minha mãe tirou a foto dos bois porque eram bonitos e tinham flores nas costas.

ISATÂMERA, 10 ANOS,
COMUNIDADE DE PARAISÓPOLIS

arte, o próprio conceito pode diferir de acordo com os valores e a forma de inserção na vida de cada um.

Em qualquer situação, entretanto, vale destacar que o pensamento e o sentimento estão presentes, pois, como diz Fayga Ostrower (1987, p.39),

“o criar é um processo existencial, não lida apenas com pensamentos, nem somente com emoções, mas se origina das profundezas do nosso ser, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo em que a inteligência estrutura e organiza as emoções. A ação criadora dá forma, torna legível, inteligível o mundo das emoções.”

Ao considerar o poder transformador da arte, bem como as condições que ela possui de proporcionar vivências culturais, em especial junto às populações socialmente vulneráveis ou àqueles que se encontram hospitalizados, a atuação da Arte Despertar, por meio de ação arte-educativa não formal, amplia a possibilidade de colaborar para a conquista da cidadania e a elevação da autoestima dessas populações.

Suas práticas envolvem sempre ação, articulação com as realidades representadas e reflexão, formatando uma metodologia cujo desenvolvimento universaliza o direito à arte e à cultura e procura realizar cada procedimento como etapa vivenciada de um processo de aprendizado e aprimoramento pessoal dos que dele participam.

Para criar, o ponto de partida é a realidade, mas é também preciso mobilizar experiências anteriores, a história pessoal e cultural, determinada pelo tempo e o espaço, e recorrer a diferentes artifícios que deem novos significados ao que se vê, rememora ou sente. O mesmo percurso é cumprido pelo espectador ao apreciar a arte, pois ele atribui sentidos ao que vê, ouve ou lê, a partir de seu universo próximo. Este conhecimento, organizado através de sistemas simbólicos, pode se expressar por imagens, gestos, palavras, sons, formas que constituem as linguagens através das quais o ser humano interroga o mundo que o rodeia.

As atividades desenvolvidas pela Arte Despertar priorizam as linguagens teatral, visual, literária e musical. Embora possuam semelhanças, cada linguagem guarda sua especificidade e indica um recorte teórico orientador de abordagem metodológica específica.

Através da **linguagem teatral**, destacam-se ações de leitura, escrita, apreciação e reflexão. Por ser uma atividade realizada em grupo, é desenvolvida a partir de vivências, conhecimentos e experiências individuais, mas é capaz de promover a aquisição de novas compreensões coletivas ao explorar diferentes conteúdos dramáticos. Práticas cooperativas, motivadas pela vivência dramática, valorizam a colaboração, a interdependência e a reflexão sobre valores e atitudes inerentes à convivência em grupo, bem como a elevação da autoestima e o autoconhecimento.

A **linguagem das artes visuais** desenvolve habilidades de ver, julgar e interpretar imagens da cultura visual, através das quais é possível atribuir sentidos, acompanhar processos de criação, pesquisá-los e documentá-los, em âmbito individual ou coletivo. Ao exercitar esta linguagem, consolida-se uma alfabetização visual que propicia condições para decodificar e ressignificar os contextos em que aparece, além de abrir caminho para a experimentação pessoal, a significação, a valorização da autoestima, a oportunidade de pensar sobre arte e formular juízos críticos a respeito da produção própria ou alheia.

LINGUAGENS DA ARTE: DESENVOLVIMENTO CULTURAL E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

No decorrer do trabalho vamos criando uma forma de comunicação silenciosa, propiciando um ótimo entrosamento. A música, os bonecos, a fantasia muda o foco do paciente e possibilita que ele esqueça que está em um ambiente hospitalar. Fico feliz em poder trabalhar com profissionais de alto nível, os que trabalham no hospital e os que ficam também nos bastidores da Arte Despertar.

MAURICIO ANACLETO, ARTE-EDUCADOR

A **linguagem literária** explora a potencialidade representativa do mundo da ficção, forma ou desenvolve o hábito de leitura e o prazer do contato com gêneros literários através da contação de histórias, de recriação e de conversa a respeito do lido. Estimula-se uma apreciação ativa, em que a produção de sentidos a respeito de diferentes situações humanas frente ao contexto social ou às dificuldades pessoais são trazidas à tona através da fantasia, possibilitando vivências e reflexões variadas do seguro lugar de leitor. Ao mesmo tempo, valoriza-se a manifestação de leitura crítica, quando o leitor toma a palavra e produz inferências provocadas pelo que leu, realizando uma leitura autoral.

Nas ações que envolvem a **linguagem musical** são desenvolvidas atividades de apreciação, execução e composição, com o objetivo de formar ou ampliar repertório, desenvolver noções de disciplina, equilíbrio, sintonia e respeito, viabilizando a expressão da cultura local, o refinamento da escuta e a criação musical.

As linguagens privilegiadas determinam a formação da equipe, as áreas de atuação da Arte Despertar, além de orientarem a definição da metodologia de ação e a formação de parcerias. São trabalhadas de modo a privilegiar tanto o fazer quanto a apreciação e a compreensão da arte, representadas por

vivências de ser, estar, participar, aprender a ver, ouvir, tocar e expressar o que sente.

Aspectos relacionados ao ser se explicitam no encontro com o grupo, formado por iguais, em que a individualidade e a autoestima se fortalecem. O estar decorre de percepção e vivência de pertencimento, de sentir-se parte de uma coletividade, o que desenvolve o vínculo, a cooperação, o afeto e a cumplicidade, bem como o respeito às diferenças. Já, por meio do participar são favorecidos a responsabilidade, o envolvimento e o comprometimento com a atividade. No âmbito do aprender a ver, ouvir ou tocar, a sensibilização para as diferentes linguagens é explorada, o que abre caminho para a expressão do sentir, além de novas e diferentes formas de comunicação, capazes de atribuir outros significados ao pensamento, às emoções, à afetividade.

O processo criador, provocado pela ação de arte-educadores mediada pela arte, favorece descobertas e o traçado de caminhos pessoais, sem comparações ou competitividade, o que é fundamental para o desenvolvimento e amadurecimento individual e para a ampliação do próprio olhar. Em todas as situações de aprendizagem, a intervenção especializada é transformadora, pois ensina a construir sentidos.

Foi muito bom. Acho que é uma excelente oportunidade para entender o quanto é gratificante ser parte integrante de uma ação social e sentir que seguramente estas duas horas de dedicação do nosso tempo são de enorme importância para quem as recebe.

A parceria do Banco com a Arte Despertar está de parabéns pela iniciativa! Acho que muitos têm a vontade de participar de projetos de voluntariado, mas não o fazem por falta de oportunidade. Foi fantástico estar com aquelas crianças, proporcionando um pouquinho de alegria em momentos tão delicados. Estou ansiosa para a minha próxima visita.

O projeto foi muito importante para o desenvolvimento da solidariedade entre os funcionários. Acredito que, assim como nas minhas atitudes, o projeto tenha contribuído diretamente ao trabalho de todos os funcionários que participavam.

FUNCIONÁRIOS QUE PARTICIPARAM
DE PROJETO NO HOSPITAL DA CRIANÇA
NOSSA SENHORA DE LOURDES



SENSIBILIDADE ARTÍSTICO- CULTURAL, ASPECTOS METODOLÓGICOS E ATIVIDADES RELEVANTES

O olhar do indivíduo sobre o mundo, que não envolve só a visão, mas cada partícula da individualidade, está profundamente colado à história pessoal, à cultura, ao tempo e ao momento específico da vida de cada um, como assevera Danilo Miranda (2006, p.20):

“ (...) as memórias das brincadeiras nos parques, das cantorias dos terreiros, dos desenhos das crianças, dos sons caboclos, estas memórias do íntimo (...) memórias das pequenas coisas não utilitárias, não civilizadas – todas elas resíduos orais da cultura, tão breves quanto a existência. Mário de Andrade acreditava que o verdadeiro patrimônio de um povo estava materializado nestas coisas menos nobres, que se esvaem como a voz: coisas perecíveis, relacionais, efêmeras e, por isso mesmo, vivas.”

As ações da Arte Despertar investem nas relações interpessoais e na transformação do ambiente. Além de estimularem a expressão individual, desenvolvem a criatividade, especialmente a capacidade de criar soluções diferentes para um mesmo desafio. São justificadas por seus pressupostos teóricos e se concretizam através de atividades arte-educativas e culturais, motivadoras, levadas a diferentes espaços e públicos, mediante atendimentos pontuais, oficinas e vivências, capacitações, cursos, palestras ou visitas a instituições culturais. Sua implementação envolve processos de representar ou expressar o mundo real, favorecendo a intercomunicação e a sensibilidade pessoal.

A sensibilidade é entendida como capacidade de captar e expressar sentimentos, mas também como responsável pela construção de conhecimento, já que pode ser a porta de entrada para a criação de significados, durante a mediação realizada pela arte e pela cultura.

A habilidade de lidar com o sentir é adquirida a partir de estímulo, em decorrência de experiências individuais, que podem ser expressas por gestos, palavras, desenhos ou mesmo pelo olhar.

Na perspectiva de Ana Mae Barbosa sensibilidade é o conjunto de funções orgânicas que buscam a inteligibilidade, o prazer, a sensualidade. Para a autora (2005, p.99), “A arte, como linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, discursiva ou científica.” Ela é vista, então, como instrumento para a busca da percepção sensível, que capacita a sentir e perceber o mundo.

A Arte Despertar exercita o ver a partir do olhar do outro, o que torna possível aprofundar o campo da imaginação e compreender o papel que ela pode ter na criação de significados pessoais ou culturais. Pela sensibilidade, o mundo é percebido, mas antes ele é criado pela imaginação. O sensível é, então, um saber que se mescla ao pensamento racional, embora esteja mais ligado aos sentidos. Ao propor que pessoas em situação de vulnerabilidade social ou de saúde abram os sentidos, a Arte Despertar indica o mais importante aspecto de sua base metodológica: o resgate ou desenvolvimento da sensibilidade, ou seja, da capacidade de todos os participantes de uma ação reconhecerem as sensações que lhes são oferecidas pelos sentidos a partir da experiência vivida.

Assim, os arte-educadores, que fazem a mediação por meio da arte e da cultura, privilegiam

o processo perceptivo e despertam em seus interlocutores o interesse por registros de identidade e pertencimento. Em consequência, na interação entre espectador e objeto, ou entre produtor e sua obra, as informações são captadas pelo corpo, as sensações são assimiladas antes de se tornarem reflexão.

Por isso há interação entre os participantes das ações da Arte Despertar, pois há contato entre diferentes formas de ver o mundo e desfrutar emoções. Nesse contexto, conscientizar-se da própria reflexão é exercê-la como uma prática, abrindo perspectiva para a transformação. É também uma forma de ser e estar sensível aos próprios pensamentos, deixando-se afetar por eles.

A sensibilidade, entretanto, não é só a capacidade de perceber, mas também de interpretar sensações, ampliando as condições de leitura. Nesse sentido, nas iniciativas promovidas pela Arte Despertar, todos são, simultaneamente, aprendizes e educadores. Por isso, ao definir espaços de ação ou temas a serem desenvolvidos, as linguagens da arte e da cultura, veículos de atuação da Arte Despertar, são também vividas pelos mediadores, e todos, simultaneamente, aprendem e ensinam, propõem e participam, questionam e argumentam, sensibilizam e sensibilizam-se com seu fazer.

MEDIADORES DA AÇÃO

O ser humano é inclinado por natureza, inexoravelmente, a estabelecer vínculos com os outros e a se relacionar com os demais, já que encontra neles uma referência inevitável para apoiar sua “incompletude” original. Graças a esses contatos em nossa existência, chegamos a ser o que somos. Existimos coexistindo, apesar de nossa vontade, inclusive.

GIMENO SACRISTÁN

A Arte Despertar proporciona a interação da arte com o público através da mediação dos arte-educadores com crianças, jovens e adultos. Realiza vivências significativas de ampliação do conhecimento de si e do mundo através da arte, transformada em poderosa aliada na construção de projetos de vida.

As intervenções promovidas pela Arte Despertar têm como responsáveis profissionais que conhecem o conteúdo a ser tratado e são capazes de conduzir discussões produtivas e orientar processos de descoberta por parte dos demais participantes da ação. Em decorrência de formação e experiência, eles também atuam como “formadores”, em cursos e capacitações.

Considerando a natureza da mediação, um planejamento cuidadoso sempre antecede a execução das ações. Para atender cada espaço de intervenção, as equipes de trabalho são compostas por um pedagogo, um psicólogo e arte-educadores. Este grupo organiza um plano de ação, pesquisa, amadurece propostas, reporta-se a experiências já vivenciadas e, em consonância com as características dos beneficiários e as especificidades do local de intervenção, define prioridades, linguagens da arte a serem trabalhadas e modos de atuação.

Por ser a primeira aproximação da prática, o planejamento coloca os mediadores em consonância com o meio em que atuarão e os objetivos que pretendem alcançar. Durante a execução, a equipe mantém reuniões regulares para refletir a respeito do que foi realizado, deixando-se também afetar pelos próprios pensamentos a partir da experiência. Assim, a sensibilidade abre perspectiva para o mediador, além de perceber, interpretar sensações, colocando-se, pela reflexão, na condição de quem aprende. Nesse sentido, sua ação concretiza a máxima de Alicia Fernandez (2001, p.42) que diz: “só quem se posiciona como ensinante poderá aprender e quem se posiciona como aprendente poderá ensinar”. Em consequência, para realizar um trabalho intimamente ligado ao sensível, é necessário

ser capaz de render-se a ele, estabelecendo uma via de mão dupla cujo resultado valoriza a mediação realizada pela Associação Arte Despertar.

Ao mudar o olhar, muda tudo. Bergson (1978) dizia que os sentimentos são “geradores de ideias”. A relação com a “experiência” torna as atividades realizadas significativas e elas são capazes, então, de modificar aqueles que a vivenciam. A experiência é domínio da interpretação, depende do modo como as situações são lidas. Jorge Larrosa (2001), educador catalão, afirma que apenas os acontecimentos que tocam aquele que aprende transformam-se em experiências, são apropriados como significativos.

Logo, por ser um pesquisador da realidade e conduzir o exercício da observação, percepção, análise crítica e criatividade, o arte-educador compreende sua responsabilidade social e investe na interação, sabe como se constrói o conhecimento e planeja levando em conta a realidade, além de avaliar permanentemente sua prática, alterando-a, se necessário.

É, enfim, comprometido com novos paradigmas que orientam o pensar pedagógico, pois adota uma concepção diferenciada em relação ao ensinar e aprender, baseada na troca e na interação, em que todos são parceiros e colaboradores. Nessa perspectiva, constitui-se, simultaneamente como um “investigador” que se propõe a pesquisar e se aprofundar sobre conceitos teóricos e a prática, referente às metodologias de ensino e às linguagens da arte, suas relações com a cultura, suas particularidades, seus códigos, materiais e formas de construção e expressão. A dimensão investigativa é alimentada por pesquisas individuais, cursos de formação e pela análise crítica de seu próprio trabalho. Há também momentos de troca com toda a equipe, em que são discutidos os planos de ação e as problematizações daí decorrentes e nos quais acontece a socialização das experiências e a avaliação do processo.

Tratando-se de jovens que vivem em uma comunidade como essa, onde há muita violência, o resultado está sendo ótimo, porque eles estão se tornando mais espontâneos, eles participam bastante das atividades, estão se tornando jovens com cabeças mais críticas.

RAFAEL ALEXANDRE GOMES,
MOSTEIRO SÃO GERALDO

ESPAÇOS DE AÇÃO

Se as coisas são inatingíveis [...] ora!
Não é motivo para não querê-las [...]
Que tristes os caminhos, se não fora
a mágica presença das estrelas.

MÁRIO QUINTANA

Nesse sentido, o arte-educador é também um “mediador”, um facilitador, a quem cabe valorizar o repertório e a identidade das pessoas, criando situações que convoquem uma participação ativa, em que aspectos novos sejam agregados para promover o enriquecimento e ampliação cultural e possibilitar que os envolvidos se reconheçam como produtores de conhecimento.

O acesso à produção cultural e artística é um direito de todos. Para trilhar esse caminho em busca da arte e cultura, a Arte Despertar concretiza sua presença em hospitais e em comunidades onde não existe acesso a este tipo de produção.

Entretanto, o projeto de intervenção não decorre de imposição ou de alguma alternativa discutida apenas entre a equipe da Associação. Ao contrário, a partir de uma apresentação geral do projeto e da aceitação da parceria, arte-educadores, coordenação pedagógica e assessoria psicológica são destacados e, em comum acordo com os parceiros, decidem as linguagens, a periodicidade, os recursos e a forma de ação. Esta primeira etapa do processo tem, portanto, profundo sentido pedagógico, pois aproxima a Arte Despertar da cultura do parceiro, permite supor os modos de agir e de inserir-se na realidade em que irá atuar, tomando a arte e a cultura como critério de mediação.

A ação da Arte Despertar decorre do contexto, de análise e reflexão a respeito da realidade próxima. Logo, esta etapa destinada ao conhecer não é um ato passivo, envolve troca entre parceiros, diálogo e aprofundamento da cultura de cada um. O agir que daí decorre tende também a ser dinâmico e transformador, profundamente enraizado na cultura do lugar de ação.

Trabalhar com arte em comunidade é entrar em contato com nós mesmos. (...) Eu conheço desde quando entrei aqui no PECP, em 2002. Na verdade eu não trabalhava com arte e cultura aqui, vim trabalhar com arte e cultura faz mais ou menos uns três anos. Eu via o trabalho da Arte Despertar aqui como observadora. E sempre fiquei muito emocionada pela qualidade, com o desempenho, com o desenvolvimento das crianças e dos jovens, da qualidade do trabalho desenvolvido. (...) Muitas vezes eu comecei a perceber que era a Arte Despertar, à medida que vocês faziam as exposições, que faziam um trabalho com a comunidade, as apresentações do que era desenvolvido durante o ano. E era sempre muito apaixonante, dava sempre para ver que algo de fato acontecia, assim, não era algo só para expor, era algo bem desenvolvido com as crianças, com as famílias, o compromisso, a seriedade do trabalho. Nunca vi, nesses anos todos, pai reclamando dos professores da Arte Despertar, nem dos arte-educadores. Por exemplo, eu nunca vi falta de arte-educadores. E quando uma criança fala da Arte Despertar é sempre com muito amor, muito carinho.

VANDA MAFRA FALCONE, PROGRAMA
EINSTEIN NA COMUNIDADE DE PARAISÓPOLIS



Quando o trabalho se desenvolve em comunidades, para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social ou em projetos de capacitação de jovens ou educadores sociais, o foco da ação institucional é pautado por valores eminentemente arte-educativos e culturais. Da mesma forma, se propõe a criar oportunidades de interação entre os diferentes grupos, de modo a favorecer, por meio da sensibilidade das linguagens da arte, a realização dos chamados quatro pilares da educação: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos, a conviver com o outros; aprender a ser, conforme indica Jacques Delors, no Relatório da Unesco (1999).

A violência e a vulnerabilidade social vêm se acentuando no mundo contemporâneo, e entender a relação entre elas é um grande desafio aos governos e à sociedade civil. Crianças e jovens de classes populares estão entre os grupos mais atingidos e são precários os serviços públicos, as condições de vida, as oportunidades de lazer e as perspectivas de mobilidade social a eles destinados, o que interfere sobre as formas de sociabilidade que costumam exercer, suas expectativas em relação ao futuro e ao traçado de projetos de vida.

Diante disso, torna-se imperioso propor alternativas além do convívio escolar que lhes oportunizem relacionar-se socialmente. A ação da Arte Despertar tem como objetivo quebrar o ciclo perverso da vulnerabilidade por meio de iniciativas em que possam se tornar protagonistas de mudanças, rejeitando a incerteza e a insegurança em que vivem, e buscando, através da arte e de elementos da cultura, concretizar potencialidades individuais e contribuir para a solução de problemas de seu cotidiano de forma criativa.

As propostas desenvolvidas na comunidade indicam que a arte pode ser um dos caminhos possíveis para a ampliação do contato com a cultura, a valorização da autoestima e o delineamento de projetos de vida.

O primeiro trabalho foi um desafio instigante, provocou questionamentos e exigiu mudanças frequentes para o atendimento ao público. No entanto, possibilitou aprendizagens importantes e fortaleceu convicções institucionais aperfeiçoadas em diferentes ações com as comunidades da zona sul da cidade de São Paulo.

Em projetos cujo público eram os jovens, o protagonismo juvenil foi incrementado, investindo no desenvolvimento de projetos para a vida pessoal e coletiva, traduzidos em ações que pudessem contribuir para o delineamento de um percurso diferente e a imediata incorporação de interesses de pesquisas relacionadas às artes e à cultura, bem como de atitudes, valores e comportamentos propícios à obtenção de uma ocupação saudável e educativa. Foi exitosa a pressuposição de que quanto mais consistente fosse o projeto de futuro, tanto mais o jovem procuraria obter bom desempenho nas atividades cotidianas imediatas, mais abrangente e crítica seria sua visão a respeito da realidade e mais significativas se tonariam as indicações relacionadas à aquisição de conhecimentos específicos, até mesmo no mundo do trabalho.

Experiência geradora de aprendizagens e transformadora do entorno social, foi projeto que envolveu ex-alunos de oficinas de artes visuais da Arte Despertar. Nessa ação, estes

jovens tornaram-se referência para outros da mesma comunidade, empoderando-se por se constituírem como monitores, guias e exemplos para os mais novos em situações de sensibilização artística.

Ainda em comunidades, ocorreram ações de formação de educadores de creche, tornando-os mais aptos a explorar as diversas linguagens no contato com crianças de zero a seis anos. Em uma das edições da oficina, a atividade teve como ponto de partida a narração de histórias e a cultura local. Embora dedicadas ao trabalho com os pequenos, elas despertaram o interesse dos educadores por pesquisa e aprofundamento de conteúdos ligados aos demais habitantes da comunidade, contribuindo para o resgate de suas próprias histórias e origens.

Um dos compromissos da Arte Despertar, ao interagir com essas comunidades, é ampliar-lhes o capital social, favorecendo a inserção no mundo da cultura e da arte e possibilitando que reconheçam seu potencial, que aprendam e desenvolvam hábitos de usufruir dos equipamentos culturais existentes no espaço urbano. Desse modo, a ação institucional promove a inclusão, dá acesso a espaços e bens de lazer, entretenimento e cultura, amplia a convivência de crianças e jovens com a comunidade em geral. Além disso, investe na humanização, na inserção sociocultural e na difusão de conhe-

cimento, com potencial de apontar projetos de futuro, pois as aprendizagens realizadas promovem a reflexão a respeito das alternativas de mudança. Assim, em vez de pessoas habituadas ao estado atual das coisas, a Arte Despertar aposta na formação de cidadãos dispostos a se envolverem a fundo em ações capazes de transformarem a sociedade para melhor.

A cada encontro, em cada oficina, independentemente do lugar, é possível desencadear o processo criador dos educandos e também dos arte-educadores. Os encontros, então, se tornam significativos, ampliam o conhecimento de si e do mundo, e podem ter como culminância uma exposição de trabalhos de artes visuais, a produção de um livro de poemas, a narração da história do lugar ou a gravação de um CD de música.

No ambiente hospitalar, a arte é sugerida como forma de atenuar as agruras do cotidiano. Recorre a diferentes manifestações expressivas para favorecer que os sujeitos envolvidos expressem suas imagens internas e inconscientes através de vivências com arte e cultura, o que equivale a compreendê-las como meio de se expressar, se comunicar e criar, enfrentando de forma pró-ativa o sofrimento e as limitações impostas pela doença.

Ao recorrer às linguagens das artes, é possível resgatar o que há de poético e criativo em cada um, despertando habilidades, potencialidades e sentidos muitas vezes esquecidos ou sombreados por momentos de dor e de angústia individual. A organização de ambientes favoráveis, descontraídos, aliada a momentos de relaxamento de todos os presentes (pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde), propicia situações de protagonismo que contrastam com a passividade e a sujeição, frequentemente encontradas em hospitais.

Hospitais

Quando vocês chegaram, era uma novidade a arte levada ao hospital. Como tínhamos trabalhado muito tempo em escola, tínhamos como ideia que era só um fazer, um simples pincel. Em termos de vida, houve em minha mente uma divisória, antes e depois de conhecer o trabalho da Arte Despertar. Essa arte, desenvolvida com os pacientes e acompanhantes, mostrou que tinha objetivos, planejamentos, profissionais que fazem a diferença com a arte.

Hoje não conseguimos ver o GRAACC sem a Arte Despertar, pois todos esperam e gostam do trabalho; para eles isso é muito importante. O paciente tem oportunidade de conhecer a arte e a cultura com um grupo especializado. Essas pessoas é que fazem a diferença. A Arte Despertar faz a diferença no dia-a-dia do GRAACC!

DORA SAGGESE E PATRICIA PECORARO,
BRINQUEDOTECA, GRAACC

Na percepção de senso comum, hospitais são lugares de vivência fragmentada e desestimulante, que tendem a anular as subjetividades. O investimento em atividades que possam romper com isso é importante para que os sujeitos que por ali passam possam estabelecer relações positivas. A linguagem da arte favorece a expressão de emoções, sentimentos e pensamentos, valendo-se de um trabalho de humanização como mola propulsora para estreitar relações, promover a confiança entre pacientes e profissionais de saúde, diminuir a dor, dialogar com familiares e visitantes, além de quebrar a rigidez e a relação hierárquica entre médicos e internados.

A intervenção artística e cultural promovida pelas ações da Arte Despertar pode criar situações integradoras e instigantes, que abrem caminhos para novas descobertas e outros traçados nos objetivos de vida pessoal e coletiva de todos os envolvidos, independentemente das situações-limite de vida que estejam enfrentando, seja como profissionais da saúde, pacientes ou acompanhantes.

Um dos aliados nessa transformação é o caráter lúdico que, segundo o historiador Johan Huizinga (2008), em seu “Homo Ludens”, compartilha valores com a arte. Ao aproximar arte ao lúdico, a ação da Arte Despertar cria uma área de escape, oferecendo, através de

atividades pontuais e desinteressadas, oportunidade de dar expressão à vida, valorizar a identidade, resgatar a cultura de origem e criar outro mundo possível, saudável e sensível.

Nessa situação, como declara o pensador inglês Herbert Read (2001), a arte estimula à fuga do caos e fortalece um movimento de humanização ordenado pelo ritmo da vida. Através do lúdico, a arte interrompe o cotidiano, suspende por instantes a realidade angustiante e a substitui por outra, fascinante e envolvente. Este aspecto sugere a quebra de uma ordem estabelecida e, ao aceitar a proposta, o grupo/o indivíduo ressignifica o ambiente, se evade para uma esfera de atividades autônomas, normalmente conservadas na memória depois de finalizadas.

Além da capacidade de retirar o indivíduo da rotina hospitalar, as atividades promovidas pela Arte Despertar também desafiam ao compartilhamento de emoções, provocando experiências sensíveis. Os arte-educadores estimulam os sentidos de todos os envolvidos, resgatam e fortalecem traços da identidade cultural de origem, possibilitando-lhes vivenciar e perceber sentimentos que podem se tornar poderosos aliados na superação dos limites impostos pelas contingências do cotidiano de um hospital.

Ao se vincularem por meio da arte, todos os participantes iniciam um processo de troca de

repertórios em que, mutuamente, oferecem e absorvem conhecimentos e afetos. Este processo, sem começo, meio ou fim, está em constante metamorfose, o que exige uma intervenção planejada, orientação psicológica e pedagógica dos arte-educadores e disponibilidade para socializarem repertórios de experiências dos seus acervos pessoais.

O trabalho desenvolvido pela Arte Despertar nos hospitais procura levar arte e cultura para todos indiscriminadamente, articulando palavras, imagens e sons. As atividades arte-educativas atuam como estimuladoras do lado saudável e criativo dos pacientes, favorecendo a expressão de individualidades e ampliando sensibilidades. A experiência estética instiga olhares, pensamentos individuais e coletivos, aprofundando formas de ver, ouvir e sentir o mundo ao redor. Nesse contexto, arte e cultura atuam como instrumentos mediadores do diálogo entre o ser humano e a realidade apresentada.

As regras rígidas dos ambientes hospitalares muitas vezes impõem algum estranhamento à intervenção da Arte Despertar e, em várias ocasiões, foi necessário tempo até o entendimento da proposta. Entretanto, à medida que a ação se desenvolvia, seu efeito era percebido e a interação entre as equipes se estreitava, ocasionando até mesmo atividades conjuntas ou demanda por parte do profissional da saúde de atendimento a pacientes mais necessitados.

Ainda que tenham um sentido mais genérico, os quatro pilares da educação, presentes no relatório de Jaques Delors, também são contemplados nas ações da Arte Despertar em hospitais, já que elas fortalecem o indivíduo e melhoram a autoestima, sendo, portanto, mobilizadoras do “aprender a ser”; estabelecem um diálogo e transformam o ambiente pela introdução de objetos pessoais, fotos, desenhos, que valorizam o “aprender a conviver”; exercitam novas maneiras de ver, tocar, ouvir,

METODOLOGIA DE AÇÃO

Tínhamos reuniões. Eu indicava textos, discutia. E então a gente discutia a teoria e depois fazia uma transposição da teoria para as possibilidades de prática da Arte Despertar, pensando na formação daqueles que viriam trabalhar na Associação e em uma fundamentação, num perfil das atividades.

MARIA CHRISTINA DE SOUZA LIMA RIZZI

Então na hora que a Arte Despertar entra para ajudar e usa a arte como instrumento, não é um instrumento só lúdico, é um instrumento que serve para recriar esse mundo que o indivíduo perdeu.

MARCOS KISIL

resolver problemas, promovendo o “aprender a fazer”; e se valem da arte como processo de conhecimento do mundo, de sua história, sua natureza, incentivando o aprender a conhecer”.

À medida que a Associação realiza suas ações, vai construindo uma metodologia decorrente da preocupação de assegurar que as práticas repercutam suas escolhas teóricas e possam ser replicáveis em diferentes espaços.

Nesse sentido, seja em comunidades ou em hospitais, há interesse em se apropriar do que acontece no entorno para, então, planejar atividades que façam sentido para os diferentes sujeitos envolvidos e estejam apoiadas nos pressupostos teóricos antes enumerados.

Esse percurso, organizado a partir da realidade definida pelos parceiros, tem reflexo nos conteúdos e nas linguagens da arte abordadas nos projetos, orienta o planejamento das ações e das atividades arte-educativas levadas a diferentes espaços e públicos, por meio de atendimentos, sensibilizações pontuais, oficinas e vivências, capacitações, cursos, palestras ou visitas a instituições culturais.

Todo trabalho é planejado, executado e avaliado pela equipe Arte Despertar, constituída, como já se disse, por arte-educadores, pedagogos e psicólogos, com suporte administrativo.

A metodologia de intervenção social que faz uso das linguagens da arte desenvolvida pela Arte Despertar retoma a visão triangular apresentada por Ana Mae Barbosa. Ela aborda o objeto ou ato artístico, explora a compreensão do contexto histórico em que o objeto ou ato foi produzido e estimula o fazer artístico, por meio de experiências significativas, ressignificando o lugar da arte na vida de cada um.

Relativamente ao **fazer**, as atividades práticas desenvolvidas, sejam elas em artes visuais, teatro, música ou literatura, capacitam para uma melhor compreensão do objeto ou do ato artístico. Ao realizar diferentes etapas da construção da arte, quem a vivencia passa a percebê-las como resultado de trabalho e não do gênio de um artista. A produção perde a aura e revela proximidade com o indivíduo que a concebe, possibilitando que o fazer artístico represente um encontro com desejos, anseios e posturas diante das coisas do mundo. Esta atividade traz em si uma forte carga lúdica, em que a capacidade de recriar o mundo é infinita, especialmente se for enriquecida com recursos técnicos.

Quanto ao **ler/apreciar**, pressupõe a interpretação específica dos códigos da música, do teatro, da literatura e das imagens visuais, que também são formas de leitura do mundo, ligadas às habilidades de ver, julgar e interpretar sentidos da arte e da cultura.

Já ao proporcionar o **conhecer/contextualizar/refletir** a arte como objeto sócio-histórico, há estímulo para compreender materiais, meios e suportes diversificados em função do uso expressivo e da capacidade criadora de sujeitos para questionar as coisas do mundo. Em outras palavras, um diálogo constante sobre a importância da arte, e do papel que ela exerce na construção do conhecimento é capaz de investir na formação de pessoas melhores, produtoras e consumidoras de bens culturais.

Embora as ações da Arte Despertar guardem unidade de princípios, as estratégias e indicadores de avaliação diferem bastante conforme o lugar da intervenção, pois são determinadas de acordo com o público destinatário e o contexto de inserção.

Comunidades

Em comunidades, os projetos consistem em uma opção educativa que parte dos anseios da comunidade e se propõe a favorecer a compreensão da cultura, desenvolver ações de intervenções artísticas capazes de mobilizar para a reflexão e a ação sobre a realidade próxima, abrindo perspectivas para planejar o futuro. Em vista disso, a aprendizagem decorre da capacidade de pensar e julgar dos que se envolvem no processo, desenvolvendo a autonomia, a disciplina e a criatividade pessoal e do grupo. Em consequência, o aprendido torna-se mais significativo, dinâmico e interessante, já que decorre da realização de pesquisas, investigação, registro de dados, formulação e verificação de hipóteses que transformam quem aprende em sujeito de seu próprio conhecimento.

Nesse contexto, as **oficinas de teatro** são compostas de três etapas principais: jogos teatrais, processo de preparação e a apresentação propriamente dita, todas sempre com três momentos: aquecimento, jogos e improvisação.

As oficinas de teatro iniciam com a proposição de jogos teatrais, que objetivam promover o conhecimento, a integração e o respeito entre os participantes, despertar sua atenção e criatividade, além de exercitar habilidades básicas da linguagem, de forma lúdica e dinâmica. A segunda etapa é composta pelo processo de preparação, que inclui atividades de escolha, criação, ensaios e montagem de peça ou cenas. A culminância ocorre com a terceira etapa, a apresentação, que corresponde ao ato teatral propriamente dito, mostrado à comunidade e a outros públicos preagendados.

Na estrutura da oficina os momentos de aquecimento, jogos e improvisação permitem uma apropriação gradativa do processo de desenvolvimento da linguagem. Durante o aquecimento, destaca-se o desenvolvimento da socialização e desinibição, favorecendo a integração dos participantes e

Quando você acompanha a criança do começo do ano até o final, faz uma diferença enorme, o desenvolvimento, o desabrochar é impressionante.

MARIA NADIR AZEVEDO DE MORAES

A metodologia que aprendi na Arte Despertar é adotada na minha vida profissional, e uso a música como instrumento de ensino.

ANA MARTA OLIVEIRA DO NASCIMENTO

A Fada e o Violeiro

Em dezembro eu estava na sala de espera do Hospital das Clínicas, enquanto minha irmã era submetida a um cateterismo. Eu estava cansada como todos ali, o rosto das pessoas já apresentava marcas da espera, o humor exaltado. Os médicos faziam tudo para atender da melhor forma possível, também estavam cansados e, por mais que tentassem ser gentis não conseguiam satisfazer a todos, também pareciam exaustos. Algumas pessoas mais impacientes reclamavam da demora, do cansaço, do calor, da fome, de tudo! O rosto fechado de cada um com seus problemas. Nenhum sorriso naquele ambiente. Lá no fundo comecei a ouvir uma música, uma voz muito afinada, olhei para trás, pude ver aquela garota de um metro e sessenta, olhos castanhos, cabelos curtos e encaracolados, acompanhada por um violeiro dos olhos azuis como o céu, lembro que tocavam músicas natalinas.

Parecia mágica, as pessoas começaram a sorrir aliviadas, a pequena Fada foi cantando “Asa Branca”, “Quinem Jiló” e assim por diante. O Violeiro cantante chamava todos para acompanhá-los na cantoria. Aqueles olhos azuis iluminavam o sorriso da “Pequena”, que usando um miniacordeom, cantava. Tocavam e cantavam como crianças que brincam em um parque de diversões. O rosto das pessoas, o ambiente, tudo estava iluminado. Os médicos, os pacientes, os familiares, todos cantarolando e sorrindo, como se o dia tivesse acabado de começar. Os dois saíram contentes e cantando como os anjos que acompanham as crianças, deixando em cada rosto o sorriso. Levaram todo o cansaço e apatia do ambiente. Não satisfeita, corri até eles, perguntei seus nomes e peguei um folheto, precisava de uma prova de que realmente não estava sonhando, de que existem pessoas como aqueles anjos, como a Fada e o Violeiro!

Espero que este trabalho continue sempre. Parabéns pequena Fada, parabéns Violeiro. Vocês realmente conseguiram despertar o melhor do ser humano!

LOUISEANNE RÊGO BALDEZ, ACOMPANHANTE NO INCOR



preparando-os para a atividade a ser desenvolvida. Os jogos e improvisações são momentos de criação de pantomimas individuais e coletivas, faz-de-conta e jogos dramáticos que pressupõem oportunidades de autoconhecimento e de fortalecimento do grupo, desenvolvimento de confiança em si e nos outros.

A partir da escolha de tema e texto, o grupo elabora as cenas, explora e descobre detalhes técnicos, introduz elementos de cenário e adereços, confeccionados por eles ou adequados ao espaço e aos recursos disponíveis, tais como iluminação, pano de boca, sonoplastia, etc.

Nas ações continuadas, a cada início de ano, muitos participantes novos aparecem, o que pode alterar as características do ano anterior, implicando em adequações e reformulações, uma vez que a seleção das atividades pelo arte-educador pressupõe conhecimento dos interesses e necessidades de cada grupo, considerando, especialmente, a faixa etária. O surgimento de novos integrantes permite a indicação de alguns monitores voluntários, escolhidos entre os participantes mais antigos, que se tornam mediadores em ações de socialização e desinibição.

Todo o processo é desenvolvido com o interesse de oferecer oportunidades de prazer e critérios de qualidade e variedade artística, o que,

conforme já foi salientado, favorece o desenvolvimento da sensibilidade e maior intimidade com a arte, aspecto relacionado positivamente com a formação de si e com a possibilidade de melhor se relacionar com o entorno social e interagir com espaços culturais.

Relativamente às **artes visuais**, em salas-ambiente ou não, as atividades desenvolvidas proporcionam contato com a linguagem plástica pela manipulação de diferentes materiais, como pigmentos naturais pesquisados pelos grupos, além de tintas guache, plástica, nanquim e aquarela, lápis grafite e de cor, giz de cera e crayon, argila e massinha. A utilização desses materiais possibilita a descoberta e o reconhecimento de si como produtor e construtor de sentidos e histórias no grupo.

Cada espaço de atuação apresenta desafios específicos à equipe da Arte Despertar e demanda encaminhamentos distintos, considerando a continuidade ou início da relação e do conteúdo, a manutenção ou construção do grupo e do vínculo com os arte-educadores e com o trabalho, o respeito ao espaço e ao material, bem como a manutenção da assiduidade e do compromisso com a atividade. Ao finalizar cada projeto, realiza-se uma exposição para a comunidade.

Para oportunizar contato com a **literatura**, a contação de histórias é também um recurso trabalhado nas oficinas da Arte Despertar e se destaca por seu aspecto lúdico. Escolhidas a partir de um tema, de acordo com a faixa etária e o interesse do grupo, as histórias contadas motivam para a leitura e estimulam a imaginação.

A narração oral valoriza a literatura como patrimônio da humanidade, além de estimular a memória, a identidade, a imaginação e o conhecimento das culturas locais, pois é forma de expressão artística de pessoas, comunidades e povos, ainda na atualidade.

Além de desenvolvimento físico-motor, devido à manipulação do corpo e da voz, a contação de histórias pode favorecer a formação integral de um grupo, pois atua em várias áreas: em nível intelectual, desperta interesse pela leitura e estimula a imaginação; no aspecto comunicativo, provoca à produção de sentidos e propicia o diálogo ou o reconto e proporciona a interação sociocultural, pois estreita laços sociais e forma comunidades de leitura. Ao promover a formação de contadores de histórias, capacita-os para a percepção e uso dos valores do texto, para as múltiplas possibilidades de abordagem que oferecem, bem como para o valor da memória afetiva que forma os acervos pessoais.

As histórias contadas também são construtoras de conhecimento social sobre a realidade e produzem valores e conceitos. Embora se apoiem na ficção, podem investigar a realidade social, problematizá-la, colaborando para a construção de uma consciência ética do ser humano.

Nas ações da Arte Despertar, os encontros de contação de histórias são precedidos por uma atividade de aquecimento ou jogo de atenção. A narração acontece com ou sem o apoio de livros ou objetos de cena. Os ouvintes se envolvem a partir do enredo e são chamados a participar das aventuras e suspenses relatados, seja pelo questionamento a respeito das descobertas e dos exemplos de vida que as personagens transmitem, os mitos e arquétipos de que tratam, ou as questões internas (identidade, autoestima, conceitos) e externas (família, comunidade, sociedade, amizade, enfim, relacionamentos em geral) que tematizam os textos.

Os encontros costumam ser planejados em três etapas: absorção, reflexão e comunicação, que não aparecem necessariamente nesta ordem. Na etapa de absorção, são criadas condições para ouvir a história e penetrar no seu universo imaginário; na de reflexão, são oferecidos desafios que favorecem comentários sobre a trama da história, a atribuição de

sentidos e a problematização de suas questões mais relevantes; na de comunicação, são apresentadas possibilidades de expressão de pensamentos e sentimentos a propósito do que foi contado, por meio da realização de atividades plásticas, escritas ou corporais, produzidas individual ou coletivamente.

Fortalecer a própria história e a identificação com as raízes culturais é, também, uma forma de contribuir para a preservação da memória da fundação musical do país. As oficinas de **música** desenvolvem um trabalho de resgate da contribuição afro-brasileira, da música regional e folclórica, além de desafiar à construção de instrumentos e explorar a percussão corporal.

A música é capaz de desenvolver competências relacionadas ao conhecimento do patrimônio cultural sonoro do entorno e a autonomia para interferir sobre ele, criando ou atribuindo novos sentidos ao conhecido com base em experiências individuais ou coletivas. Tais experimentações habilitam a apreciar música com senso crítico e a executá-la, no caso das oficinas, através de instrumentos de percussão alternativos ou de entoação de canções.

Como, nas ações realizadas, os públicos preferenciais são crianças e jovens, qualquer linguagem de arte utilizada tem o cuidado de

favorecer o desenvolvimento humano. Assim, as oficinas viabilizam construir a noção de grupo e de vínculo nas relações entre os participantes e os arte-educadores; promovem a participação e o envolvimento com a atividade, expressos no compromisso de presença e na responsabilidade pela manutenção dos combinados; desenvolvem atitudes e valores positivos, embaixadores de relações entre as pessoas e o ambiente; proporcionam alternativas artísticas motivadoras, que inserem os grupos ativamente em seu meio e desenvolvem atitudes responsáveis, que os habilita a resgatar, registrar e ressignificar a própria história cultural.

Assim, as oficinas proporcionam o desenvolvimento de potencialidades expressivas, tais como:

- interesse pelas artes como forma de conhecimento, interpretação e expressão do ser humano sobre si e sobre o mundo que o cerca;
- criação de um espaço de troca de informação e cultura diferenciada e lúdica;
- busca de expressão das vivências, conteúdos e temáticas próprias dos grupos;
- contato e pesquisa de diferentes procedimentos artísticos, para ampliação de repertório e estímulo da criatividade.

Hospitais

No ambiente hospitalar, o envolvimento dos arte-educadores com os pacientes ocorre após conversa com a chefia da enfermagem, para certificação do estado clínico e das necessidades específicas existentes.

As ações nos hospitais sempre envolvem duplas de arte-educadores, preferentemente de diferentes linguagens, o que amplia o horizonte de expectativas e alarga o leque de conhecimentos dos participantes. O planejamento tem a sustentação de profissionais das áreas de pedagogia e psicologia, fundamentais na estruturação e fortalecimento de vínculos com os parceiros e com o grupo atendido, assim como em todos os demais encaminhamentos necessários ao êxito da ação.

Ainda que sejam os principais propositores, durante a implementação do que foi planejado, os arte-educadores priorizam a observação, isto é, silenciam e escutam com sutileza o outro. Assim, tornam-se aptos a ver o todo, o coletivo, e as partes, os indivíduos, e também a registrar o essencial, produzindo conhecimento a partir da experiência vivida, como diz Madalena Freire. Esses elementos, inerentes ao ato de observar, constroem formas de respeitar a dor do outro ou de partilhar de suas alegrias e conquistas.

A observação é permeada por questões como: quem é o destinatário da ação? De onde vem? Que histórias traz consigo? Qual sua herança cultural? É um participante ativo? Está só? Tem acompanhante? Resiste ao convite? Acolhe o que lhe é proposto? Permanece calado? Consegue estabelecer algum diálogo, entrando em sintonia com os demais? A resposta a essas perguntas, sempre presentes na rotina dos arte-educadores, possibilita traçar um panorama geral do efeito da arte em espaços de saúde.

Outro aspecto característico da ação em hospitais é a formulação de atividades pontuais, realizadas em espaços nem sempre favoráveis a intervenções em arte e que precisam respeitar o ritmo de cada pacien-

Eles têm uma profissionalização e conteúdo, porque aqui não é qualquer um que pode contar uma história para as crianças. Então é preciso entender o mundo delas, e são os profissionais que têm uma metodologia.

CÉLIA YUKIKO OSATO

Gostaria de parabenizá-los pelo seu trabalho maravilhoso. Meu pai está na recuperação de uma cirurgia no InCor e o projeto de vocês ajudou-o a ter uma atividade que o animou e emocionou. Muito obrigado e continuem com esse trabalho maravilhoso.

CLOVIS, FILHO DE PACIENTE

te. Esse aspecto é especialmente relevante em interações com crianças, pois elas cobram a exposição de seus trabalhos de arte, a conclusão das músicas que aprendem a cantar, a finalização das histórias que lhes são contadas.

O planejamento semestral é construído com a presença de toda a equipe, quando são definidos os temas a serem abordados, os objetivos, conteúdos e estratégias possíveis para cada espaço, faixa etária, situação física dos participantes, bem como as formas de avaliação. A equipe enriquece o documento com acréscimos pertinentes a cada linguagem da arte.

Cada espaço de trabalho no hospital requer especificidades. Nas UTIs, por exemplo, podem ser realizadas atividades literárias (histórias, poesias, rimas, quadrinhas, parlendas, causos, etc.), atividades com a linguagem musical cujo repertório escolhido procure contemplar o gosto de cada paciente (jogos musicais, canções, canto e escuta, uso de pequenos instrumentos como ovinhos, maracas, guizos) e atividades em artes visuais, pela proposição de imagens para apreciação e exploração do contexto do que foi apresentado.

Nas salas de quimioterapia, quartos e unidades de transplante de medula óssea, os procedimentos e atividades são muito semelhantes, pois os pacientes geralmente se encontram acamados ou em procedimentos limitadores da participação. Eles exigem uma atenção mais individualizada e tranquila, voltada para a apreciação de imagens, audição de músicas, poesias, histórias que explorem jogos de palavras, ritmos, sons. O arte-educador que trabalha neste contexto precisa estar atento às reações dos pacientes, as quais determinam a mudança, a continuidade ou a finalização da atividade.

Ao ser convidada a desenvolver um trabalho no IOP/GRAACC, junto à Arte Despertar, fiquei entusiasmada, esse sempre foi um sonho meu. O projeto que desenvolvi para essa oportunidade consiste em levar a possibilidade das crianças se transportarem através da imaginação a lugares encantados, permeados de cores, sabores, cheiros. [...] Parti para a sala de quimioterapia, utilizava como apoio cênico uma saia de fitas e um sino. Entrei naquela sala tocando sino e fui surpreendida pelo barulho das argolas se fechando, das crianças cobrindo-se com seus lençóis azuis, a televisão continuava ligada, as enfermeiras fazendo seus deveres me olhavam com o olhar de quem diz “voluntários”. Conteí a história que tinha preparado e às vezes me peguei prestando atenção numa agulha furando o braço de uma criança, me esquecendo do que estava fazendo e algumas vezes fui para a outra sala sentindo um nó que apertava com força meu pescoço. Saí de lá com muitas perguntas que o tempo e pessoas experientes responderam. As questões foram acalmando dentro de mim e ultrapassei assim esse desafio básico.

URGA MAIRA CARDOSO, ARTE-EDUCADORA

Nos espaços do ambulatório, que costumam ter um público de diferentes procedências aguardando atendimento, as linguagens musical e literária são as mais adequadas, desde que apresentem repertório compatível com a procedência do grupo. O mesmo acontece no saguão de entrada dos hospitais e em outros locais com grande trânsito, que requerem propostas coletivas.

As ações da Arte Despertar também intervêm junto aos profissionais da saúde, possibilitando que conheçam, vivenciem, apreciem e contextualizem a arte. Esses profissionais experimentam alternativas dinâmicas e sensíveis que minimizam o efeito estressante do ambiente em que atuam e exercitam um novo olhar sobre o espaço cotidiano de trabalho.

As intervenções realizadas pela Arte Despertar em hospitais possuem o objetivo de socializar diferentes culturas com pacientes, familiares e profissionais da saúde pelo resgate e valorização de raízes culturais e pela ampliação de horizontes e repertórios artísticos. Desse modo, elas contribuem para disseminar a humanização hospitalar, otimizando potencialidades e aspectos saudáveis dos beneficiários envolvidos com a Associação.

CONTEÚDOS DA MEDIAÇÃO

Para a operacionalização das atividades da Arte Despertar, alguns tópicos orientam os mediadores em suas intervenções arte-educativas, sempre adequados às particularidades de cada espaço ou público.

O objetivo da escolha é oportunizar planejamento e melhor aproveitamento das intervenções que realizam, sempre fundamentadas pelos pressupostos teóricos anteriormente referidos.

Quanto aos conteúdos, as oficinas costumam abordar:

- linguagem artística artes cênicas: teatro; consciência e movimento corporal; organização espacial; exercício do imaginário; jogos e brincadeiras corporais; comunicação verbal e não verbal; desinibição;
- linguagem artística artes visuais: exposições; pintura; gravura; escultura; desenho; artes plásticas;
- linguagem artística literatura: contação de histórias; roda de conversa; “causos”; poesias; resgate e criação de histórias; lendas; mitos;
- linguagem artística música: conhecimento; aprofundamento e experimentação de técnicas e recursos da música percussiva; escuta; exercícios de respiração e relaxamento; pulsação e ritmo; canto espontâneo; construção de instrumentos; jogos e brincadeiras cantadas;
- desenvolvimento humano e questões sociais: cidadania; inclusão social; valores; problemas comunitários; violência; direitos e deveres; diversidade; identidade; alteridade; empreendedorismo; protagonismo; autonomia; relacionamentos; comportamento; postura; ética; responsabilidade social; trabalho em equipe;
- arte e cultura: cultura popular (em especial a brasileira); raízes; identidade; manifestações populares; folclore;
- cultura geral: história da arte; alfabetização cultural e visual; diversidade cultural do Brasil por origem, movimentação, papéis e gênero; ação cultural em diferentes espaços (museus, bibliotecas, casas de cultura, teatros, espaços comunitários/expositivos); processo criador; apreciação estética.

Comunidades

Ele aprendeu mais, se desenvolveu muito nos trabalhos escolares, ficou muito ativo, uma pessoa obediente e muito organizadora, aprendeu muito e está aprendendo mais a cada dia. Obrigada pelo projeto Arte Despertar. Valeu pelo meu filho! Agradeço o ensino que vocês dão.

Gostaria que os cursos continuassem, porque os alunos estão sendo mais abertos com a família, os amigos, e mais responsáveis. Os cursos não são só aprendizagem, mas sim teoria psicológica para a mente.

PAIS DE PARTICIPANTES

O hospital parece um lugar para a morte, mas na verdade é para a vida. E vocês trazem vida!

PACIENTE, SANTA CASA DE SÃO PAULO

É estranho começar este relatório pensando que não estarei mais com vocês o ano que vem. Mas assim são os processos da vida, sempre em transformação.

Desde que comecei a atuar nos hospitais, vivi muitas coisas, entre superação de alguns medos, descobertas, conquistas, algumas turbulências. No início dúvidas: como me comportar em um ambiente onde as pessoas estão doentes? Como não ser invasiva? Como trabalhar a arte? Como encarar a possibilidade da morte dos pacientes? Enfim, com o tempo estas dúvidas foram sendo solucionadas, e eu, aos poucos, fui amadurecendo. [...] O trabalho na Arte Despertar mudou uma série de conceitos que eu tinha sobre as pessoas, relacionamentos, vida, arte e morte.

PAULA GALASSO, ARTE-EDUCADORA

Hospitais

Quanto aos conteúdos, as oficinas costumam abordar:

- linguagem artística música: universo musical; escuta; exercícios de respiração e relaxamento; pulsação; ritmos; canto espontâneo; construção de instrumentos; jogos e brincadeiras cantadas; sequências sonoras; resgate musical, referendado na identidade do paciente; conhecimento da história e períodos das músicas abordadas; audição de obras musicais não conhecidas, com o intuito de enriquecer repertório;
- linguagem artística literatura: roda de conversa; contação de histórias; causos; poesias; rimas; parlendas; trava-línguas; resgate e criação de histórias; mitos; lendas;
- linguagem artística artes visuais: técnicas; materiais; recursos; expressão e produção artística; resultados e efeitos; conhecimento de fases, movimentos e artistas; pintura; gravura; fotografia; cartomagem; recorte;
- arte e cultura: cultura popular (em especial a brasileira); raízes; identidade; manifestações populares; folclore;
- cultura geral: apreciação e fruição de obras de arte; alfabetização cultural e visual; diversidade cultural do Brasil por origem, movimentação, papéis e gênero; ação cultural em diferentes espaços (museus, teatros); processo criador; apreciação estética.

Relatório de arte

Ao iniciar o curso de Artes, não acreditava que o mesmo pudesse ajudar-me a melhorar minha prática cotidiana enquanto educador.

Foi difícil compreender de que forma as diversas abordagens artísticas ali tratadas poderiam subsidiar meu trabalho como educador, com crianças de 6 a 15 anos, com expectativas e interesses bastante diferenciados.

À medida que fui me apropriando dos conceitos e abordagens, comecei a estabelecer relações entre a prática educativa, as diferenças individuais e a importância da expressão artística para o desenvolvimento da criatividade humana.

Considerando-se que a arte está muito presente no cotidiano, embora nem sempre seja percebida, um bom exemplo é quando ao acordarmos olhamos no espelho e, utilizando os padrões com os quais nos identificamos, elaboramos nosso desenho para iniciar o dia, ou quando observamos uma obra de arte desenvolvemos nossa sensibilidade ao atentarmos para o sentimento que o artista expressa através das cores, sombras, luz, etc.

Sei que é preciso aprender muito ainda sobre a importância da arte. No entanto, gostaria de deixar registrado que o curso da Arte Despertar trouxe-me contribuições valiosas à medida que fui aplicando os conhecimentos adquiridos em minha prática, podendo observar que apesar das expectativas e interesses diferenciados para cada faixa etária, as expressões e criações produzidas pelos educandos favoreceram não só o desenvolvimento da criatividade, como também possibilitaram um melhor relacionamento entre eles, os quais, mais tolerantes e sensíveis, passaram a observar a arte sob um outro olhar, agora pautado no respeito pelo diferente.

PEDRO JOÃO DA SILVA, ASSOCIAÇÃO SANTO AGOSTINHO



Alguém só se torna
marceneiro tornando-
se sensível aos signos
da madeira e médico
tornando-se sensível
aos signos da doença

GILLES DELEUZE

AÇÕES PARA PROMOVER DIFERENÇA NOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO

Numa sociedade de informações e conhecimentos compartilhados, cujas oportunidades de aprendizado não se encontram mais restritas ao ensino formal, é impossível descuidar do caráter educativo de iniciativas não vinculadas à escola, pois também elas podem ser capazes de fomentar a aquisição de habilidades no plano das sociabilidades, da ampliação do repertório cultural, da participação na vida pública, da fluência comunicativa e do domínio de outras linguagens, formando sujeitos competentes para interagir com os outros.

A articulação de saberes entre áreas que relacionam teoria e prática favorece a construção de uma equipe integrada que procura desenvolver atividades por meio das diferentes linguagens da arte. Também a permanente reflexão sobre as atividades realizadas, a exploração das potencialidades de cada área e sua contribuição para os objetivos gerais da Associação vêm tornando a capacidade de percepção e escuta mais aguçada, colaborando para solidificar uma metodologia própria de ação.

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Certa vez, durante uma atividade, a coordenadora pedagógica me disse: “Para tudo tem uma solução criativa”, e me mostrou o quanto é importante observar e escutar. Levo isso comigo até hoje. Aprendi a ser mais perseverante e a acreditar que sou capaz.

CARLA BATISTA ALVES

A coordenação pedagógica acompanha e observa a atuação dos demais profissionais, orientando-os a respeito das ações a serem implementadas nos diferentes espaços, com vistas a favorecer as interações e fortalecer vínculos com os parceiros. Ela também acompanha o planejamento e regula as ações para promover a construção de sentidos e aprendizagens que apontem para a compreensão de conceitos, processos e valores que interessem estimular.

Ao pretender assegurar oportunidades de formar para a vida, a coordenação pedagógica observa a realidade como ponto de partida da experiência a ser vivenciada.

Qualquer situação educativa é complexa, permeada por conflitos de valores e perspectivas que demandam um trabalho integrado e inte-

gradador, com clareza de objetivos e propósitos e com um espaço de autonomia profissional. Por isso, no exercício de sua função, a coordenação pedagógica produz a articulação crítica entre os arte-educadores e seu contexto de atuação, entre os pressupostos teóricos e a prática, investindo em um processo, ao mesmo tempo, formativo, emancipador, crítico e comprometido, como já se viu anteriormente, ao caracterizar os arte-educadores como mediadores da ação.

Nesse sentido, cabe à coordenação pedagógica organizar espaços, tempos e processos que considerem que as práticas precisam corresponder aos pressupostos teóricos que as organizam e que estão em constante processo de redirecionamento, com vistas a se assumirem em sua responsabilidade social e crítica.

Em vista disso, a coordenação pedagógica, com os demais participantes da equipe, seleciona, organiza, analisa criticamente e observa a possibilidade de reconstrução de valores, conhecimentos, crenças e hábitos apreciados pelo público beneficiado pela ação da Arte Despertar, através de reuniões de trabalho coletivo. Juntos, todos procuram viabilizar que, apoiados em vivências anteriores, os beneficiários se envolvam em situações que ampliem seus horizontes de expectativas e interesses, proporcionando outras experiências, avanços cognitivos e o estabelecimento de novas relações com o contexto.

Ao problematizar e agregar conhecimento técnico aos procedimentos das ações planejadas em equipe, a coordenação pedagógica investe na possibilidade de promover aprendizagens em que ação e expressão mostrem o que os sujeitos envolvidos no processo sentem, pensam e sabem, de modo a poderem ampliar a percepção de si e do mundo.

ASSESSORIA PSICOLÓGICA

E aí as crianças se sentiram muito confiantes, elas contavam histórias, as dificuldades, os acontecimentos, tanto que depois mudamos o tipo de orientação, supervisão, e começamos um trabalho muito forte com os professores, de apoio psicológico, porque era muito difícil. Como lidar com certas questões?

LÍGIA CORTEZ

O suporte psicológico da Arte Despertar contribui com aspectos relacionados ao ambiente, aos arte-educadores e, indiretamente, ao público a quem se destinam as ações e ao contexto social e cultural.

A assessoria psicológica atua como facilitadora e mediadora nos trabalhos da equipe de arte-educadores, fornecendo suporte psicossocial frente às questões provenientes do ambiente de trabalho e das relações estabelecidas com seus beneficiários, tanto no hospital, com pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde, quanto na comunidade, com crianças, adolescentes e jovens. Ela cria possibilidades para que todos percebam seus potenciais e suas limitações e fortaleçam seus relacionamentos interpessoais.

Uma leitura do espaço a partir do olhar da psicologia procura compreender as situações vivenciadas e fornecer dados relacionados ao perfil do público a ser trabalhado. Da mesma forma, contribui na orientação dos arte-educadores, para a interação com o público atendido e adequação das atividades.

Nos hospitais, ações simples, como chamar o paciente pelo nome, conhecer sua identidade e nível sociocultural, podem assegurar respeito à identidade e à história pessoal de quem, devido à internação, abandona a rotina e papéis sociais.

Também a escolha vocabular, adotando uma linguagem simples e acessível, pode ser sinalizadora, na perspectiva de pacientes e familiares, da disponibilidade para a interação, colocando todos mais à vontade para exporem medos, dúvidas e questionamentos.

Já nas comunidades, a assessoria psicológica pode abrir espaço para a discussão de questões como violência doméstica, agressividade e dificuldades comportamentais.

Ações de desenvolvimento pessoal e social devem levar em conta o que está presente no cotidiano e ser trabalhadas pelo vínculo, pela confiança estabelecida e pelo compromisso assumido por todos, aspectos viabilizados pela ação especializada da assessoria psicológica.

Cabe, também, à psicologia, a flexibilidade, de acordo com a especificidade de cada projeto, a compreensão das características, dificuldades e potencialidades dos diferentes públicos atendidos, respeitando os aspectos psicossociais para a seleção e adequação dos conteúdos de acordo com as necessidades apresentadas.

Estas assessorias, formadas por profissionais de artes visuais, música, teatro e literatura, são responsáveis pela referência, estudo, pesquisa, conteúdo, e repertório da Arte Despertar. Elas disponibilizam acompanhamento e suporte técnico, orientando os arte-educadores por meio de encontros de assessoria e formação continuada.

Segundo depoimento de Stela Barbieri: “Nós tínhamos reuniões onde aprendíamos muito umas com as outras. Na época, a Sônia Silva era assessora de música, a Lúcia Cortez, de teatro, Maria Helena da Cruz Spon-ton, de artes plásticas, e eu de literatura. A reflexão do grupo era muito potente. Coordenada pela Regina, a equipe era vigorosa, era um diálogo comprometido com o trabalho realizado, discutíamos as questões conceituais a partir da experiência vivida e dos desafios que se apresentavam nos vários contextos dos locais onde trabalhávamos. Para fazer a arte acontecer, esbarrávamos em muitos pontos das outras instituições que nada tinham a ver com a arte, mas que precisavam ser resolvidos para não atropelar os processos delicados e sensíveis que ocorriam nos encontros. Aprendi muito com o compromisso que cada pessoa tinha com o trabalho. Acredito e espero que eu tenha deixado ali meu encanto pelo universo cultural das várias etnias.”

ASSESSORIA PARA LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Com o final das assessorias e a formação da equipe de capacitação, voltei a me sentir motivada. É muito bom poder estar com um grupo tão criativo, em que as ideias surgem abundantes e as afinidades vão se consolidando. Sinto com alegria que podemos produzir grandes “obras de arte”. Novos e velhos projetos, outras perspectivas, nosso livro. (...) Estamos afinando nossos instrumentos. (...)

Viver é afinar um instrumento.
De dentro pra fora, de fora pra dentro
[Walter Franco]

ALCITA COELHO, ASSESSORA

MEDIAÇÃO ESPECIALIZADA

Eu falava para os profissionais: olha, é um compromisso, não pode faltar por nada. Porque a criança vai esperar, e essa criança que já foi várias vezes abandonada precisa daquele compromisso que foi firmado.

LÍGIA CORTEZ

E a criança sente muito a troca do arte-educador, então essa constância, essa perseverança de trabalhar com os mesmos profissionais foi um ponto muito positivo.

JOSÉ FERRAZ FERREIRA FILHO

Os arte-educadores da Associação, que abrangem diferentes linguagens da arte - artes visuais, literatura, música e teatro - desenvolvem e executam, de forma participativa, uma metodologia centrada na construção de saberes sobre arte e elementos da cultura, por meio de práticas e reflexões. Em interação com a coordenação pedagógica, utilizam instrumentos metodológicos característicos da ação educativa, tais como planejamento, observação, registro, reflexão e avaliação das práticas desenvolvidas, de forma a poderem continuamente realimentar e qualificar seu fazer. Nesse âmbito, vale ressaltar o esforço de interação entre as linguagens, o que fortalece o grupo e os conceitos estruturais das linguagens da arte que constituem a prática cotidiana, seja nos hospitais ou nas comunidades, ampliando o horizonte de experiências de todos os envolvidos.

Ao se colocarem como mediadores entre a arte e os destinatários, os arte-educadores têm o compromisso de perceber suas necessidades e interceder para assegurar equilíbrio, considerando as condições de interação e aprofundando cada descoberta, de forma a atribuir sentido à arte e valorizar a história pregressa de cada um. Este fato colabora para o enfrentamento da situação presente e pode favorecer o planejamento do futuro dos envolvidos nas atividades.

Nesse sentido, compete a eles fazerem uma seleção adequada dos conteúdos, tendo por base a faixa etária e o contexto em que estão inseridos seus destinatários, considerando as variáveis decorrentes da realidade que cada espaço impõe.

Desse modo, a ação dos mediadores potencializa oportunidades de incorporação de percepções, interpretações individuais, informações, conhecimentos, relações com o mundo, favorecendo a construção de um todo articulado e significativo, que liga o conhecimento tornado útil ao fluxo dinâmico da vida.

A forma de associação com parceiros, a sistemática e as rotinas de atuação adotadas pela Arte Despertar são caracterizadoras da práxis institucional e elementos que promovem o conhecimento da organização e de seu funcionamento.

A parceria pode ser entendida como um compartilhamento de responsabilidades para alcançar um objetivo comum. Ela é caracterizada por respeito mútuo e disposição para negociar, o que implica repartir informações, responsabilidades, habilidades, tomada de decisões e prestação de contas.

As ações da Arte Despertar se concretizam mediante a construção de parcerias com instituições identificadas com os objetivos e a missão institucional. Para que se realizem, são necessárias algumas condições:

- disponibilização de espaço físico - desde que começou a se estruturar institucionalmente, a Arte Despertar optou por estar onde se encontram seus destinatários preferenciais e se propôs a construir conhecimentos e alternativas diferenciadas a partir do lugar dessas pessoas. Assim, suas ações acontecem sempre em hospitais ou em espaços das comunidades em que atua;
- compartilhamento do mesmo compromisso ético - detentora de uma metodologia própria e a instituição que busca recursos e assegura uma equipe e materiais para as ações que executa, a Arte Despertar sempre se associa a instituições que sejam sensíveis ao interesse de promover ações que dignifiquem o ser humano;
- valorização de iniciativas que tragam para as relações cotidianas maior familiaridade com a arte e a cultura, vistas como questões de sensibilidade e de cidadania.

SISTEMATIZAÇÃO DE PROJETOS, ROTINAS DE ATUAÇÃO E AVALIAÇÃO

Parcerias

Em reunião observei a integração da equipe, o respeito que cada um tem pelo trabalho do outro, a escuta, a entrega e integridade. Fiquei impressionada com o envolvimento da equipe de coordenação e suporte com o trabalho.

Ainda me sinto chegando e conhecendo. Tenho tentado fazer isso com cuidado, respeito e delicadeza que o trabalho merece e necessita. Sinto que encerro o semestre com a certeza de que estou realizando uma ação que me alimenta, comove, instiga, me faz crescer e me dá muita alegria.

CÉLIA GOMES CHAVES, ARTE-EDUCADORA

Sistematização

Antes de firmarem compromisso, as entidades parceiras discutem a proposta de ação coletivamente, avaliam a disponibilidade para realização do planejado e asseguram a destinação de espaço físico para que ocorram.

Em todos os projetos, aspectos como o ambiente, o público, o contexto social e cultural, suas características e necessidades específicas são prioritários, desde o planejamento até o balanço final. A pesquisa, a análise, a compreensão e a avaliação desses itens são realizadas sistematicamente por toda a equipe, reunindo saberes das várias áreas.

As ações desenvolvidas pela Arte Despertar decorrem de um fazer coletivo, pautado por uma concepção arte-educativa organizada para transformar as realidades em que atuam. Para isso, é constituída por profissionais com formação específica e experiência, e possui uma organização administrativa que está a serviço dos objetivos que quer realizar.

Seus projetos estão atentos a critérios pedagógicos que favorecem as aprendizagens, oferecem assistência didático-pedagógica constante aos arte-educadores, assegurando a realização de reuniões, espaço para a discussão sobre questões de interesse coletivo, troca de experiências, estudo sobre temas que melhorem a qualidade do trabalho e articulem as diferentes linguagens da arte, de modo a favorecer o desenvolvimento de ações.

Os projetos envolvem parceiros definidos, equipes diferenciadas e um plano de ação compartilhado. Estruturam-se de modo a possibilitar a realização dos seguintes instrumentos: plano de ação, relatos semanais, planejamento semestral, avaliação processual e relatórios semestrais e anuais.

- **Planejamento anual**

É o planejamento de todas as ações necessárias para o desenvolvimento dos projetos a serem realizados no ano. É o momento para identificar e relacionar as prioridades de cada projeto e suas relações com a instituição parceira, com o público a ser atendido e as atividades a serem desenvolvidas, objetivando mais qualidade e eficiência nos resultados.

A pormenorização do plano é colaborativa, envolve equipe executora e coordenações administrativa e pedagógica e assessoria psicológica.

- **Planejamento semestral**

Realizado em equipe pelos arte-educadores, coordenação pedagógica e assessoria psicológica, busca discutir conteúdos e objetivos, organizar e estruturar as atividades arte-educativas e administrar a progressão do planejamento para o semestre.

Consiste também em uma ação de desenvolvimento da competência de trabalho em equipe, análise em conjunto de situações de aprendizagem e reflexão a respeito das diferentes práticas profissionais.

Os projetos da Associação Arte Despertar se realizam a partir das seguintes ações: atividades arte-educativas, saídas e ações culturais, reuniões técnicas e formativas.

- **Atividades arte-educativas**

Realizadas nas linguagens das artes visuais, literatura/contação de histórias, teatro e música, planejadas e desenvolvidas por arte-educadores, com possível auxílio de monitores, tendo em vista despertar as potencialidades do indivíduo por meio da arte e da cultura.

No decorrer dos anos, algumas vezes, eu fui chamada para conversar com os arte-educadores, nesses encontros que eles sempre faziam, ou na abertura de ano de trabalho, do semestre, ou fechamento.

MARIA CHRISTINA DE SOUZA LIMA RIZZI

Rotinas de atuação

Os projetos são desenvolvidos nas áreas de inclusão social, humanização hospitalar e formação de educadores, o que confere às atividades realizadas características distintas e desdobramentos específicos, por serem constituídas para públicos diversificados. No entanto, todas buscam cumprir a missão institucional e são organizadas de forma sistemática.

- **Ações culturais**

São ações pontuais desenvolvidas pela equipe técnica, com o propósito de apresentar a metodologia, difundir e divulgar o trabalho da Arte Despertar para diversos públicos, em momentos pertinentes aos objetivos da Associação.

As ações culturais nos projetos desenvolvidos em comunidade também englobam o compartilhamento dos resultados dos trabalhos realizados, por meio de apresentações musicais, teatrais e exposições de artes visuais.

- **Saídas culturais**

As saídas culturais têm como objetivo a ampliação ou aprofundamento de conteúdos tratados durante as oficinas arte-educativas e culturais. Estão diretamente ligadas ao processo de trabalho e visam ao enriquecimento e complementação das ações vivenciadas na prática semanal.

Toda saída decorre de ação previamente planejada, com justificativa e objetivos definidos, uma vez que é parte da prática educativa. Também é importante a avaliação posterior da ação, que deve explicitar a pertinência das escolhas e ampliar o repertório cultural, fornecendo subsídios para outras atividades.

Na ocasião, é pesquisada a agenda cultural da cidade, valorizando a arte brasileira e os equipamentos culturais de iniciativa pública. Isso amplia experiências e repertório artístico-cultural e possibilita interação por meio da cultura.

- **Reuniões técnicas**

As reuniões técnicas constituem-se de troca de saberes, por meio dos relatos individuais entre a equipe, caracterizando assim um espaço efetivo de reflexão e aprendizagem. Ocorrem sistematicamente e possibilitam trabalhar os aspectos operacionais quanto à organização das ações, ao acompanhamento e à avaliação das atividades desenvolvidas.

- **Reuniões formativas**

As reuniões formativas visam à ampliação e ao enriquecimento do repertório de toda a equipe. Ocorrem três vezes ao ano, mediante definição prévia do tema a ser estudado. São fundamentais para a educação continuada, atualização, coesão da equipe, apropriação da metodologia e da linha de atuação da Arte Despertar.

- **Registros**

O registro realizado pelos arte-educadores é um procedimento que permite acompanhar o trabalho, por meio de observação, depoimentos e documentação de cada etapa desenvolvida. É também o resultado da leitura crítica sobre o fazer, com a intenção de relatar e aprimorar aspectos que tenham facilitado ou dificultado o desempenho do planejamento e o alcance dos objetivos dos projetos. São também instrumentos de comunicação entre arte-educadores, coordenação pedagógica e assessoria psicológica.

Além desses, são realizados registros fotográficos com intuito de captar as imagens dos momentos significativos das atividades e documentá-las, para elaboração de relatórios administrativos e metodológicos.

- **Avaliação de processo**

Tem o objetivo de monitorar e refletir sobre o processo arte-educativo para redirecionamento das ações planejadas e estabelecer estratégias, identificando fatores facilitadores que possibilitem ajustes, se necessário, para a continuidade do projeto.

- **Avaliação de resultados**

Ao finalizar o projeto, realiza-se uma avaliação ampla e abrangente, para verificar o resultado dos objetivos propostos, as aprendizagens conquistadas, os desafios superados, lições aprendidas durante a execução das atividades e características da instituição parceira. Esta avaliação visa a aperfeiçoar novos encaminhamentos para futuros projetos.

Avaliação

Mesmo o paciente que está em estado de coma, ele tem reações quando a música é tocada ou é contada uma história.

D. H., HOSPITAL MUNICIPAL DE URGÊNCIAS, GUARULHOS/SP

O trabalho da Arte Despertar é essencial para uma UTI, porque ele modifica inevitavelmente a perspectiva de melhora dos pacientes.

R. F. A., HOSPITAL STELLA MARIS, GUARULHOS/SP

Relatórios

- **Relatórios semestrais**

Contemplam o resumo dos registros preenchidos ao longo do semestre pela equipe técnica. Neles, a equipe manifesta pontos positivos, impasses ou aspectos que necessitam de reformulação para otimizar as ações e viabilizar a continuidade no próximo semestre. É uma oportunidade para realizar uma avaliação baseada em três áreas – arte-educação, pedagogia e psicologia – que fundamentam a metodologia Arte Despertar.

A análise deste relatório ocorre nas reuniões técnicas com a presença também da equipe administrativa, para mensurar a ação institucional em relação aos objetivos propostos.

- **Relatórios anuais**

Realizam o fechamento e registro de todos os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano pela Arte Despertar, em que são demonstrados os resultados quantitativos, qualitativos, depoimentos e ilustração com registros fotográficos.

Eu tive oportunidade de aprender e transformar minha vida e acredito no aprendizado solidário, em multiplicar o conhecimento. Quando recebi o convite para fazer o curso de capacitação, em 2004, fiquei super satisfeita, pois teria a oportunidade de difundir a bagagem cultural e as vivências que adquiri.

CARLA BATISTA ALVES

O processo de humanização do Serviço de Terapia Intensiva vem se desenvolvendo no decorrer destes anos com a participação ativa da equipe multiprofissional, desmistificando o que muitos acreditam ser uma UTI.

O Projeto Arte Despertar encantou a todos: doentes, equipes e familiares. Através de suas atuações, possibilitou momentos agradáveis de reflexão, relaxamento e descontração. Com isso, entramos em contato com sentimentos que nos remetem à sensação de conforto e até mesmo alívio da dor.

Hoje, a integração do projeto com o cotidiano da UTI é notória. Os familiares voluntariamente se incluem nas atividades.

A equipe multiprofissional seleciona os pacientes a serem atendidos. Através destas ações, percebemos repercussões positivas no relacionamento interpessoal, bem-estar dos pacientes e dos familiares.

É uma grande satisfação ter a equipe da Arte Despertar no Serviço de Terapia Intensiva da Santa Casa de São Paulo.

ANGELA HABERKORN, PATRICIA DE MARCO,
M. INES MUR, M. ANGELA PASCHOAL
E DR. ELZO PEIXOTO, SANTA CASA DE SÃO PAULO



DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO PARA A SUSTENTABILIDADE DA ARTE DESPERTAR

Os projetos da Associação Arte Despertar, ao nascerem de uma parceria, conforme explicitado no capítulo “*Sistematização de projetos, rotinas de atuação e avaliação*”, trazem, na própria estrutura, a possibilidade de continuidade.

As instituições parceiras são os locais de desenvolvimento do conhecimento e constituem permanente laboratório de vivência e aprendizado para a Associação.

A cedência de espaços nos hospitais e comunidades, bem como, de profissionais, propicia um contato direto da equipe Arte Despertar (arte-educadores, pedagogo e psicólogo) com as ações realizadas na prática do dia-a-dia da instituição parceira, bem como com as dificuldades e demandas do público atendido, possibilitando uma aprendizagem significativa e duradoura.

Este modelo de atuação realiza o objetivo de formação de multiplicadores da Associação, viabiliza e dá continuidade ao aprendizado e amplia o público atendido. Ao se tornar um multiplicador, o profissional percebe a necessidade de uma formação permanente e se torna um “parceiro na aprendizagem”.

Outra forma compreendida como necessária para garantir a disseminação do conhecimento produzido consiste no registro, sistematização e edição das atividades-eixo elaboradas, através da publicação de um “Material de Apoio Arte-Educativo”. Este material possibilita ao profissional dar continuidade e fortalecer sua prática, recorrendo, sempre que necessário, à fundamentação e/ou atualização do conteúdo produzido.

Os materiais elaborados até então são organizados a partir de registros e dão início à sistematização da metodologia Arte Despertar. Possuem foco na ampliação de repertório e disseminação da metodologia e são documentados em vídeo e em multimídia.

A linguagem utilizada no material é simples, concisa e objetiva, ressaltando os pontos essenciais da análise e reflexão surgidas a partir da prática. A estrutura do “Material de Apoio Arte-Educativo” permite que ele transite em diferentes espaços de formação e seja utilizado com diversos públicos, potencializando a ação institucional.

A articulação com as instituições parceiras, a troca de saberes, a socialização dos conhecimentos aprendidos e do material produzido embasam a formação de uma rede. Esta constitui-se na meta maior e necessária para assegurar a disseminação da metodologia Arte Despertar e sua sustentabilidade.







GOSTO DE VIAJAR POR PA

LAVRAS DO QUE DE TREM.

Manoel de Barros

5

A VISÃO DO LADO DE FORA

A VISÃO DO LADO DE FORA

Neste capítulo foi pedido a alguns dos colaboradores e parceiros que dissertassem sobre suas impressões e visões a respeito da Arte Despertar.

Eles foram de vital importância para a Associação, pois juntos, desde o primórdio, fizeram parte da história, contribuindo com questões estruturais, conceituais, administrativas, jurídicas, no suporte das atividades desenvolvidas e na participação dos projetos.

Alguns, usando seus conhecimentos do Segundo Setor, trouxeram suas competências para dentro da casa.

Outros, em função de suas atividades, permitiram que a Associação pudesse levar sua expertise para empresas e instituições que passaram a apoiar a causa ou abriram suas portas para receber os serviços da Arte Despertar.

Para melhor entendimento, os depoimentos foram colocados de maneira livre, coloquial e cronológica, permitindo ao leitor um acompanhamento da evolução da Arte Despertar. Estas palavras ajudam a visualizar a Associação do “lado de fora”.

ENTREVISTADOS

Ana Marta Oliveira do Nascimento

Associação Santo Agostinho (ASA)

Antonio Sérgio Petrilli

Instituto de Oncologia Pediátrica (IOP) -
Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança
com Câncer/Universidade Federal de São
Paulo (GRAACC/UNIFESP)

Carla Batista Alves

Universidade Mackenzie

Carlos Vicente Serrano Junior

Instituto do Coração do Hospital
das Clínicas da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo
(InCor – HCFMUSP)

Célia Yukiko Osato

Instituto do Coração do Hospital
das Clínicas da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo
(InCor – HCFMUSP)

Dario Ferreira Guarita Filho

Guarita & Associados

Dario Ferreira Guarita Neto

Amata Brasil SA

Enrique De Goeve Neto

De Goeve Advogados Associados

Guilherme Vidigal Andrade Gonçalves

União Vidigal Ltda

Heloisa Guarita Padilha

RGNutri

José Ferraz Ferreira Filho

J Ferraz Business Development

Ligia Maria Camargo Silva Cortez

Escola Superior de Artes Célia Helena

Lúcio de Castro Andrade Filho

Grupo Ultra

Marcos Kisil

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Escola de Comunicação e Artes
da Universidade de São Paulo

Maria Nadir Azevedo de Moraes

Escola Habitat

Maria Stela Fortes Barbieri

Instituto Tomie Ohtake

Patrick Charles Morin Jr.

Morin Assessoria Empresarial Ltda

Rogério Magon

Instituto Fonte

Telma Sobolh

Hospital Israelita Albert Einstein

Teresa Guarita Grynberg

Estúdio Colírio

Valdir Cimino

Associação Viva e Deixe Viver

William Malfatti

Grupo Fleury

Wilze Laura Bruscato

Irmandade da Santa Casa
de Misericórdia de São Paulo

RUMO À VIDA PROFISSIONAL

Ana Marta Oliveira do Nascimento

Conte um pouco sua vida.

Eu era uma adolescente que falava pouco, reservada, odiava o mundo e achava que todos estavam contra mim. Com 14 anos de idade, conheci o projeto da ONG Arte Despertar. A música me ajudou a trabalhar essas questões e as transformações foram acontecendo de uma forma muito sutil. Quando me dei conta, estava num outro momento, me transformei em outra pessoa.

Quando conheceu o projeto da Arte Despertar?

E o que você achou das atividades?

Conheci o projeto em 2000, numa fase em que não levava as coisas a sério, sem perspectiva de vida. Ia à escola porque tinha que ir, mas não estudava a sério. Fiquei sabendo de um projeto de música que ia começar na comunidade de Paraisópolis e chamei uma amiga. Fomos ver como era e, apesar de não ser o que esperávamos, voltei no outro sábado. Eu queria ouvir Spice Girls e no projeto tinha Palavra Cantada. Apesar de achar estranho, no decorrer das aulas fui me entrosando com o pessoal e pegando gosto pela percussão.

O que o trabalho da ONG despertou em você?

Despertou-me a curiosidade, o gosto pela música, o interesse pela cultura afro-brasileira. A partir daí comecei a estudar sobre o tema, sobre o maracatu. Comecei a me interessar e a me dedicar à música. Como recompensa, fui convidada para tocar na banda da qual as arte-educadoras Beth Beli e Adriana Aragão faziam parte.

Eu não tinha interesse por nada e o projeto me fez ver quem eu realmente sou. Comecei a sonhar, a me perceber como pessoa e a reconhecer minha identidade cultural. Hoje tenho orgulho em falar que sou uma mu-

lher negra. A vida me deu oportunidade para transformar minha história, me fortalecer e buscar coisas em que acredito. Hoje eu vou atrás do que quero, sou verdadeira com meus desejos e crenças. Valorizo a cultura afro-brasileira e me identifico com ela.

Em que sentido você acha que houve melhora?

Identifiquei-me muito com as arte-educadoras, com elas aprendi o que é disciplina e responsabilidade. Elas plantaram em mim a semente do acreditar, o pensamento positivo. Se não tivesse participado do projeto de música da Arte Despertar, provavelmente minha vida seria totalmente diferente. Já tentei imaginar como seria e fico pensando que talvez nem tivesse terminado o ensino médio e já estaria com pelo menos dois filhos, como é o que acontece com grande parte das meninas da comunidade. E essa história de vida não me atrai. Estou muito satisfeita com a vida que tenho hoje e com o que já conquistei. O projeto ajudou a ampliar minha visão de mundo, me proporcionou acesso a outra realidade, coisa que sozinha não teria sido possível fazer.

O que levou você a ser voluntária da Arte Despertar?

Hoje você é uma arte-educadora?

Recebi o convite para fazer o curso de capacitação e atuei durante um tempo como arte-educadora nos projetos da Arte Despertar, mas hoje não atuo mais. Quando ainda era educanda, durante as atividades, trabalhamos com vários valores, entre eles o da solidariedade. Aprendi que o aprendizado também pode ser solidário. Então percebi que podia contribuir e o quanto é gratificante ser um multiplicador, poder passar para

outro o que eu aprendi. Gostei tanto da experiência de trabalhar com educação que participei de um processo seletivo para o Centro Comunitário de Paraisópolis. Lembro de que o primeiro ritmo que aprendi foi o bumba-meu-boi. Isso me marcou tanto que, sempre que começava um novo projeto como educadora, eu propunha a primeira atividade com essa música.

Para você, qual a importância desse projeto?

O trabalho foi fundamental na escolha do caminho que minha vida seguiu. Foi a porta que precisava para explorar muitas possibilidades. Não tinha muita perspectiva de crescimento pessoal, mas pela ação das arte-educadoras percebi que tinha capacidade para música e para ensinar.

E como é participar e trabalhar em prol do próximo?

Assim como o projeto me despertou, também quero que isso aconteça com outras pessoas. Quero contribuir para elas terem a mesma oportunidade que eu tive, espero fazer diferença para o próximo.

Para você, o que significa ser uma arte-educadora?

Um educador precisa antes ser verdadeiro consigo mesmo para depois ensinar algo ao outro. Não acredito no “faça o que digo, mas não faça o que eu faço”. A gente tem que dar exemplo para os educandos, muitas vezes somos a referência que eles têm. O trabalho de educador é muito gratificante. Hoje, no meu trabalho, lido com crianças e procuro ensinar a cultura brasileira por meio da música. A metodologia que aprendi na Arte Despertar é adotada na minha vida profissional, e uso a música como instrumento de ensino.

Carla Batista Alves

Conte um pouco sua vida.

Sou Carla Batista Alves, 23 anos, nascida e criada na comunidade de Paraisópolis. Sou bolsista da Universidade Mackenzie, onde curso Letras e Tradução. Sempre gostei muito de estudar, no entanto não tinha oportunidade, nem perspectivas de ter, até que a ONG apareceu e eu abracei.

Quando conheceu o projeto da Arte Despertar?

Em 2001, queria aprender a desenhar e a Arte Despertar tinha um projeto na comunidade, de artes plásticas, que se chamava “Despertando para a paz com arte”. Imaginava que arte era só estética, e ali descobri que é também subjetiva, que não tem um padrão, que é um canal de expressão. Não imaginava que o projeto ia tomar a dimensão que tomou em minha vida. Busquei as atividades para aprender a desenhar e tive a intervenção de pessoas iluminadas. As arte-educadoras conseguiram me despertar para a arte. Participei de inúmeros projetos de artes visuais e de música na comunidade de Paraisópolis, organizados pela Arte Despertar.

Em que sentido você acha que houve melhora?

A comunidade onde moro é vista como um lugar violento, onde as pessoas não têm oportunidade de crescimento. No entanto, eu sou a prova de que isso não é verdade. É possível crescer, sim, basta querer. Claro que eu tive muita sorte de frequentar um projeto social que me abriu tantas portas. Mas antes disso, quando tinha 15 anos, eu não saía de casa sozinha, com medo da violência. Não conhecia nada, nunca tinha ido a um shopping sequer. Era insegura, medrosa, me sentia inferior. Hoje sou uma pessoa comunicativa, me expresso bem, sou criativa e desenvolvi mecanismos e técnicas para expressar sentimentos por meio da arte. Eu gosto do que produzo, acho que são peças interessantes. Antes não tinha perspectiva de vida e hoje tenho metas e objetivos, corro atrás do que quero. Para o futuro, pretendo atuar no segmento de artes plásticas. E, para quem não saía de casa sozinha, penso em ir para a França aperfeiçoar o idioma.

Quanto tempo você frequentou o projeto em Paraisópolis?

Foram 9 anos. Durante esse período participei como educanda e educadora.

Para você, qual a importância desse projeto?

A Arte Despertar marcou muito minha vida. A partir do projeto, aprendi a compartilhar o aprendizado, pude vivenciar várias experiências. Participar da Arte Despertar foi muito importante pra mim. Sou o que sou hoje porque passei por esses processos e vivi essas experiências.

Como o trabalho da ONG despertou você?

Despertou-me à medida que não me contento mais com o mundo medíocre, sem perspectiva de vida. Passei a acreditar que sou capaz, que posso criar da forma que eu quero e como eu gosto, basta ser pertinente ao que planejei. Antes era presa à estética, e hoje vejo a arte como expressão de sentimentos. Os materiais são apenas o meio para produzir arte, e a estética não é o mais importante.

Como esse trabalho influenciou na sua vida?

Participar dos projetos oferecidos na comunidade de Paraisópolis me proporcionou experiências profissionais. Fui muito bem orientada por profissionais, pessoas que marcaram minha vida para sempre. Isso influenciou o meu caráter e, com certeza, contribuiu para eu conseguir meu primeiro emprego como arte-educadora. Certa vez, durante uma atividade, a coordenadora pedagógica me disse: “Para tudo tem uma solução criativa”, e me mostrou o quanto é importante observar e escutar. Levo isso comigo até hoje. Aprendi a ser mais perseverante e a acreditar que sou capaz. Com as arte-educadoras, aprendi a explorar os materiais, entender o processo de criação, as possibilidades e técnicas para trabalhar. Também vivi experiências emocionais que me deram força para lidar com as oportunidades que foram desencadeadas na minha vida. Acreditei que eu era capaz quando ninguém acreditava, como, por exemplo, quando solicitei a bolsa da faculdade.

Hoje você é arte-educadora?

Não mais, porque o projeto não é mais desenvolvido na comunidade de Paraisópolis, mas já fui e, se a ONG tivesse continuado o trabalho lá, eu ainda estaria participando. A comunidade é um lugar violento e o trabalho da ONG fez diferença para muitas pessoas. É uma forma de se descobrirem como indivíduos, de se valorizarem como integrantes da sociedade.

O que levou você a ser voluntária da ONG?

Eu tive oportunidade de aprender e transformar minha vida e acredito no aprendizado solidário, em multiplicar o conhecimento. Quando recebi o convite para fazer o curso de capacitação, em 2004, fiquei super satisfeita, pois teria a oportunidade de difundir a bagagem cultural e as vivências que adquiri.

Para você, o que significa ser uma arte-educadora?

Não imaginava que tinha capacidade para ensinar. É muito gratificante acompanhar o processo dos educandos e ver que você faz a diferença na vida deles. Nesses projetos sociais, a arte-educadora, além de fazer o papel educativo, muitas vezes faz também o papel de pai e mãe. A gente lida com pessoas muito carentes, sem orientação. O trabalho do arte-educador é ensinar e estimular o gosto pela arte, mas, para isso, o primeiro passo é conquistar a confiança do grupo. Eu acho muito prazeroso esse trabalho, me sinto de fato cidadã por fazer a diferença na vida dessas pessoas.

ESTRUTURAÇÃO INSTITUCIONAL

Quando a Arte Despertar começou existia uma ideia de núcleo, de célula, um conceito único, que depois se multiplicou, tornou-se orgânico, mutável. De início, embora a ideia já estivesse definida, não se sabia em que se tornaria. Para criar o logotipo, não poderia ser uma marca dura, tinha que ser maleável, mais arredondada. Também nas cores, preferimos as mais quentes, cores da natureza, um pouco de terra, do sol, pois o trabalho envolvia pessoas, seres humanos. A marca é a apresentação gráfica de uma empresa e a representa. Esta marca deve carregar o DNA da empresa nesse grafismo.

Ainda sobre as cores, escolhemos o marrom, o laranja, que são cores quentes. E também criamos uma tipologia sem serifa, pois é um projeto ousado, um projeto novo.

TERESA GUARITA GRYNBERG

Para estruturação da Arte Despertar foram utilizados o conceito e a linha mestra seguida pelas empresas de negócio. Os estatutos, a governança, fugiam um pouco da filosofia do Terceiro Setor, muito mais incipiente na época da sua fundação do que nos dias de hoje.

Assim, juntaram-se a nós profissionais de marketing, advogados, auditores, na procura de trazer para o mercado uma empresa moderna e tentando fugir do conceito da filantropia tradicional. Foi eleita uma diretoria, um conselho atuante para acompanhar seu desenvolvimento.

Antes de sair a campo, renomados profissionais na arte de educar através do teatro, da contação de histórias, das artes e da música se reuniram e traçaram os objetivos e os caminhos para atingi-los.

DARIO FERREIRA GUARITA FILHO

Foi muito difícil fazer o Estatuto. O que precisava, qual o objeto social, qual a missão. Hoje em dia você liga no escritório de advocacia e cria um. Acho que naquela época não era assim.

GUILHERME VIDIGAL ANDRADE GONÇALVES

A estrutura foi sendo cada vez mais aprimorada, foi um crescimento talvez mais orgânico, com as próprias pessoas, mas com a ajuda de muita gente de fora, que trouxe conhecimento, aperfeiçoou a equipe e o aspecto com relação à captação dos recursos.

JOSÉ FERRAZ FERREIRA FILHO

Foi importante o desenvolvimento do conceito da Associação: nossa arte é despertar o melhor de você. Também foi importante a instituição dos conselhos Consultivo e Fiscal e a separação destes dos fundadores e associados.

DARIO FERREIRA GUARITA NETO

Entrei para o conselho da Arte Despertar e continuo a acompanhar os vários projetos da instituição. Mas aquilo que mais me marca na Arte Despertar é que a liderança pensa grande. Eu tenho acompanhado e visto que a instituição hoje está posicionada para ter um impacto muito expressivo na sociedade brasileira no contexto da humanização em hospitais. A instituição entende bem os desafios, sabe quais são as técnicas que devem ser introduzidas, ela aprende fazendo, e tem tido muito sucesso, eu acho, em levar para frente o projeto a que está se propondo. Então eu estou muito impressionado, bem impressionado, e não tenho muita dúvida de que, no futuro, essa ONG trará mudanças muito benéficas para o Brasil.

PATRICK CHARLES MORIN JR.

Acho muito interessante ser conselheiro da Arte Despertar, porque é uma instituição que trata seus projetos com muita profissionalização. Discute objetivos e formas de atuação de maneira muito organizada e clara. A instituição é criativa e gere seus projetos com planos muito bem traçados.

Com minha experiência empresarial, vejo a Arte Despertar como uma organização, e colaborar com ela é muito satisfatório, pois faço comentários sobre planejamentos e objetivos muito bem analisados. Minhas opiniões buscam dar opções de caminhos alternativos e instigar novas propostas.

LÚCIO DE CASTRO ANDRADE FILHO

Quando iniciamos a parceria, nós trocamos um voto de confiança. Não sabíamos se ia dar certo, se teríamos resultados satisfatórios, mas começamos a trabalhar e atender a demanda da Arte Despertar. No decorrer dos anos, a Associação cresceu e as atividades aumentaram. A parceria se fortificou e as duas partes estão satisfeitas com os resultados, e o fruto do trabalho é gratificante. Temos orgulho dessa parceria.

O escritório De Goeve Advogados Associados elegeu a Arte Despertar para fazer o abono. Dedicamos horas de trabalho em prol dessa causa, firmando uma parceria. Por exemplo, a Arte Despertar tem contato com empresas de grande porte e pessoas que acreditam e apostam no trabalho que é desenvolvido. As parcerias que firmam precisam ser acertadas com contratos e acordos. Tudo precisa ser transparente e perfeitamente alinhado. Há também questões trabalhistas. Nós garantimos a segurança de todas as questões jurídicas da Arte Despertar. Os trabalhos são realizados por advogados das diversas áreas do escritório, de acordo com a demanda.

ENRIQUE DE GOEVE NETO

ESTRUTURAÇÃO METODOLÓGICA

Quando eu era educadora e docente no museu na área de Arte Contemporânea, no início do sonho da Arte Despertar, o museu era dirigido pela professora Ana Mae Barbosa, eminente arte-educadora, que foi procurada pela Regina Guarita através da irmã dela, que pertencia à Associação de Amigos do Museu. Tinha uma proximidade e ela queria formar o que seria a Arte Despertar. A Ana Mae me indicou para conversar com a Regina e ver de que maneira eu poderia ajudar na fundamentação da Arte Despertar. Então o nosso primeiro contato foi desse convite. Eu fui, já era na Rua Helena.

Neste momento, a Ana Mae Barbosa tinha acabado de configurar conceitualmente o que ficou conhecido como “Proposta Triangular do Ensino da Arte”. Essa Proposta Triangular estava nascendo, e as primeiras experiências estavam sendo feitas pensando no ensino da arte desta forma, e foi esta discussão que eu trouxe para a Regina na Arte Despertar.

A minha participação nessa conceituação foi no embasamento teórico. Com a chegada e contratação dos arte-educadores, essa fundamentação foi discutida e operacionalizada por projetos com esses profissionais que vieram.

É um trabalho muito sério, muito consequente, muito importante. E ele acontece numa conjunção de vários itens. A Arte Despertar tem uma missão, que é a promoção do outro através do acesso às atividades artísticas. O que eu vi, ao longo desses anos, e vi por meio de relatórios ou apresentações que eu fui assistir, teatro, música, é que realmente o trabalho foi feito com muita qualidade, os indivíduos tiveram possibilidades de desenvolvimento pessoal e estético.

MARIA CHRISTINA DE SOUZA LIMA RIZZI

Eu sei que, primeiro, foi uma experiência maravilhosa ser convidada para trabalhar na Arte Despertar. Eu não lembro direito como é que foi, lembro do meu primeiro contato com a Regina, através de amigos comuns, alguma coisa assim. Eu fiquei muito animada e achei que aquele trabalho realmente tinha uma conceituação e uma dedicação muito grande, muito legal.

Então era para fazermos algumas coisas no hospital, isso foi o maior desafio do mundo: o que fazer lá? E também em um lugar chamado Aldeia SOS, onde o trabalho estava se iniciando e o teatro foi uma das possibilidades.

LÍGIA CORTEZ

Eles sempre trabalharam com profissionais, educadores, que têm formação pedagógica. Então a Arte Despertar introduziu o brincar como uma forma de educar, de agregar cultura, tanto para a criança quanto para a família. Desde música, artes plásticas. [...] Nossa! Artes plásticas era uma coisa bárbara!

CÉLIA YUKIKO OSATO

Tem outra instância, que é o trabalho com os arte-educadores. Eles foram chamados a desenvolver e mesmo coordenar trabalhos. Para eles, o trabalho também foi uma instância de formação. Eles tiveram acesso a cursos, palestras, reuniões de construção de trabalho, o que ajudou não só a construir o perfil da Arte Despertar, mas também na construção profissional deles. E eu vi muita gente que amadureceu no seio do processo da Arte Despertar e tem hoje uma atuação diferenciada na sociedade em geral, na área de artes e arte-educação. Formaram-se lideranças.

MARIA CHRISTINA DE SOUZA LIMA RIZZI

Um dos primeiros desafios foi formar a equipe, que começou bem pequena, depois se ampliou. [...]

A minha ação foi sempre junto aos educadores, tanto os que atuavam em hospitais quanto os que atuavam nas comunidades trabalhando com histórias da tradição oral. Nós procuramos sempre ativar um imaginário relacionado à diversidade cultural, às várias etnias, às festas sazonais, um universo que dialogasse com a cultura de cada pessoa que encontrávamos. Era um trabalho de diálogo entre várias culturas. Eu fazia oficinas de formação bastante intensas, em que estudávamos as histórias, víamos arte, ouvíamos a música de uma mesma etnia. Tinha intenção de tecer uma visão abrangente com vários olhares para uma mesma cultura.

STELA BARBIERI

O grande desafio foi como chegar nessas crianças. O contato começou a ser em grupo, mas falávamos com cada criança. Num determinado momento, começamos a trabalhar com as mães, para elas entenderem, verem e valorizarem esses trabalhos. Foi um grande aprendizado e um dado de realidade muito difícil.

Logo depois fomos para Paraisópolis, que foi um convênio com o Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis. Começou muito pequeno, as crianças divididas por idade, e lá, por mais que as crianças tivessem falta de recursos, elas tinham a estrutura da família.

LÍGIA CORTEZ

Acredito que a arte realmente seja uma maneira de despertar, área de transformação, que leva o indivíduo a mudar o seu olhar, a sua visão do mundo. A arte trabalha com a sensibilidade e a percepção das pessoas, possibilitando outras maneiras de aprender, que podem trazer uma luz, uma nova perspectiva. A Regina sempre trabalhou com a arte como forma de aprender com a própria experiência, fazer um trabalho no processo e trajetória de cada participante. Nunca deu passos largos demais, que atropelassem o processo, sempre foi um passo após o outro, numa construção contínua que conta com a participação de todos. [...]

O universo das histórias pode levar um indivíduo a recontar a sua própria história. A Regina Machado, que é uma grande contadora de histórias, costuma dizer que existe um eixo vertical, que é o eixo da história, que faz uma incisão com o eixo horizontal, que é o eixo da nossa vida. E nesse encontro é que você pode, através daquela história, recontar sua própria história. O principal para o contador de histórias é estar a serviço da história e a serviço daquele ouvinte. Neste encontro está a potência transformadora, através da obra de arte. Então a obra de arte é o ponto de contato, é neste encontro de ambas as partes que acontece a possibilidade da transformação, de fazer aquele paciente que está doente ver o mundo sob outro ponto de vista. Essa luz no fim do túnel está na obra de arte.

Eu acho que o contador de história precisa se conhecer muito bem e conhecer muito bem o universo das histórias, o universo cultural mesmo, tudo aquilo que cerca a história, o ambiente, a significação, os cheiros, os climas, os sabores. Isso tudo impregna a história, todas essas camadas de leitura que uma cultura possibilita estão ali concentradas. A complexidade humana das agruras da alma estão ali sintetizadas.

STELA BARBIERI

Todos nós temos a arte dentro da gente. É só uma questão de deixar aflorar. Mais do que isso, eu acho que a arte é vital. Não é uma escolha, é totalmente diferente você trabalhar com qualquer outra coisa que não seja arte. Ela é profissionalizante para um trabalho posterior. Quando você trabalha com arte, ela é de formação do indivíduo. Isso pode ser benéfico, pode aliviar e ser positivo à medida que outros ouvem, é uma forma de comunicação metafórica. (...) E isso é muito importante para darmos vazão a monstros, medos, dificuldades, através dessa forma de arte. E o outro ver seu trabalho é fundamental. É preciso ter apresentação, exposição, comunicação.

LÍGIA CORTEZ

Nós íamos aos hospitais, nas comunidades, e eu fazia esse trabalho de assessoria em serviço, a partir da prática dos educadores. Era um trabalho muito interessante, pois o educador era desafiado o tempo todo a estar presente na relação com cada pessoa que encontrava, achando brechas na dor ou na tristeza daquelas pessoas para acessar seu lado saudável e cheio de esperança, criando um mundo interno de imagens e histórias, onde a sequência narrativa podia suspender por instantes a realidade e trazer outras emoções.

STELA BARBIERI

Mas o que eu vejo é que esse desafio de trabalhar com uma pessoa que está em uma situação diferenciada, seja porque não está podendo se locomover, ou porque está com algum órgão do sentido prejudicado momentaneamente, ou debilitada, deve exigir destes arte-educadores a construção de procedimentos absolutamente singularizados para cada situação. Então, às vezes, aquele paciente está lá, na semana seguinte pode não estar. Você nunca sabe, chegando lá, com quem você vai realmente trabalhar e como é a disponibilidade daquela pessoa naquele momento. Tem gente em quimioterapia, às vezes em hemodiálise, ou na UTI, então são situações muito diferenciadas. Isso exigiu da equipe da Arte Despertar uma formulação de princípios para criar estratégias de trabalho, não só do procedimento com aquela pessoa que está sendo atendida, como também a organização do material da ação. O que levar, como levar, como acondicionar, como preparar. Isso tudo foi uma criação do processo da Arte Despertar.

MARIA CHRISTINA DE SOUZA LIMA RIZZI

Mas, o mais importante, é que a grande maioria das crianças que convivem aqui no hospital nunca foi exposta a esse tipo de estímulo, então ao dar a elas uma iniciação à cultura, notamos assim o interesse que muitas delas têm. (...) Curar não é mais o suficiente, queremos curar com qualidade de vida, com inserção social, com qualidade no sentido de que saia daqui depois e tenha chance de achar um trabalho, um emprego, estudar e, se possível, que saia daqui com novas capacitações, com novos estímulos, que siga sua vida com um impacto favorável, que esta doença não pare a vida da criança. (...) Para mim, o conceito básico de humanização é você tratar os outros como você gostaria de ser tratado. Então, como eu gostaria de ter uma criança minha tratada dentro de um hospital? Qual é a forma que você sente que é importante para isto? E eu acho que isso evoluiu muito, parece que qualquer coisa que você desse antigamente estava bom, porque a criança era menos favorecida. E o que a gente sentiu aqui com nossa experiência é que é o contrário. Nós somos solidários, nós queremos ser parceiros dessas famílias, a ideia é resgatar, junto com outras ONGs, o direito que a criança tem de ser atendida. Eu vejo isso na Arte Despertar, os arte-educadores têm um dever muito sério a cumprir e são extremamente objetivos com isso, ao passar ensinamento para essas crianças. (...) Então eu acho que esse modelo de humanização, em que você faz o tempo passar dentro do hospital, amenizando a dor, amenizando o trauma, é fundamental.

ANTONIO SÉRGIO PETRILLI

A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, que cuida basicamente de saúde, também tem um braço cultural. Ela valoriza muito a questão cultural, quer dizer, a Santa Casa cuida, através da Lei Rouanet, de projetos, de museus. Nós temos um museu aqui dentro, a própria instituição já tem uma valorização deste aspecto cultural, artístico. Então a partir do momento em que a Arte Despertar entra, já tem consonância com a maneira nossa de pensar, de pensar arte, de valorizar a arte. Então, trazer a arte das suas formas mais simples para esses nossos pacientes, por exemplo, é trazer para eles um outro patamar. Sai da corporeidade e entra em um outro nível de vivência. E isso, claro, traz benefícios para todo mundo. Para o paciente, para a instituição.

WILZE LAURA BRUSCATO

Acho um papel fundamental. Eu vou tomar uma área sobre a qual eu me sinto mais confortável em falar, que é da humanização, principalmente junto aos trabalhos que a Arte Despertar faz nos hospitais. Acho isso de uma riqueza enorme, por duas razões. A primeira é uma razão que se encontra no setor médico, porque à medida que você introduz especialidade, tecnologia, subespecialidade etc., você está mais concentrado em saber se a tecnologia faz o diagnóstico, o tratamento, e a relação entre os que cuidam do doente. O doente está todo centrado pela máquina. E aí se perde todo o sentido humano da relação. Ao mesmo tempo que essas mudanças foram feitas para que novas tecnologias ajudassem o paciente, elas também passaram a otimizar o tempo dos profissionais, embora afastando-os do doente. Portanto, o tempo de relação passou a ter um valor estritamente técnico. E todo um outro lado do paciente, que afeta a vida familiar, o trabalho, e que traz um processo grande de angústia, foi sendo descartado da relação. Esse é um grande problema do setor hoje. Então na hora que a Arte Despertar entra para ajudar e usa a arte como instrumento, não é um instrumento só lúdico, é um instrumento que serve para recriar esse mundo que o indivíduo perdeu. É uma chance que o sistema de saúde negou. Então a Arte Despertar joga um papel extremamente importante, e aqui eu vou colocar essa importância primeiro no próprio bem-estar do paciente, da família, mas indiretamente na criação de condições para que os componentes psíquicos da doença não afetem os componentes somáticos da doença, porque toda doença é psicossomática. Então, se você pode entrar no componente emocional do indivíduo, você consegue fazer com que ele não piore o componente físico. Por isso eu acho um trabalho muito rico. Eu estou pegando o ângulo do hospital porque é uma área com a qual eu estou mais acostumado e é um trabalho em que não importa onde o paciente está, pode estar em São Paulo, no Rio, em Maceió. Então a Arte Despertar extrapola o que está fazendo, ela quase se coloca numa posição de ter que disseminar suas práticas, suas experiências, para que outros possam repeti-las.

MARCOS KISIL

Acredito na vertente que o tratamento não evolui apenas com remédio, é preciso olhar o emocional. Pessoas depressivas atraem doenças e têm uma recuperação mais demorada, enquanto pessoas alegres têm uma evolução mais rápida no quadro clínico.

CARLOS VICENTE SERRANO JUNIOR

A criança chega lá sem noção do seu conteúdo artístico, seja teatro, artes plásticas, música ou literatura. No desenvolver da criança e no despertar dela, ela consegue expressar-se, pintando, tocando e cantando ou fazendo teatro. É impressionante ver a evolução de uma criança em um ano.

Eu aprendi muito. É outro enfoque, não é um aprendizado em que existe cobrança, não há preparação para entrar num primário, não há cobrança de uma alfabetização. É outra coisa, é desabrochar a criança. Eu aprendi muito na Associação e por esta razão pude atuar em outros projetos.

MARIA NADIR AZEVEDO DE MORAES

Metodologia é fundamental, senão o projeto não funciona. Esse projeto da Arte Despertar, por exemplo, ninguém seria capaz de fazer se não tivesse uma estrutura. Nosso patrocínio era um benefício para as crianças e tinha uma metodologia que garantia esses benefícios. E mesmo as ações voluntárias têm uma metodologia.

Tem outra questão, isso é novo nos ambientes das empresas. Quando você introduz um projeto desse numa empresa, se ele não tiver consistência e der errado, ela demora a fazer algo parecido novamente e você acaba estragando uma boa ideia.

WILLIAM MALFATTI

CENÁRIO

Eu tive o privilégio de começar a trabalhar nesse setor em um particular momento histórico da realidade brasileira, em que fiz parte de uma geração de estudantes universitários que se envolveu nas questões sociais quando o Brasil não tinha democracia. E uma das grandes dificuldades de não ter democracia é não existir o desenvolvimento da cidadania como a possibilidade de participar do processo político decisório que afeta a vida de todos nós. Então a minha geração é uma geração que sempre teve uma preocupação de resgatar esse valor. Esse resgate começa no final do regime militar, mas ele se consolida quando o Brasil começa a se inserir novamente na história democrática, a partir de 1975, quando os militares deixam o governo, e se projeta muito fortemente em 88, quando promulgamos uma nova Constituição do Brasil. Tive essa felicidade de participar dessa geração que lutou, inseriu e consolidou um regime democrático para o país. Em 1988, no mesmo ano da nova constituição, eu fui para os EUA fazer um doutoramento em administração e foi muito interessante a descoberta lá de dois personagens que não conhecia no Brasil, se é que eles existiam. Um personagem é o que classifico como empreendedor social, que é um indivíduo que tem ideias de como alterar um *status quo* e transformar a sociedade, e que normalmente não usa recursos financeiros para realizá-las. O outro personagem é o filantropista, que tem dinheiro, soube ganhar dinheiro, mas nem sempre é alguém envolvido nas questões sociais. Portanto, o casamento desses dois personagens permite que a sociedade faça uma participação nos seus destinos fora da arena de governo. Isto eu não conhecia no Brasil, onde todas as decisões que afetavam a sociedade eram tomadas pelos governos de então. Eu encontrei isso nos EUA e me apaixonei pelo tema.

Eu acho que houve grandes e importantes avanços nos últimos dez anos. (...) Você hoje encontra uma vontade muito grande na profissionalização das organizações da sociedade civil que levam a sério a sua missão, que planejam, que têm modelos gerenciais, fazem uso do sistema de tecnologia da informação, que põem ênfase no recrutamento de pessoal. Então todas essas tarefas são tarefas que vêm de uma organização profissionalizada.

No início do Terceiro Setor, havia um entendimento de que tudo era importante. As organizações tinham certa dificuldade em focar, em encontrar o seu próprio caminho, sua trajetória, a sua vocação. O resultado é que houve muito desperdício de energia, de esforço, de recurso financeiro, porque as organizações não tinham claro o que elas queriam fazer. Então isso mudou nesse tempo. Hoje elas querem saber a missão, qual seu papel, quais as atividades programáticas, os indicadores de sucesso, que hoje fazem parte dessas organizações e que não existiam há dez anos. Essa é outra mudança. Outro fato para o qual eu queria chamar atenção é que essas organizações começaram a perceber que o setor é um setor que exige parceria. Eu acho que quando começou havia como se fosse uma retenção de energia e todo mundo queria sair fazendo tudo. E nesse processo era mais exitoso aquele que conseguia fincar sua marca como marca. Não era comum fazer parcerias. As organizações queriam que os seus projetos fossem um projeto seu. E isso era natural, eu estou dizendo que, naquele momento, era muito importante o indivíduo marcar posição. Hoje as pessoas estão mais conscientes de que o trabalho exige parceria, e parceria desde o início do programa. E o último elemento é que antes elas se classificavam como ONGs porque não queriam trabalhar com o governo, e hoje elas têm consciência do papel que o governo tem, de disseminar o seu trabalho para a população. Então aquela nítida separação entre não governo e governo se perdeu e hoje elas sabem que precisam trabalhar juntos para o sucesso de qualquer processo de participação cidadã.

Aqui no Brasil estou no setor social desde os primeiros momentos de redemocratização, o que me levou a estar envolvido com vários movimentos, que vêm desde a Constituinte, e com o aparecimento de várias organizações, como o Instituto Ayrton Senna, a Abrinq, a criação do Ethos, a criação do Centro de Voluntariado de São Paulo, grupos acadêmicos de estudos do Terceiro Setor. Tive o privilégio de acompanhar todo esse movimento e sou uma daquelas pessoas que se sentem absolutamente gratas e convencidas de quanto esse setor pode fazer bem para a sociedade. Eu particularmente

não gosto da palavra Terceiro Setor, eu prefiro chamar de organizações da sociedade civil. Ela tem uma conotação muito importante, porque ela é usada pelo lado afirmativo que ela tem pela sociedade e não pela negação, de organizações que não são do governo. Meu batismo e meu crescimento no Terceiro Setor foi em torno dessa história que eu te contei. Contando nisso os meus 30 anos de experiência.

MARCOS KISIL

Acredito que exista hoje um nível de profissionalismo muito maior. E dentro disso começaram a existir processos semelhantes aos da estrutura de empresas do Segundo Setor. Então o Terceiro Setor começou a entender isso como um modelo de eficiência, o que fez com que ocorresse uma evolução nos últimos dez anos. Além disso, o dinheiro é muito melhor investido hoje, graças a essa profissionalização.

HELOISA GUARITA PADILHA

Eu acho que ele tomou o espaço da iniciativa pública. O Terceiro Setor veio ocupar essa lacuna de carência e naturalmente surgiram distorções, mas existe um trabalho bastante laborioso, sério, porque nós temos contato com outras ONGs e vemos que é um trabalho bastante eficiente, que é desenvolvido por outros, que fazem o mesmo que nós. Naturalmente isso não aconteceu somente no Brasil, mas aqui a desigualdade é grande, vemos que o campo é muito fértil. Temos visto que pessoas que estão abrindo uma ONG nos procuram, acabamos virando referência.

JOSÉ FERRAZ FERREIRA FILHO

Houve um forte crescimento nesses últimos anos, porém sem organização. Não só em relação a trabalhos sociais, mas também ao voluntariado. Ao longo dos 23 anos trabalhando nessa área, ao fazer uma análise, percebo que esse novo cenário é muito bom, pois antes éramos vistos como pessoas que não tinham o que fazer, principalmente nós, mulheres.

TELMA SOBOLH

Eu acho que ainda temos algumas questões não resolvidas. Colocaria como não resolvida a questão do entendimento que o governo deveria ter com relação às organizações da sociedade civil. Ainda falta ao Brasil um quadro legal e mais incentivo por parte do governo ao papel que o Terceiro Setor pode executar. Parece-me que o governo demonstra ainda um certo temor de apoiar de maneira incisiva o que a sociedade pode fazer por si. Ainda precisa ser trabalhado, a sociedade precisa fazer *lobby* no sentido de forçar políticas públicas, no sentido da questão cidadã. Uma segunda preocupação é a nossa preocupação com a governança e a rotatividade de liderança que essas organizações precisam. Muitas dessas organizações foram criadas por pessoas que se mantiveram ao longo do tempo nelas, o resultado é que daí não existe uma segunda geração que foi trabalhada ou gerada. Eu estou dizendo isso em âmbito geral, que o Terceiro Setor tem uma dificuldade em gerar novos líderes. Uma terceira preocupação é uma preocupação com o uso, que deveria ser mais frequente, de avaliações. Nós estamos acostumados no Brasil a avaliar produtos, mas não avalio o processo que tive para fazer isto ou aquilo, nem o impacto que ele teve na vida das pessoas que foram beneficiadas. (...) Então esses três pontos são os pontos que ainda faltam ser trabalhados.

MARCOS KISIL

Nós, nesta instituição, com certeza mudamos. Eu entendo que muitas instituições de saúde acabam colocando hábitos de humanização só para seguir de acordo com as determinações ministeriais, não é o que acontece conosco. Nós já tínhamos um berço, antes, não é à toa que temos este nome, Santa Casa de São Paulo. Então nós já tínhamos este olhar humanizado. Eu entendo que a Associação Arte Despertar, que está fazendo dez anos, começou a pensar nisso de um modo geral, porque faz mais ou menos esse tempo que o Ministério da Saúde começou a pensar.

WILZE LAURA BRUSCATO

A questão da humanização vem ganhando cada vez mais espaço. Hoje, há uma tendência internacional de ter assistência social ligada à humanização para identificar meios e estratégias para trabalhar o emocional do paciente.

A tendência é evoluir cada vez mais. Os hospitais estão conscientes dessa necessidade e já começaram a identificar meios para que a humanização hospitalar se torne rotina nos hospitais junto aos tratamentos.

CARLOS VICENTE SERRANO JUNIOR

Então falta mesmo essa visão de rede, de Primeiro, Segundo e Terceiro Setor se abraçarem para produzirem indicadores. As ONGs muitas vezes se veem como concorrentes, porque um indivíduo, quando monta uma proposta, não vê se já existe outra semelhante que possa potencializar a sua. Não, ele quer montar a dele.

Eu acho que falta ainda a visibilidade para muitas ONGs que são muito legais, muito corretas, mas elas não têm espaço para mostrar o seu trabalho. O Terceiro Setor já aparece como um paradigma a ser quebrado, quando surge como uma organização não governamental. O “não” já descompromete tudo. (...) Então é assim, tem que fazer junto com o governo, quero ter o apoio dele, quero ter o apoio da iniciativa privada, porque quero fazer alguma coisa para todos. E se imaginarmos também pela ótica de investimentos, em qualquer crise, antes de cortarem o marketing ou o treinamento das pessoas, as empresas cortam o social.

Eu diria que já existe uma política, então temos que fazer isso acontecer. Nosso desafio é esse, é essa transformação. E se pudermos dar poder ao nosso paciente, levar informações para que ele possa prevenir a sua saúde, se todas essas ações, de fato, estão promovendo isso, o que esperamos é menos fila e profissional mais valorizado. (...) Isso é para todos. Quando levamos essa visão para todos, o futuro ganha.

VALDIR CIMINO

ERROS E ACERTOS

E esse trabalho foi desenvolvido com muito profissionalismo. Me chamou a atenção o fato da Associação Arte Despertar não trabalhar com voluntários, mas sim com profissionais, e acho que isso foi um ponto muito importante.

JOSÉ FERRAZ FERREIRA FILHO

Os arte-educadores eram remunerados, isso foi uma das primeiras coisas que a Regina disse na reunião. E eu achei isso muito interessante e importante, porque é um trabalho, e mais do que tudo, o vínculo com a criança precisa acontecer de fato. Tinha um trabalho a ser conquistado, tinha um objetivo, uma missão de aprendizado artístico. E eu acho que isso dá um outro objetivo. Quando você trabalha com criança e você fala de profissionais remunerados, você consegue uma continuidade, um vínculo diferente do que se fosse voluntário.

Eu falava para os profissionais: olha, é um compromisso, não pode faltar por nada. Porque a criança vai esperar, e essa criança que já foi várias vezes abandonada precisa daquele compromisso que foi firmado.

LÍGIA CORTEZ

Os beneficiados pela ação da Arte Despertar poderiam, nestes dez anos, ser numericamente muito superiores, mas a constante procura da perfeição limitou este universo.

Isso, por exemplo, nos levou à conscientização de que atuar em hospitais era o aspecto mais importante e original do nosso fazer. Em consequência, tão logo começamos a reunir reflexão a respeito da experiência, já nos preocupamos em definir um manual de trabalho com foco na humanização dos hospitais através da arte.

O profissionalismo tornou-se marca da Associação e vai continuar sendo sua principal característica, ainda que, para isso, ela precise estender sua ação a um menor número de pessoas.

Na relação com os parceiros, esta profissionalização, a procura por fazer com a máxima perfeição, por registrar e divulgar com vistas a difundir as aprendizagens, nem sempre foi bem entendida por todos. Como empresários que são, muitos nos solicitam maior rapidez, mais divulgação do seu patrocínio, maior volume de beneficiários.

DARIO FERREIRA GUARITA FILHO

Eu não trabalho na Arte Despertar, mas tenho a impressão de que eles estão sempre construindo. Eles têm um ponto forte, estar em evolução, sempre em processo de construção.

TERESA GUARITA GRYNBERG

A Arte Despertar tentou vários campos, e hoje ela tem o amadurecimento de todas essas tentativas bem-sucedidas, e eu sinto a Associação muito equilibrada, com uma história já feita, um legado já construído. É duro que hoje ainda seja tudo centrado na figura da Regina, mas eu acho que o jeito do trabalho dela pode ter uma importância muito grande.

LÍGIA CORTEZ

Em nosso Comitê de Humanização já vimos que o nosso olhar precisa ter duas vertentes, não adianta a gente pedir para o profissional da saúde que aja com humanidade com o paciente, se nós, como instituição, não agirmos com humanidade com o profissional da saúde. Então nós temos estas duas vertentes. O paciente e o familiar, e o olhar voltado para o cuidado humanizado com o próprio profissional da saúde. Ele está lidando o tempo todo com dor, sofrimento, morte. Então ele precisa também de um cuidado específico, é importantíssimo para a instituição que tenhamos estas ações.

Para o paciente, por exemplo, quando o grupo atua diretamente com ele, alivia muito o seu sofrimento. O familiar, quando está acompanhando, também participa, então são momentos de alívio daquela tensão que o hospital traz. E o paciente também vê esse alívio, porque a partir do momento que o profissional da saúde está tendo um processo de humanização, ele pode lidar com mais leveza, com mais alegria com o paciente. Então o paciente e o familiar se beneficiam dos dois lados. É o que a gente espera e é o que tem acontecido.

WILZE LAURA BRUSCATO

Um dos maiores resultados é a criança, a família, saber que o hospital não é só sofrimento. Então, muitas pessoas passam a vida toda retornando para o hospital, e essa lembrança que elas têm da hospitalização é algo bom, que não é só dor e sofrimento, mas esse lado lúdico, que é importante não só para a criança, mas para o adulto também.

Existem estudos que comentam que melhora até a imunidade das crianças.

Porque elas deixam de ficar tristes, diminui a ansiedade, a preocupação. Canaliza para onde? Para o prazer, o prazer de ouvir música, de cantar, de ouvir história, de criar, e isso se manifesta no organismo, na questão fisiológica. Melhora a imunidade, e com isso a ideia é até diminuir o tempo hospitalar.

CÉLIA YUKIKO OSATO

E as crianças se sentem absolutamente envolvidas no sentido de entender que o hospital não é só um lugar onde elas vão usar agulhas, tomar remédios e afins. (...) Então entendemos que esse conceito que a Arte Despertar faz aqui dentro conosco é extremamente útil para que possamos ter um atendimento humano, para as crianças. (...) Elas aceitam melhor e muitas vezes conseguem receber o tratamento de que precisam. Aumentando a aderência e aumentando a complacência, percebe-se que muitas vezes aumenta também a sobrevida.

ANTONIO SÉRGIO PETRILLI

A Arte Despertar está dando suporte e apoio emocional aos pacientes, a partir do trabalho de Humanização que vem desempenhando.

CARLOS VICENTE SERRANO JUNIOR

A humanização hospitalar consiste, na verdade, numa nova maneira de praticarmos as ações de saúde. Porque as ações de saúde têm que ocorrer, mas elas podem ocorrer de forma humanizada. Então é a maneira de se trabalhar na saúde que tem que ser humana. Desde o “bom dia” até o procedimento médico.

WILZE LAURA BRUSCATO

A atuação da Arte Despertar no ângulo hospitalar é aquela questão de que não é só para as crianças, mas também para nós, profissionais. Hoje, por exemplo, era um dia que eu precisava deles, porque eles quebram aquele clima agitado até para nós, funcionários, então imagina para uma criança, para uma família. Esta atuação traz um equilíbrio para o ambiente. (...) A humanização hospitalar é bem isso. Quando os profissionais começam a entrar naquele mecanismo hospitalar, de preocupação, de decisões, de procedimentos dolorosos, os arte-educadores acabam quebrando esse mecanismo, aliviando, e isso é a humanização. E a grande proposta da Arte Despertar é essa.

CÉLIA YUKIKO OSATO

Sempre achei interessante desenvolver ações junto à comunidade. Acredito no ser humano, e por isso me dedico a ele. Como empresário, preciso me valer de pessoas bem preparadas, mas o ser humano tem carências. Sempre me apaixonei por ajudar a preparar e desenvolver pessoas e é muito tocante ver os depoimentos contando a evolução e como a vida delas melhorou com este apoio. E eu tenho essa mesma sensação com os projetos da Arte Depertar. Sinto uma melhora na qualidade de vida dos profissionais da saúde e pacientes atendidos pela Associação.

LÚCIO DE CASTRO ANDRADE FILHO

Bom, vou começar pelo que deixei. Deixei uma porta aberta, porque foi bacana isso, eu saí da empresa e o projeto continuou, foi isso que provou a legitimidade do projeto, que era da empresa, não meu. Foi porque ele era qualificado e está lá até hoje. E o que a Arte Despertar deu pra mim? Bom, me ensinou a olhar a questão do aproveitamento da Lei Rouanet de uma forma diferente. Eu tinha tido uma experiência anterior, quando aproveitamos essa lei de uma forma grandiosa, mas de baixo impacto social. Confesso que eu desacreditei sobre o projeto da Arte Despertar, e de fato conseguimos. Quer dizer, eu acho que a Arte Despertar me ensinou a ver que a quantidade financeira na mão não é fator para você se inserir em um projeto ou não. Provou-se ali que com poucos recursos você pode fazer um projeto relevante. Outro fator foi ver o impacto de um projeto desses na comunidade. Porque, até então, eu nunca tinha entrado em uma favela e uma vez a Regina me convidou para ir. Aí você vê que o projeto do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis tem um alcance fabuloso, transformou aquela comunidade. As pessoas que estão no entorno sabem que têm um ponto de apoio para a saúde, para a educação, para a escola, e um projeto para desenvolvimento cíclico e cultural. Você vê o impacto disso para uma comunidade, vê que as pessoas tinham cara de futuro, tinham cara de que estavam felizes, de que tinham alguma coisa de melhor por vir lá na frente. E elas exigem esse respeito porque constituíram ali uma comunidade. Você vê aquelas pessoas evoluindo, cada vez mais organizadas, ganhando sua vida honestamente. Há uma visão muito equivocada do que é favela, do que é comunidade. Você acha que ali são pessoas sem perspectiva, pessoas perigosas, pessoas que não têm uma atividade, estão ali a esmo. É completamente diferente. Você entra lá e vê que todas as oportunidades que surgem ali as pessoas abraçam. A Arte Despertar me despertou para ver uma comunidade de forma diferente. É uma boa, porque eu acho que quem passa por isso começa a pensar melhor no que é favela e no que é comunidade. E esse é o grande ensinamento que tem ali.

WILLIAM MALFATTI

O trabalho da Arte Despertar é maravilhoso e de tirar o chapéu! É um trabalho muito bom, muito planejado, sabe-se onde atuar e onde se quer chegar. Com a música em Paraisópolis é impressionante!

MARIA NADIR AZEVEDO DE MORAES

Acho que é uma característica dela se colocar de um modo um pouco tímido. Não sei se é um erro. É um jeito muito conservador. É uma característica, que tem alguns benefícios e tem uma série de malefícios. No sentido de disposição, de atrair pessoas, pode-se dizer que é um erro.

GUILHERME VIDIGAL ANDRADE GONÇALVES

Acho que a primeira “rodada” como instituição foi com uma empresa farmacêutica, e o primeiro tombo também foi com ela, quando mudou o presidente e mudaram os patrocínios também. Daí a gente precisou correr atrás de outro.

DARIO FERREIRA GUARITA NETO

É muito importante que as pessoas conheçam esse trabalho, o que aconteceu nos últimos anos, quais são os números, etc., para que a Associação cresça. Precisamos mostrar o que é feito para que todas possam conhecer. É preciso multiplicar esse conhecimento em lugares nunca antes imaginados. Por isso, podemos pensar em uma expansão do trabalho, ou seja, um modelo multiplicador.

HELOISA GUARITA PADILHA

FORMAÇÃO DE PARCERIAS

Uma das primeiras parcerias que estabeleci junto ao Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis foi com a Arte Despertar. Porque acredito que a criança consiga se desenvolver por meio da arte, ou seja, ela consegue crescer e ser uma pessoa inteira, caso tenha a possibilidade de se expressar, de mostrar o que pensa e o que acha da vida. Desde o início tem sido uma relação muito boa, por isso acredito que cresci junto com a Arte Despertar.

TELMA SOBOLH

A minha relação com a Arte Despertar foi bastante interessante, porque eu estava ingressando em uma empresa com a missão de estruturar sua área de comunicação e fortalecer sua marca no Brasil. Naquele momento em que estávamos montando o projeto, apareceu a proposta da Arte Despertar. E tinha lá o projeto “Fim de Semana com Música”, na comunidade de Paraisópolis. Era um projeto incentivado pela Lei Rouanet e tinha grande potencial de alcance social, porque a proposta era dar para as crianças da comunidade uma atividade aos sábados. A ideia da Arte Despertar era levar uma proposta que viabilizasse atividades, que inspirasse as crianças a se interessarem por música. (...) E o projeto foi uma enorme surpresa. (...) Isso foi em 2000 e continua até hoje. E é um projeto que conseguimos levar de forma bem estruturada, porque ele começou com o primeiro grupo, vieram outros e serviram para mostrar a música para as crianças, e quem gostou se profissionalizou e vive de música.

WILLIAM MALFATTI

A Arte Despertar foi fundamental na programação da comunidade em Paraisópolis. [...] No entanto, em relação às organizações do Terceiro Setor, é importante perceber que uma ONG não é uma empresa como outra qualquer. Por isso, acredito que só permanecerão as que realmente tiverem estabilidade em todos os sentidos, ou seja, que passem credibilidade no mercado. [...] Tínhamos na cabeça que precisávamos dar as melhores condições para os parceiros trabalharem conosco, tanto na parte física como na administrativa.

TELMA SOBOLH

Na época em que eu era presidente do JP Morgan, a ideia e a visão que eu tinha era que a nossa instituição apoiaria iniciativas e projetos nos quais nossos empregados pudessem participar ativamente, para viver uma experiência que acho importantíssima: sentir que todos nós fazemos parte de uma sociedade, e temos que ajudar as pessoas que precisam de ajuda. E que, no fim, participar na sociedade não é simplesmente fazer uma doação, é, de fato, se esforçar para entender os desafios das organizações que estão se propondo a criar valor no sentido social e, nesse contexto, participar ativamente e fazer com que esse trabalho produza resultados. E havia também um outro objetivo: através de um esforço dessa natureza, a equipe da instituição, no caso o JP Morgan, se identificaria com a natureza das organizações responsáveis pelos projetos através do trabalho em comum. Nada melhor que o trabalho realizado, de humanização em hospitais, que a Arte Despertar vinha fazendo, porque através desse trabalho entre os funcionários e a Arte Despertar, eles sentiram diretamente o que é trabalhar em conjunto para melhorar as condições, não só hospitalares, mas de vida de quem precisa. Isso deu um resultado fantástico em nível organizacional. Muito se falava na organização do trabalho que os funcionários faziam no fim de semana, de noite, das canções que eles cantavam, dos desenhos que faziam, e isso criava em toda a instituição JP Morgan um orgulho de fazer alguma coisa que está trazendo resultados importantes para outros seres humanos, para indivíduos doentes.

PATRICK CHARLES MORIN JR.

Houve um primeiro contato da Arte Despertar com a instituição. E eu fui chamada para isto, na qualidade de presidente do Comitê de Humanização. E, olha, trata-se de um namoro, noivado e casamento que estão dando muito certo até hoje. Porque de pronto nós nos identificamos muito com os valores, com as visões, então houve uma identidade muito grande. E a partir de então, quer dizer, nós tivemos os nossos primeiros encontros de apresentação mútua, a Associação nos mostrou o trabalho que gostaria de desenvolver aqui. Então o Comitê teve a autorização dos nossos superiores. E a Associação, na verdade, já traz uma equipe muito boa, então ela nos traz um cronograma relativamente fácil de implantar nas unidades. Para essa implementação também se ouviu a diretoria das unidades. E a partir de então temos feito reuniões regulares, mensais, comigo, e também com uma pessoa representando o local onde a Associação tem realizado suas atividades. E isto tem dado muito certo.

WILZE LAURA BRUSCATO

E a Arte Despertar teve início bem no momento em que se começava a comentar sobre humanização no meio hospitalar, isso faz mais de dez anos. A proposta começou naquele período, tanto é que na época tinha muito pouco desses momentos. (...) Na época, nós tínhamos um grupo aqui no Hospital das Clínicas que tinha a proposta de ajudar o paciente, só que com necessidades básicas, não tinha nenhum grupo que pensasse na questão do paciente, principalmente da criança.

CÉLIA YUKIKO OSATO

Esperamos que essa parceria com a Arte Despertar se mantenha, temos muito interesse em dividir esse espaço aqui com um projeto que está dando muito certo. Então gostaríamos também de aproveitar para agradecer o esforço, a colaboração, porque estamos tentando fazer algo que puxe para o mesmo lado, que é curar as crianças e fazê-las sair daqui vitoriosas e enfrentar o resto das vidas como cidadãos competentes.

ANTONIO SÉRGIO PETRILLI

A parceria entre o escritório De Goeve Advogados Associados e a Arte Despertar começou há tempos e foi resultado de um laço de amizade. Durante uma reunião, eles me contaram como era o trabalho que realizavam e eu achei maravilhoso, muito bem desenvolvido e sério.

Interessei-me pela causa e achei que deveria dedicar um tempo para trabalho pro bono, forma de trabalho voluntário na qual a atividade é exercida com caráter e competências profissionais, mas sem remuneração.

ENRIQUE DE GOEVE NETO

Acho os projetos muito interessantes e eficazes, e isso é possível perceber pelos resultados e aceitação dos parceiros e patrocinadores. A resposta das entidades que abrem as portas para o trabalho da Arte Despertar e dos beneficiados traduz o quanto a instituição está ajudando e é útil para o ser humano. Inclusive, em alguns hospitais a Arte Despertar está há anos, o que comprova o quanto seu trabalho é efetivo.

LÚCIO DE CASTRO ANDRADE FILHO

SUSTENTABILIDADE

Acho que estamos num momento muito melhor do que dez anos atrás. Tem uma curva de aprendizado aí valiosa e tem projetos muito bons a serem olhados. Acho também que as empresas estão mais conscientes de que precisam envolver-se de alguma forma e este é um dos grandes aprendizados que aconteceu. A evolução que houve foi que as empresas passaram a acompanhar melhor a utilização desses recursos e esse é o grande avanço. As empresas encontraram oportunidades de inserir as pessoas nesses projetos. Para a marca da empresa, lá na ponta, faz bem, e para o espírito da empresa também. (...) As empresas estão colocando essas questões como metas corporativas.

Esses recursos foram destinados para a comunidade e mexeram com as pessoas diretamente. Então ele foi um projeto que não se limitou em promover a cultura, que é a essência da Lei Rouanet, mas ele causou um impacto social.

A partir daí, fomos convidados a fazer palestras sobre nossa parceria e sobre como era o projeto. Então eu tive a oportunidade de participar com a Arte Despertar em duas palestras que fizemos para apresentar o projeto para outras empresas. E as pessoas se surpreendiam com este formato de utilização da Lei naquele momento. Foi especial. Era fácil você aderir a um projeto como esse. E eu acho que essa questão do aproveitamento do incentivo fiscal, nesse projeto, foi um exemplo. Um exemplo porque ele é válido para hoje ainda, nove anos depois. É um projeto que tem uma validade presente, ele ainda é um símbolo.

WILLIAM MALFATTI

As dificuldades que enfrentávamos eram sair de mãos abanando de diversos contatos. Tivemos sucessos também, mas era de certa forma frustrante levar um trabalho tão maravilhoso e não conseguir um investidor.

JOSÉ FERRAZ FERREIRA FILHO

Então, para a sustentabilidade, no começo o intuito era captar patrocínio para fazer a Arte Despertar girar. Em seguida, foi o projeto incentivado, no qual, em vez de pagar impostos, investia-se em projetos. E agora, o mais bacana, é a venda de produtos. A Arte Despertar é uma empresa em que se vende produtos e se tem o encontro de interesses entre o Terceiro Setor e a iniciativa privada, as empresas. (...) Esse produto me interessa, portanto compro esse produto como um negócio. Um negócio sem fins lucrativos. Acho que esse é o ápice da sustentabilidade da Associação.

DARIO FERREIRA GUARITA NETO

Quando você doa para um hospital, por exemplo, eu sei que foi para uma finalidade específica. Assim, para a Arte Despertar, pensamos em diferentes formas para isso e foi criado um fundo específico, do qual sairia uma verba para a Associação. Uma parte desse rendimento seria voltada sempre para ela, independente da variação. E isso funcionou bem, ou seja, com retirada duas vezes ao ano. É um valor que tem importância para a Arte Despertar e temos o compromisso de continuar com ele. Em primeiro lugar, o modelo precisa ser sustentável. Não adianta você ganhar cinco mil reais de salário e querer doar quatro, porque não vai funcionar. Tem que ser algo verdadeiro, que caiba no orçamento. Assim, para o modelo ser bem feito, é preciso estipular um número fixo. Além disso, como o fundo não é agressivo, quando pensamos em longevidade é preciso pensar em moderação, ou seja, com uma rentabilidade boa, mas sem correr muito risco, já que desse fundo você terá um ganho do qual será retirado um percentual estabelecido previamente.

Por isso, manter tudo dentro de uma estrutura conservadora é o que faz dar certo. Podem ser valores muito grandes ou pequenos, o importante é que a conta esteja dentro de uma realidade familiar ou individual e que tenha durabilidade.

HELOISA GUARITA PADILHA

Ficamos entre a cruz e a espada por ter os ovos em uma só cestinha, porque se algum parceiro muda de ideia, o que eu vou fazer? Então, muitas vezes se perde, e as maiores angústias são sempre quando revalidamos um contrato.

O sofrimento de ficar sem dinheiro passamos todo ano, é normal. Vamos consolidando a credibilidade a partir do momento que esses investidores veem resultado e se sentem participativos, a partir do momento que a empresa vem buscar resultados positivos com as organizações.

VALDIR CIMINO

Então, são pessoas que vieram do mundo empresarial e trouxeram para a organização uma rede de contatos muito interessante. E, logo, apoios muito significativos surgiram. Apesar de serem apoios bastante fortes, não há em lugar nenhum uma garantia de ficar por muito tempo. Então, na época, a questão era como tornar isso sustentável, como a organização iria dividir melhor os ovos na cesta, porque tinha um ou dois patrocinadores fortes. A maior parte do orçamento estava centralizada em uma ou duas grandes fontes de financiamento. Então tinha essa preocupação, você tem a cesta lá e, se cai, tem um sério problema de sustentabilidade. Fomos chamados naquele momento, para olhar essa questão. A sustentabilidade não passa simplesmente pelo âmbito financeiro. Ela passa por uma série de outros que, somados, vão trazer a sustentabilidade para a organização.

ROGÉRIO MAGON

Foi um trabalho bom de conscientização para descentralização, porque a Regina centralizava e ao mesmo tempo sem ela não funcionava. E ao longo do trabalho ficou claro que isso era um problema para a sustentabilidade. Portanto, foi importante para a evolução da Arte Despertar.

GUILHERME VIDIGAL ANDRADE GONÇALVES

Essa foi sempre uma preocupação que eu coloquei para a Regina, porque obviamente as empresas procuram se colar em um objetivo de imagem ao fazer ações como essa, isso é legítimo. O segredo está em saber como usar isso, e sempre tivemos esta responsabilidade de não deixar o marketing ser maior que a ação e não ter essa desproporção. O marketing é uma consequência da grandiosidade do projeto. Não queríamos usar o projeto como um trampolim para fazer uma propaganda. Tinha um envolvimento, e o projeto era um exemplo para outras empresas, marcava presença na comunidade e levava as crianças até a empresa para terem o trabalho delas valorizado. Aumentamos o projeto para um CD e as crianças até gravaram um em estúdio.

WILLIAM MALFATTI

Então começam a existir as empresas que têm um profundo equilíbrio entre o social, o econômico e o ambiental. Não mais como algum diferencial, mas como uma necessidade de ser para poder existir. As empresas que surgem agora estão num mundo novo, onde o consumidor demanda. É um estágio que exige uma mudança de hábito do consumidor final, e isto é um tema difícilimo. As empresas que não estiverem com esse equilíbrio bem feito começarão a perder competitividade. E dependendo do setor, acho que as organizações que ganharam muito destaque no mercado são as não governamentais, que hoje em dia fazem parte da discussão da sociedade de uma forma extremamente importante. A força que elas têm é muito grande e a capacidade de influência é muito forte.

DARIO FERREIRA GUARITA NETO

Toda instituição do Terceiro Setor tem um grande desafio, que é a sustentabilidade, seja financeira, seja um projeto bem montado, que dê para multiplicar. A Arte Despertar, na minha visão, está ciente dos dois desafios e está trabalhando nos dois, financeiro e de sustentabilidade no contexto do projeto. Os maiores obstáculos ou um dos grandes problemas em boa parte das organizações do Terceiro Setor é se verem assistencialistas. A Arte Despertar não se vê assim, ou seja, não tem limite o trabalho que pode fazer, já que ela está focando no treinamento e no preparo de intermediários que vão trabalhar com quem vai ser beneficiado no final da cadeia. As outras ONGs, uma grande parte delas, trabalham diretamente com o beneficiário final e isso cria uma necessidade de recursos humanos e financeiros muito grande, que muitas vezes é difícil desenvolver. A Arte Despertar não, tem um foco muito mais interessante, está focando nos intermediários hoje, grande parte em hospitais, as enfermeiras, os médicos etc., ajudando-os e treinando-os no contexto da humanização de hospitais e levando-os a fazer o trabalho com seus colegas, com outros colegas, para o efeito multiplicador acontecer.

Então eu acho que o modelo da Arte Despertar é muito interessante e leva a ter sucesso sem estar constantemente precisando de mais recursos, sejam humanos ou financeiros, porque isso vai acontecer quase naturalmente.

PATRICK CHARLES MORIN JR.

E eu tenho impressão que para essa nova fase da Arte Despertar esse será o grande mote.

JOSÉ FERRAZ FERREIRA FILHO

Nós somos parceiros no Congresso de Humanização. Essa é a maior parceria, em que trocamos informação, compartilhamos e produzimos o evento. Nós abraçamos essa causa porque, se você fortalece a causa, você fortalece todas as ONGs que estão ao redor.

VALDIR CIMINO

Tenho ideia sim da importância do trabalho jurídico que desenvolvemos para Arte Despertar. Também acredito na importância da contribuição para um mundo melhor. Todo exercício bem feito, com espírito de transparência, qualidade técnica e honestidade colabora para melhorar o mundo. Acredito que nós, profissionais liberais, temos capacidade para contribuir para melhorar o mundo e a vida das pessoas. Se cada um melhorar o que faz, o mundo caminha junto.

ENRIQUE DE GOEYE NETO

Minha expectativa é que seja, de fato, uma instituição relevante no contexto da sociedade brasileira, que saia de São Paulo um dia e consiga atingir o Brasil inteiro com seus produtos, e continue transformando a sociedade com essas características que vimos nos últimos dez anos. Eu não tenho a expectativa de que veremos um dia qual é o exato valor daquilo que fazemos, mas que conseguiremos saber que esse tipo de proposta promove uma mudança muito importante em quem está recebendo esse trabalho. E com isso, esperamos que um dia consigamos virar uma política pública. É isso que espero para os próximos anos.

DARIO FERREIRA GUARITA NETO

Eu concordo com o que ele falou, mas, um dos desafios é procurar descentralizar a liderança da Regina nos próximos dez anos. Eu teria essa meta, que é super importante para perpetuar a Arte Despertar, além de transformar esse trabalho todo em algo replicável. Agora, quando vai ser feito, qual a abrangência disso, não sei. [...]

GUILHERME VIDIGAL ANDRADE GONÇALVES

Uma força bem atual, está aqui a prova, que são vocês. Jovens empresários que estão chegando hoje na liderança das organizações e que vêm com uma outra cultura, uma cultura diferente das gerações anteriores, que não se preocupavam com essas questões, que viviam um outro período econômico, que não tinham esse tipo de preocupação. Hoje, essa nova geração de empresários e executivos já vêm com essa cultura, já ouvem isso desde criança, já fazem parte da cultura.

Então isso é um ganho que vem de forma natural. Uma segunda força muito importante é a sustentabilidade do planeta. Os empresários estão vendo que

não adianta tapar o sol com a peneira, o planeta está consumindo o restinho dos seus recursos, que se a gente não souber dar uma freada nisso e trabalhar de uma forma mais humana, mesmo que deprede menos, não vai ter planeta para uma próxima geração. Então essa é uma força que está impulsionando bastante, ela pega inicialmente a questão ambiental, mas passa pela questão social fortemente. E a terceira força é a sociedade. Que apesar de você estar falando que é difícil mudar hábitos de consumo, pelo menos uma parte da sociedade já sabe que não pode comprar aquele produto que não tem aquele selo e tal. Ainda não é uma mudança grande porque o mercado não se regulou dessa forma, mas já existe um bom nível de consciência da sociedade para empresas que atuam de forma correta. Então eu acho que essas três forças ajudam muito essa questão e favorecem. E a quarta força é essa que você falou, com a possibilidade que vem no bojo da volta da democracia para o Brasil, a possibilidade de expressão democrática das associações, das ONGs e tudo mais. Isso veio da nova constituição para cá. Antes de 1988, meia dúzia de pessoas reunidas em uma associação dava cadeia. Nós aqui, antes de 1988, seríamos acusados de comuna, de esquerda. Então acho que isso veio daí para cá e mudando muito. A sociedade, quer organizada ou não, já está de olho. Ainda é incipiente? Claro, é um projeto novo, que não tem 20 anos. Mas já dá sinais. Você vê que hoje não se fica tão impune como antes. Você tem a sociedade e a mídia podendo se expressar, as coisas não acontecem assim, sem que a sociedade fique sabendo. [...]

Eu não estou no dia-a-dia da organização, eu não estou familiarizado com o planejamento mais recente, mas eu vejo assim, também, como o Guilherme está falando. É o desafio da liderança, da sucessão, porque hoje são dez anos de muito impulso da Regina. Que cara vai ter essa instituição daqui para frente, como ela vai estar nos próximos anos? Como é essa transição de um período pioneiro para uma organização mais madura, que tem o seu trabalho vinculado com os princípios do pioneiro, mas sempre tendo uma gestão que possa ser compartilhada por várias pessoas? Acho que esse continua a ser um desafio muito grande.

ROGÉRIO MAGON



NÃO SE DESCOBREM NOVAS TERRAS SEM CONSENTIR

EM PERDER A PRAIA DE VISTA POR UM LONGO TEMPO.

André Gide

6

ONTEM, HOJE E AMANHÃ
REGINA VIDIGAL GUARITA

Sê a mudança que
queres ver no mundo

MAHATMA GANDHI (1869-1948)

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Que indivíduos são esses que no decorrer desses dez anos investiram tempo e conhecimento na Associação Arte Despertar? O que os motivou a se comprometerem com a sua missão: despertar a potencialidade de indivíduos por meio da arte e da cultura, possibilitando o exercício de ações transformadoras?

Certamente fazem parte de um grupo privilegiado de cidadãos partidários do entendimento de que a transformação positiva de cada indivíduo é responsável pela mudança da sociedade, do mundo.

ONTEM

A Arte Despertar, na sua concepção, privilegiava crianças em comunidades de baixa renda e em hospitais.

Em seguida, naturalmente, foram engajados neste rol de beneficiários, adolescentes, jovens e adultos. Adultos porque acompanhavam suas crianças nos hospitais, e adolescentes e jovens porque se interessavam pelas propostas de arte e cultura oferecidas nas comunidades.

A prática social exigia responsabilidade, mas a persistência surgia como elemento imprescindível na conquista de resultados.

A falta de modelos de gestão jurídica, financeira e social obrigava os profissionais envolvidos no dia-a-dia dos projetos a usar de muita criatividade na busca de boas estratégias e soluções próprias.

Neste momento as ações da Arte Despertar se circunscreviam a um público ainda reduzido, porém engajado, fiel e observador em relação ao caráter transformador das propostas.

Passados dez anos, o compromisso da Associação para com a sociedade exigiu um repensar para fazer frente às novas expectativas e demandas, a começar pelo conceito de sustentabilidade que se instaurou como prerrogativa máxima para a perenidade de qualquer instituição do Terceiro Setor.

Neste sentido, para a sustentabilidade da Arte Despertar, é criada uma tecnologia social, resultante da sistematização de uma metodologia consolidada durante dez anos em hospitais e comunidades e cujas características refletem o perfil da sociedade atual, ou seja, a capacidade de disseminação, o baixo custo e o fácil entendimento na sua aplicação.

A criação da Tecnologia Arte Despertar (TAD) ampliou a linha de ação da Associação. Além de surgir como um elemento de sustentabilidade financeira, já que foi desenhada para ser um produto e caracterizada como uma prestação de serviço, a TAD se propôs a disseminar e implantar sua metodologia em hospitais em consonância com a Política Nacional de Humanização e em comunidades de baixa renda, na formação de educadores.

Para a construção da nova linha de ação, foi necessário agregar profissionais Arte Despertar que estivessem em sintonia com a construção da nova proposta e que tornassem suas experiências individuais em experiências coletivas. O comprometimento e a participação de todos como equipe era essencial para o êxito do novo propósito.

No início, projetos-piloto facilitaram o entendimento e o engajamento dos profissionais. A diversidade de parcerias proporcionou o contato com propostas congêneres, fortalecendo a equipe em competência e vivência. A prática do dia-a-dia gerou um conhecimento importante, que uma vez sistematizado tornou-se conteúdo da Tecnologia Arte Despertar. Para acompanhar os resultados foram criados métodos avaliativos e indicadores.

HOJE

O importante é que a Arte Despertar está conosco não apenas olhando para o nosso paciente e para o familiar do nosso paciente, mas também para o profissional da saúde. E isto, para nós, é muito importante, cuidar de quem cuida.

WILZE LAURA BRUSCATO

O trabalho de humanização junto aos profissionais da saúde é de extrema importância, e além de trabalhar o emocional, dá animo e incentivo a lidar com os seus pacientes e oferecer um cuidado melhor. Então, de forma indireta, os pacientes também são beneficiados nesse processo.

CARLOS VICENTE SERRANO JUNIOR

A Arte Despertar está fazendo e vai fazer um trabalho importantíssimo para a sociedade. Interessante é que nem sempre vamos ver lá de fora esse trabalho, porque é um trabalho que está sendo feito em outro nível, com os médicos, enfermeiras etc., mas de impacto muito grande em hospitais.

PATRICK CHARLES MORIN JR.

AMANHÃ

A comunicação surgiu como elemento vital tanto para dar visibilidade e credibilidade à Arte Despertar na divulgação de suas ações, quanto na participação e comprometimento dos profissionais no compartilhamento de ideias e de opiniões, fortalecendo capacidades.

Daqui para a frente, após anos de exercício de uma prática cujo objetivo maior foi valorizar o indivíduo, a Arte Despertar quer ampliar o espectro de suas ações, atingindo e fortalecendo a quem mais precisa não apenas na promoção de seus direitos, mas também na criação de um novo perfil, do protagonista e do crítico experiente, capaz de favorecer o desenvolvimento social, o cidadão!

Para tanto, a Associação pretende divulgar a Tecnologia Arte Despertar e implantá-la onde haja espaço para a transformação deste cidadão, seja em ambientes de saúde, de educação ou no meio empresarial, cumprindo assim seu papel na criação de uma sociedade capaz de projetar um futuro promissor.

Esta evolução retratada da Arte Despertar só foi possível graças ao comprometimento de seus associados, conselheiros, diretores, parceiros, patrocinadores e profissionais da Associação, responsáveis pela conquista de resultados positivos. A estes deixo meu agradecimento.

Regina Vidigal Guarita
Diretora-presidente

OS PARCEIROS

A Associação Arte Despertar agradece a todos que acreditaram em sua causa e contribuíram para o seu crescimento, tornando seus projetos uma realidade.

COLABORADORES ARTE DESPERTAR

Adriana Freires Aragão
Adriana Maria Motta de Siqueira
Alberto Duvivier Ortenblad
Alcides de Lima Junior
Alcita Maria Coelho de Lima
Alessandra P. S. Peixoto
Alex Rosato
Amanda dos Santos Agostini
Amaury Costa Brito
Ana Cristina Simões Parente
Ana Emília C. Ribeiro
Ana Luisa Lacombe
Ana Maria Rodolpho Domingues
Ana Rosa A. Araújo Costa
André Pereira Lindenberg
André Vicino de Lucca
Andréa de Almeida Bossi
Andréa Mangabeira Faingezicht
Andrezza Medeiros Vieira da Silva
Angélica Costa Arechavala
Anna Carolina Loiacono
Bruno Almeida Silva
Camila Bigio Grynszpan
Camila Miccas
Célia Gomes Chaves
Chake Erkizian

Claudia Viri de Oliveira
Cleide Beatriz Masini Barbosa
Clodoaldo Aparecido Alves Silva
Conceição Aparecida da Costa
Cristiana Arantes Lanhoso
Cristiana Lima Gabriel
Cristiane Alves Silva
Cristiane Sayegh
Daniel Coelho Matos
Daniela Helena Biancardi
Daniela Rodrigues Flor
Débora Cristina de Melo Ramires
Débora Kikuti da Silva
Denis Henrique da Silva Duarte
Denise Garcia dos Santos Chaves
Diana Matsumoto
Edson Pereira de Luna
Elisabeth Belisário
Estevão Silva da Conceição
Everaldo da Silva Santos
Fabiane Cristina Matias Schwenkow
Fabiane da Silva Reginaldo
Fábio Nogueira de Matos Martins
Fábio Vieira Rodrigues Rosa
Fernanda Efigenia Ribeiro
Fernanda Kelly da Silva Brito

Fernando Nitsch Borges de Almeida
Gabriel Júnior
Gabriela Villaboim de Carvalho Hess
Geraldo Maria Orlando Filho
Graziela K. Kunsch
Helena Domingos
João Gomes da Silva
João Mauro
Joelma Correia de Andrade
José Henrique Reis de Menezes
Joyce Helena Bisca
Joyce Machado de Coimbra
Joyce Menasce Rosset
Juliana Leis Balsalobre
Juliana Yogui
Karin Michaelis Oppenheim
Karin Patrícia da Silva
Kelly Aparecida da Silva
Kelly Aparecida da Silva Jardim
Laura Dantas de Souza Pinto
Laura Finocchiari
Léa Pintor de Arruda Oliveira
Leila Garcia
Leila Yuri Sugahara
Letícia de Cássia Cocciolito
Lígia Cristina Dantas
Lígia Maria Camargo Silva Cortez
Lígia Nóbrega
Lilian dos Santos Magnani
Luciana Caldeira Viacava
Luciana de Sá Bertossi
Luciane Toffoli

Luís Roberto Soares dos Santos
Maicira Maria Oliveira Trevisan
Maíra Daniel Vaz Valente
Márcia Cristina da Silva
Marco Antonio da Silva
Marco Antonio Ramos Borneu de Abreu
Marco Aurélio de Araújo Silva
Maria Angela de Souza Lima Rizzi
Maria Christina de Souza Lima Rizzi
Maria das Graças Saturnino de Lima
Maria Fernanda Cardoso Santos
Maria Graziella Guarita
Maria Helena da Cruz Sponton
Maria Helena Webster
Maria Stela Fortes Barbieri
Maria Tereza Estrabon Falabella
Marília Pontone Hellmeister
Marilisa Galvão Basso de Oliveira
Marina Quinan
Marllon Brando Feitosa Chaves
Marta Labriola Sandler
Mauricio Anacleto
Milena de Marco
Murilo Krammer
Nadia Ferreira Esteves Tadema
Orlene Queila de Oliveira
Paula Galasso
Paulo Fernando Dias de Toledo Pitombo
Priscila Basile de Moraes Leme
Rafael Galli
Rafael Masini Barbosa
Regina Vidigal Guarita

Renata Flaiban Zanete
Renata Munhoz Martins
Renato Tocantins Sampaio
Ricardo Marques de Souza
Rita de Cássia Demarchi
Roberta Delizoicov
Roberta Maia Sessa Frederico
Roberta Paola Parente
Rodrigo Dionisio
Rodrigo Y. Castro
Rosana Errico
Rosângela Almeida
Samara Ferreira
Sandra Urizzi Lessa
Silvana Abreu
Sílvia Cristina Roque Mascarenhas Cruz
Sílvia Regina Monteiro
Simone Moerdaui
Solange Salva
Sonia de Almeida Sampaio Teixeira
Sonia Lazara Biroli de Medeiros
Sonia Silva
Tâmara David de Oliveira Sousa
Tânia Marilis de Oliveira Piffer
Telma Helena dos Santos
Tereza Simonsen de Ferraz Ferreira
Thelma Löbel
Urga Maíra Cardoso
Vinícius Spinelli Peixinho
Viviane Xavier Marques

PARCEIROS (PESSOAS FÍSICAS)

Alberto Malta de Souza Campos
Aléssio Calil Mathias
Alexandre Grynberg
Alexandre Negrão
Alice Ferreira
Alvaro Cesar Ferrari
André Mesquita
André Sobral
André Victor Neuding
Andreia da Silva Silveira
Anna Cecília Pinheiro Malta Campos
Antonio Augusto Abreu Sampaio
Antonio Carlos Vidigal
Camila Vieira Santos
Carlos Alberto Gramani
Carlos Vicente Serrano Junior
Celina Ida de A. S. Campello
Celso Clemente Giacometti
Cristiano Biagi
Dalva Funaro Gasparian
Daniel Vianna Silveira
Dario Ferreira Guarita Filho
Dario Ferreira Guarita Neto
Dinah Portugal Gouvea
Dora Guarita Levy
Edith Geribello
Eduardo Junqueira da Motta Luiz
Eduardo Vidigal Andrade Gonçalves
Eleonora Pitombo
Fabiana Fagundes

Fabio Noto
Fernanda Niemeyer
Flora Romanzoni
Gastão Augusto Bueno Vidigal
Gastão de Souza Mesquita
Gilberto Dantas
Giordano Biagi
Gisela Guarita Levy
Giselle Cicotti
Guilherme Vidigal Andrade Gonçalves
Heloisa Guarita Padilha
Henrique Lacerda de Camargo
Ibsen Augusto Ramenzoni
Irineu Ferman
João C. Marchesan Filho
José Alberto Tozzi
José Benedito Rodrigues Júnior
José Ferraz Ferreira Filho
José Roberto Opice
José Romeu Ferraz Neto
Josefa Rodrigues
Laura Suarez Gomes
Lágia Souto Vidigal
Luciana Freitas Pupo Nogueira
Luciano Sapata
Lúcio de Castro Andrade Filho
Luis Eduardo da Costa Carvalho
Luiz Eduardo Campello Filho
Luiz Fonseca de Souza Meirelles Filho
Luiz Martins
Luiz Masagão Ribeiro
Luiz Vicente Barros Mattos Jr.

Lygia Fonseca Vidigal
Manoel Carlos da Costa Santos
Marcia Maria Abreu V. Pinheiro
Marcos Lima de Freitas
Maria Beatriz Portugal Gouvea
Maria Carolina Sapata
Maria da Penha F. da Cruz
Maria Eugênia Saldanha
Maria Helena Ribeiro do Valle
Maria Lúcia Ferlini
Maria Nadir Azevedo de Moraes
Maria Virginia Leardi
Marília Fernanda Correia S. Pedroso
Marina Brant de Carvalho
Marina Brito Gonçalves
Marina Mendes Bassalo Mesquita
Maurício Souen
Maurílio Biagi Filho
Maurício Pompéia Fraga
Ney Castro Alves
Olívia Gonçalves Messa
Orlando Giácomo Filho
Patrícia de Queirós Mattoso
Patrick Charles Morin Jr.
Paulo Augusto Ramenzoni
Paulo Brasil Moraes F. Velloso
Paulo Brito
Paulo de Tarso C. Opice
Paulo Guaspari
Raquel Carvalho Oliveira
Reinaldo Marques
Renata Camargo Nascimento

Renata Cavalcanti Biselli
Roberto A. Gomes Dantas
Roberto Jaime Engels
Roberto Pereira de Almeida Filho
Robertson Emerenciano
Rosa Helena M. Pinheiro
Ruy Simões Pinto Jr.
Sandra Alves Silva
Sérgio Paula Souza Caiuby
Sheila Lyrio
Simone Guaspari
Sônia da Cunha Bueno Vidigal
Stefan Neuding Neto
Suzana C. Scuracchio
Tania Morin
Teresa Guarita Grynberg
Tereza Proença
Terezinha Gotti
Vera Inês Marmo Masagão Ribeiro
Verônica Tutundjian
Victor Artur Renault
Virgínia Garcia de Souza
Viviane Cohen Nascimento

PARCEIROS (PESSOAS JURÍDICAS)

Aldeias Infantis SOS de Rio Bonito/SP
Associação Crescer Sempre
Associação Santo Agostinho (ASA)
Associação Viva e Deixa Viver
Associação Viver em Família para um Futuro Melhor
Banco ABC Brasil
Banco Indusval Multstock
Banco Mercantil Finasa
Banco Pecúnia SA
Banco Sudameris
Bandeirante Energias do Brasil
Banespa SA
Biblioteca Anne Frank
Biblioteca Hans Cristian Andersen
Boehringer Ingelheim do Brasil Química e Farmacêutica Ltda
Brasmetal Waelzholz SA - Indústria e Comércio
CBI Indústria e Comércio Ltda
Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB)
Centro Cultural Herman Gmeiner
Centro Cultural Rebouças
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitaria (CENPEC)
Centro de Voluntariado de São Paulo (CVSP)
Coelho da Fonseca Empreendimentos Imobiliários
Colégio Santa Cruz
Companhia Agrícola Usina Jacarezinho
Companhia Melhoramentos Norte do Paraná
Comunitas - Parcerias para o Desenvolvimento Solidário
Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA)
Construções e Comércio Camargo Corrêa SA

De Goeve Advogados Associados
Deloitte Touche Tohmatsu Auditores Independentes
Epanor Lecca SA
Escola Estadual Maria Zilda Gamba Natel
Escola Habitat
Espaço Cachuera
Estúdio 185
Estúdio Colírio
Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP)
Fundação Bienal de São Paulo
Fundação Faculdade de Medicina
Fundação Julita
Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD)
Galo SA
Goldman Sachs do Brasil Corretora de Títulos e Valores Mobiliários SA
Gráfica Igupe
Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (GRAACC)
Grupo Ultra
Guarita Associados
Gusmão & Labrunie
Hedging-Griffo Asset. Management SC Ltda
Hedging-Griffo Corretora de Valores SA
Hospital da Criança Nossa Senhora de Lourdes
Hospital e Maternidade São Lucas (Diadema/SP)
Hospital Geral de Guarulhos
Hospital Israelita Albert Einstein
Hospital Maternidade Jesus José e Maria (Guarulhos/SP)
Hospital Municipal da Criança (Guarulhos/SP)
Hospital Municipal de Urgências (Guarulhos/SP)
Hospital Nossa Senhora de Lourdes
Hospital Stella Maris (Guarulhos/SP)
Instituto Alfa de Cultura

Instituto Arte na Escola
 Instituto Camargo Corrêa
 Instituto Criar de Cinema e TV
 Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas (IOT)
 Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP)
 Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (InCor – HCFMUSP)
 Instituto Fonte
 Instituto Itaú Cultural
 Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social (IMPAES)
 Instituto Tomie Ohtake
 Intercode Tecnologia
 Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo
 Itaú Seguros SA
 Jardim Botânico de São Paulo
 Jardim das Esculturas/Parque da Luz
 JP Morgan
 Lecca SA
 Mahil Participações Ltda
 Mapfre Seguros
 Maringá SA - Cimento e Ferro Liga
 Markiodonto
 Mattos Filho, Veiga Filho, Marrey Jr. e Quiroga Advogados
 Mineração Buritirama SA
 Ministério da Cultura
 Ministério da Saúde
 Mosteiro São Geraldo
 Museu da Casa Brasileira
 Museu da Imagem e do Som (MIS)
 Museu da Língua Portuguesa
 Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP)
 Museu de Arte de São Paulo (MASP)

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM)
 Novartis Biociências SA
 Novartis Saúde Animal Ltda
 Novartis Seeds Ltda
 Núcleo Educacional da Santa Casa de Diadema
 Odontoclínicas
 Olivieri & Signorelli Advocacia
 Oxiteno Nordeste SA Industria e Comércio
 Parque Alfredo Volpi
 Parque Burle Max
 Peróxidos do Brasil Ltda
 Petrobras Petróleo Brasileiro SA
 Petróleo Ipiranga
 Pinacoteca do Estado de São Paulo
 Pôr do Som Produções Artísticas
 Posto de Orientação Familiar (POF)
 Prefeitura Municipal de Guarulhos
 Prefeitura Municipal de São Paulo
 PricewaterhouseCoopers
 Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (PECP)
 Projeto Arrastão
 RGNutri
 Secretaria da Saúde de Guarulhos
 Secretaria de Cultura de Guarulhos
 Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo
 SESC
 SESI
 Social Web
 Stan Desenvolvimento Imobiliário
 Stan Empreendimentos e Participações Ltda
 Teatro Alfa
 Teatro Brasileiro de Comédia

Teatro Brincante
 Teatro Célia Helena
 Teatro FUNARTE
 Teatro Padre Bento (Guarulhos/SP)
 Teatro Santa Cruz
 The Key Organizações e Marcas Cidadãs
 Theca Corretora SA
 Tiffany & CO
 Tostex Haddock Lobo
 UBS Pactual Asset Management
 UBS Pactual Corretora de Mercadorias
 União Brasileira de Vidros SA
 União Vidigal Participações Ltda

CURRÍCULOS DOS AUTORES

Eduardo Montechi Valladares

Pós-doutorando em História pela Unicamp. Doutor e mestre em História Social pela USP. Bacharel e licenciado em Filosofia pela USP e em História pela PUC-SP. Autor do livro “Anarquismo e anticlericalismo”, Editora Imaginário (2000), e coautor de “Revoluções do século XX”, Editora Scipione (1995). Corroteirista e consultor histórico do filme “Nós que aqui estamos por vós esperamos” (1999).

Rui Luis Rodrigues

Historiador formado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atualmente, realiza estudos de doutoramento em História Social na mesma Universidade.

Felipe de Souza Tarábola

Mestre em Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação da USP e especialista em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia de São Paulo. Graduado em Ciências Sociais e Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e em Jornalismo pela FIAM/FAAM. É vice-diretor, professor e pesquisador na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP.

0

IMPRESCINDÍVEIS UTÓPICOS

1

A NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: DO INÍCIO DA MODERNIDADE AO CONTEXTO QUE GEROU A ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR

2

O INDIVÍDUO E A ARTE DE RECRIAR-SE

3

DESPERTAR COM E PARA A ARTE

Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Professora Doutora do Departamento de Artes Plásticas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Coordenadora da Licenciatura em Artes Plásticas, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

4

UM POUCO DE NÓS

Maria Angela de Souza Lima Rizzi

Educadora, formada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, trabalha em projetos sociais desde 1990. De 2000 a 2007 atuou como coordenadora pedagógica e atualmente é pedagoga dos projetos na Associação Arte Despertar.

Maria Helena da Cruz Sponton

Arte-educadora e psicopedagoga. Professora convidada da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Coautora do livro “Educação Ambiental e Sustentabilidade”, editado pela Manole/USP. Consultora de Humanização do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP). De 1997 a 2007 atuou na coordenação pedagógica e atualmente é pedagoga dos projetos na Associação Arte Despertar.

6

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Regina Vidigal Guarita

Empreendedora social, idealizadora e diretora-presidente da Associação Arte Despertar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 A NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: DO INÍCIO DA MODERNIDADE AO CONTEXTO QUE GEROU A ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR

Rui Luis Rodrigues

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

BARBOSA, Lia Pinheiro. Significados do Terceiro Setor: de uma nova prática política à despolitização da questão social. *Sociedade e cultura* 9, 2006, p. 173-186.

BARON, Hans. *The Crisis of the Early Italian Renaissance*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1966.

DAGNINO, Renato, BRANDÃO, Flavio Cruvinel, NOVAES, Henrique Tahan. “Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social”. In: DE PAULO, Antonio (ed.). *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004, p. 15-64.

DAVIS, Natalie Zemon. “Ajuda aos pobres, humanismo e heresia”. In: IDEM, *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 23-61.

DELUIZ, Neise. “Formação do sujeito e a questão democrática em Habermas”. *Boletim Técnico do Senac* 21, 1995, p. 1-8.

FERNANDES, Rubem César. *Privado, porém público: O Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 3ª. edição, 2002.

_____. “O que é Terceiro Setor”. In: IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). *3º. Setor: desenvolvimento social sustentado*. São Paulo/Rio de Janeiro: GIFE/Paz e Terra, 2ª. edição, 2000, p. 25-33.

GODINHO, Vitorino Magalhães. *Os Descobrimentos e a economia mundial*. Lisboa: Editorial Presença, 2ª. edição ampliada, 3 vols., 1984.

HABERMAS, Jürgen. *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Tradução. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2ª. edição, 1994.

_____. “A revolução e a necessidade de revisão na esquerda. O que significa o socialismo hoje?” In: BLACKBURN, Robin (org.). *Depois da queda. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. Tradução. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª. edição, 1993.

_____. *Técnica e ciência como ideologia*. Tradução. Lisboa: Edições Setenta, 2009.

IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). 3º. *Setor: desenvolvimento social sustentado*. São Paulo/Rio de Janeiro: GIFE/Paz e Terra, 2ª. edição, 2000.

LUCAS, Marcílio Rodrigues. “Os sentidos e os limites da responsabilidade social empresarial: estudo de caso sobre os projetos do Instituto Algar”. *Habitus* 4, 2007, p. 37-53.

_____. “Um novo aperto no parafuso: o ‘terceiro setor’ e a estratégia de despolitização da ‘questão social’”. *Urutaguá* 13, 2007. Disponível em www.urutagua.uem.br/013/13lucas.htm, acesso em 9/9/2010.

ROSA, Maria Cristina. “Globalização e divisão territorial do trabalho: uma introdução à discussão das novas tendências na produção do espaço”. *Acta Scientiarum* 20, 1998, p. 115-119.

SCHILLING, Heinz. *Early Modern European Civilization and its Political and Cultural Dynamism*. Lebanon, NH: University Press of New England, 2008.

SIEBENEICHLER, Flavio Beno. *Jürgen Habermas, razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 3ª. edição, 1994.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIVES, Juan Luis. *De subventionem pauperum sive De humanis necessitatibus, Libri II*. In: C. MATHEEUSSEN et. al. (ed.). *Selected Works of Juan Luis Vives*, Vol. IV (Latin text, introduction, critical edition, translation and notes). Leiden: Brill, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. “A descoberta da economia-mundo”. Tradução. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 69, 2004, p. 3-16.

2 O INDIVÍDUO E A ARTE DE RECRIAR-SE Felipe de Souza Tarábola

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DAGNINO, E. (org) *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Edusp, 2009.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FOUCAULT, M. *Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho*. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOHN, M. G. *História dos movimentos sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, M. G. (org) *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAHIRE, B. *O homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LASCH, C. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

NISBET, R. *A sociologia como uma forma de arte*. In: Revista Plural. São Paulo: 7, USP, p. 111-130, 1º sem/2000.

SENNET, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

3 DESPERTAR COM E PARA A ARTE

Maria Christina de Souza Lima Rizzi

BARBOSA, Ana Mac. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: *Perspectiva*, 1994.

_____. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: Com Arte, 1998.

_____. (org). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1996.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

RIZZI, M.C.S.L. *Olho Vivo: arte-educação na exposição labirinto da moda, uma aventura infantil*. São Paulo: USP-SP, Tese de doutorado, 1999.

_____. *Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte*. In: BARBOSA. Ana Mac (org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 335-348.

4 UM POUCO DE NÓS

Maria Angela de Souza Lima Rizzi
Maria Helena da Cruz Sponton

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

AZEVEDO, D.M; SANTOS J.J. Relato de Experiência de Atividades Lúdicas em uma Unidade Pediátrica. *Revista Nursing*, v.78, n.7 novembro 2004.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: COM ARTE, 1998.

_____. Multiculturalidade na educação estética. In: www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/mee/meetxt3.htm. Acesso em março de 2010.

_____. *Dilemas da Arte/Educação com mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas*. In: _____. *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CALLIGARIS, Contardo. *Revista mal-estar e subjetividade*. Fortaleza v. 2, n. 2, p. 27–58. Set, 2002.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: UNESCO; MEC; Cortez, 1999.

EISNER, Elliot. Estrutura e mágica no ensino da Arte.
In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação: leitura no subsolo*.
São Paulo: Cortez, 1987, p. 77-92.

FERNÁNDEZ, Alicia. 2001. *O saber em jogo*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FISCHER, *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

FREIRE, Madalena. *Diálogos sensíveis: um espaço para a psicanálise na pedagogia Espaço Pedagógico*. São Paulo: 1, jul de 1998.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo, Cortez, 1982. _____.
Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. GADOTTI, Moacir.
Conscientizar para libertar. In: TORRES NOVOA, Carlos Alberto (Org.). *A práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado na Unicamp, Campinas/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001. <http://www.miniweb.com.br/atualidade/info/textos/saber.htm>. Acesso em maio de 2010.

MARTINS, Vânia Paiva. *A Humanização e o ambiente físico hospitalar*. Tese de mestrado. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2004.

MIRANDA, Danilo Santos de. As missões e o progresso. In: *Missão de pesquisas folclóricas: música tradicional do Norte e Nordeste*, 1938. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo; Secretaria Municipal de Cultura; Centro Cultural São Paulo. 2006.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processo de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PASCAL, Christine; BERTRAM, Tony. Desenvolvendo a qualidade em parcerias: *nove estudos de caso*. Porto: Porto Editora, 1999.

PIAGET, J. *Aprendizagem e conhecimento*. São Paulo: Freitas Bastos, 1979.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SACRISTAN, Gimeno. *Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

VYGOTSKI, Lev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.1974.

WINNICOTT, Donald. *Natureza humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

FRASES DOS CAPÍTULOS 1

SEATTLE (Chefe Índio). Preservação do meio ambiente: manifesto do Chefe Seattle ao Presidente dos EUA. São Paulo: Babel Cultural, 1987, p. 39.

2

PESSOA, Fernando; MARTIN, Claret; FONSECA, Cristina; BRUNO, J.C.. O Pensamento vivo de Fernando Pessoa. São Paulo: M. Claret, 1986, p. 82.

3

LOPES, Rodrigo Garcia. Vozes e visões - Panorama da arte e da cultura norte-americanas hoje. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996, p. 81.

4

VILLAMARÍN, Alberto J.G. Citações da cultura universal. Porto Alegre: Editora AGE, 2002, p. 174.

5

BARROS, Manoel. Retratos do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998, p. 15.

6

KAPLAN, Allan. O processo social e o profissional de desenvolvimento. Artistas do invisível. São Paulo: Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social e Editora Fundação Perópolis, 2005, p. 181.

PATROCINADORES

PESSOAS FÍSICAS E PESSOAS JURÍDICAS

André Victor Neuding

Carlos Alberto Gramani

Celso Clemente Giacometti

Dario Ferreira Guarita Filho

Dario Ferreira Guarita Neto

Gastão Augusto de Bueno Vidigal

Guilherme Vidigal Andrade Gonçalves

José Ferraz Ferreira Filho

Lúcio de Castro Andrade Filho

Luiz Eduardo Campello Filho

Luiz Fonseca de Souza Meirelles Filho

Luiz Vicente Mattos Jr.

Ney Castro Alves

Patrick Charles Morin Jr.

Sérgio Paula Souza Caiuby

Teresa Guarita Grynberg



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(CRB-8/6331, SP, Brasil)

Associação Arte Despertar

Arte Despertar: primeira década / autoria de Associação
Arte Despertar. – São Paulo : Arte Despertar, 2010.

ISBN 978-85-63880-00-0

1. Arte e Cultura 2. Inclusão Social 3. Saúde
4. Terceiro Setor I. Arte Despertar II. Título

CDD-360



arte despertar

Rua Helena, 309 cj. 11 - Vila Olimpia
São Paulo/SP - CEP 04552-050
projeto@artedespertar.org.br
www.artedespertar.org.br

ORGANIZAÇÃO

Arte Despertar

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Helena Domingos

Maria Helena Webster

AUTORES

Eduardo Montechi Valladares

Felipe de Souza Tarábola

Maria Angela de Souza Lima Rizzi

Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Maria Helena da Cruz Sponton

Regina Vidigal Guarita

Rui Luis Rodrigues

ASSESSORIA PARA O CAPÍTULO

UM POUCO DE NÓS

Maria Heloisa Corrêa Toledo Ferraz

ENTREVISTAS PARA O CAPÍTULO

A VISÃO DO LADO DE FORA

Lucas de Oliveira

Oficina da Comunicação Integrada

PESQUISA DE ACERVO

Claudia Viri de Oliveira

COPYDESK

Gipe Projetos Educativos Ltda

COORDENAÇÃO ICONOGRÁFICA

Helena Domingos

Regina Vidigal Guarita

PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

Guto Seixas

Acervo Arte Despertar

PROJETO GRÁFICO

Estúdio Colírio

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Colírio

REVISÃO

Caroline Franco

PRODUÇÃO GRÁFICA

GFK Comunicação



arte despertar

